

NOAH
FOGE
DE
CASA

CIA. DAS LETRAS

Do Autor de
O MENINO
do PIJAMA
LISTRADO

JOHN BOYNE

JOHN BOYNE

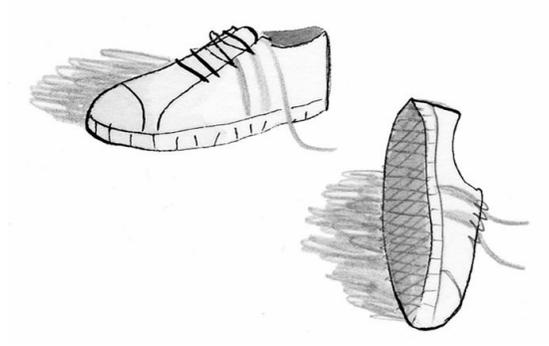
NOAH
FOGE
DE
CASA

Ilustrações:
OLIVER JEFFERS

Tradução:
EDUARDO BRANDÃO



Para Katie Lynch



A PRIMEIRA CIDADE

Noah Barleywater saiu de casa ainda cedo, antes do sol raiar, antes dos cachorros acordarem, antes do orvalho parar de cair nos campos.

Pulou da cama e enfiou a roupa que havia tirado do armário na noite anterior, contendo a respiração ao descer pé ante pé para o térreo. Três dos degraus sempre rangiam alto por não estarem bem assentados, de modo que pisou bem de leve em cada um deles, empenhado em fazer o mínimo barulho possível.

No saguão da entrada, pegou o blusão pendurado no cabideiro, mas só calçou os sapatos depois de sair de casa. Foi pela trilha do jardim até o portão, abriu-o, passou por ele, fechou-o de novo, andando tão de mansinho quanto podia, para seus pais não ouvirem o ruído do cascalho sob seus pés e descerem para ver o que estava acontecendo.

Ainda estava escuro àquela hora, o que obrigou Noah a forçar a vista para enxergar a estrada que ziguezagueava à sua frente. Quando clareasse, ele poderia perceber qualquer perigo que o espreitasse nas sombras. Ao chegar ao fim dos primeiros quinhentos metros, bem no ponto em que podia dar meia-volta e ainda avistar sua casa ao longe, viu a fumaça que saía da chaminé da cozinha e pensou em sua família lá dentro, todos seguros em suas camas, sem saber que ele os estava deixando para sempre. E, contra a sua vontade, sentiu-se um pouquinho triste.

“Será que está certo o que estou fazendo?”, pensou, enquanto uma grande nuvem de lembranças felizes tentava abrir caminho e apagar as recordações mais recentes e mais tristes.

Mas não tinha escolha. Não aguentava mais continuar em casa. E, claro, ninguém podia criticá-lo por isso. Em todo caso, provavelmente o melhor mesmo era ele ir embora e abrir seu caminho no mundo. Afinal de contas, já tinha oito anos, e a verdade é que até então não havia feito nada de importante na vida.

Um menino da sua turma, Charlie Charlton, saiu no jornal local quando tinha apenas sete anos, porque um dia a rainha veio inaugurar um centro para vovós e vovôs da cidadezinha e ele fora escolhido para entregar a ela um ramo de flores e dizer: “Estamos MUITO felizes que a senhora tenha vindo”. Tiraram uma foto em que ao entregar o buquê o Charlie ria como o gato da Alice e a rainha fazia uma cara de quem tinha sentido um cheiro esquisito mas era muito bem-educada para tocar no assunto; ele já tinha visto antes aquela expressão na cara da rainha, e ela sempre o fazia rir. A foto foi colocada no quadro de avisos da escola no dia seguinte e ficou lá até que alguém — *não* o Noah — desenhou um bigode em Sua Majestade

e escreveu umas palavras não muito educadas num balão que saía de sua boca, o que quase matou do coração o senhor Tushingham, o diretor.

Foi o maior escândalo, mas no fim das contas Charlie Charlton teve sua cara no jornal e por vários dias só se falou dele na escola. O que Noah tinha feito de comparável na vida? Nada. Bom, uns dias antes tinha tentado fazer uma lista com tudo o que fizera de importante, e olhe só o que anotou:

1. *Li catorze livros do começo ao fim.*
2. *Fui medalha de bronze nos 500 metros no Dia do Esporte do ano passado e teria sido prata se Breiffni O'Neil não tivesse começado a correr antes do tiro de partida e por isso levou vantagem.*
3. *Sei qual é a capital de Portugal. (É Lisboa.)*
4. *Posso ser pequeno para a minha idade, mas sou o sétimo mais inteligente da minha turma.*
5. *Sou craque em separar as sílabas.*

“Cinco coisas importantes aos oito anos de idade”, pensou quando acabou a lista, sacudindo a cabeça e apertando a ponta do lápis na língua, apesar de a sua professora, a senhorita Bright, sempre dar um berro quando algum aluno fazia isso, dizendo que iam se envenenar com o chumbo. “Uma coisa importante a cada...” Pensou bem e fez uns cálculos rápidos num pedaço de papel. “Uma coisa importante a cada ano, sete meses e seis dias. Muito pouco, quase nada.”

Tentou se convencer de que era por isso que estava saindo de casa, porque parecia muito mais ousado do que o motivo verdadeiro, que era uma coisa em que ele nem queria pensar. Pelo menos, não de manhã tão cedo.

E lá ia ele, entregue à própria sorte, um jovem soldado a caminho da guerra. Deu novamente meia-volta, pensando consigo mesmo, “É! Nunca mais vou ver aquela casa!”, e seguiu em frente, com o ar de um homem que sabe que na próxima eleição tem toda chance de ser eleito para a prefeitura. Era importante parecer confiante — ele já tinha percebido isso faz tempo. Afinal, os adultos tendiam a achar que um menino que estava na estrada sozinho devia estar planejando algum crime. Nenhum deles nunca pensava que podia ser apenas um garoto que estava indo conhecer o mundo e viver uma grande aventura. Os adultos eram tão bitolados! Esse era um dos seus muitos problemas.

“Tenho de olhar sempre para a frente, como se estivesse esperando encontrar um conhecido”, disse para si mesmo. “Tenho de me comportar como uma pessoa que tem um objetivo em mente, pois assim é bem menor a probabilidade de me pararem ou perguntarem o que estou fazendo. Quando avistar alguém”, continuou pensando, “vou apertar o passo, como se estivesse com muita pressa e tivesse a certeza de que levaria a maior surra se não estivesse lá para onde estava indo, na hora em que lá devia estar.”

Não demorou muito para entrar na primeira cidade. Quando chegou lá começou a sentir um pouco de fome, pois não tinha comido nada desde a véspera. Pelas janelas das casas que ladeavam a rua em toda a sua extensão emanava um cheirinho apetitoso de ovos com bacon. Noah lambeu os beiços e ficou de olho no parapeito das janelas. Nos livros que tinha lido, os adultos volta e meia deixavam ali tortas e

bolos, a fumaça ainda saindo da massa enfeitada, de modo que garotos famintos como ele podiam roubá-las. Mas ninguém parecia tão bobo assim naquela primeira cidadezinha. Ou vai ver não tinham lido os mesmos livros que ele.

Mas eis que de repente teve um golpe de sorte! Uma macieira apareceu bem na sua frente. Ela não estava ali um segundo antes — em todo caso, ele não a tinha visto —, mas estava agora, alta e orgulhosa na brisa da manhãzinha, seus galhos envergados pelas reluzentes maçãs verdes. Parou no ato e abriu um enorme sorriso, encantado com sua descoberta, pois gostava muito de maçã, tanto que sua mãe vivia a lhe dizer que se não tomasse cuidado ia acabar virando uma. (Se isso acontecesse, seu nome *com certeza* ia sair em todos os jornais!)

“Meu café da manhã!”, pensou, acelerando o passo, mas à medida que se aproximava da árvore, um de seus galhos — o que mais tinha se inclinado para ele — pareceu subir um pouco e ficar mais junto do tronco, como se soubesse que ele estava com a intenção de roubar um de seus tesouros.

— Que estranho! — disse Noah, hesitando um instante antes de tornar a avançar.

Dessa vez a árvore emitiu como que um grunhido, igual ao que seu pai sempre fazia quando lia o jornal e Noah ficava enchendo a paciência dele pedindo para saírem para jogar bola. E se ele não soubesse que isso era impossível, teria jurado que a árvore estava indo para a esquerda, afastando-se dele, seus galhos ainda mais juntos do tronco, suas maçãs tremelicando de medo.

— Não pode ser — falou, sacudindo a cabeça. — Árvore não anda. E maçã não treme *mesmo*.

Mas a macieira *se movia*, sim. Tinha quase certeza de que se movia. Parecia até estar falando com ele. Mas o que estava dizendo? Uma voz baixinha sussurrava do outro lado da cerca... “Não, não, por favor, não, eu te suplico, não, não...”

“Bom, chega de maluquice, já deu para esta hora da manhã!”, disse Noah para si mesmo, pulando na árvore, que imediatamente ficou imóvel quando ele a agarrou com seus braços e arrancou três maçãs — uma, duas, três — dos galhos. Depois pulou da árvore, enfiou uma maçã no bolso esquerdo, outra no bolso direito e deu uma mordidona triunfal na terceira.

A árvore não estava mais se movendo afinal; parecia no máximo um pouquinho inclinada.

— Ora, eu estava com fome! — gritou bem alto, como se tivesse de dar satisfações à macieira. — O que mais eu podia fazer?

A macieira não respondeu. Noah deu de ombros e foi embora, sentindo-se um pouco culpado mas sacudindo rapidamente a cabeça, como se com isso pudesse se livrar daquelas emoções e deixá-las para trás enquanto subia e descia as ruas calçadas de pedra da primeira cidade.

Mas naquele exato momento uma voz às suas costas o chamou:

— Ei, você aí!

Noah se virou e viu um homem andando ligeiro em sua direção.

— Eu te vi! — gritou o homem, apontando várias vezes um dedo nodoso para o

garoto. — O que acha que está fazendo, hein?

Noah parou um instante, depois girou nos calcanhares e saiu disparado. Não podiam pegá-lo tão rápido assim. Ele não podia deixar que o mandassem de volta para casa. E assim, sem um momento de hesitação, fugiu do homem o mais depressa que pôde, deixando atrás de si um rasto de poeira que subiu ao céu formando uma nuvem escura e fazendo chover pelo resto da manhã na primeira cidade, cobrindo os jardins e as plantações recentemente semeadas, fazendo os moradores tossir e espirrar horas a fio — um rasto de destruição pelo qual Noah nem percebeu ser responsável.

Só desacelerou quando viu que já não estava sendo perseguido, e foi então que notou que a maçã do seu bolso esquerdo tinha caído durante a carreira.

“Não tem importância”, pensou, “ainda tem uma no outro bolso.”

Mas não, também tinha perdido a outra, e nem a ouvira cair.

“Droga!”, pensou. “Pelo menos tenho uma na mão...”

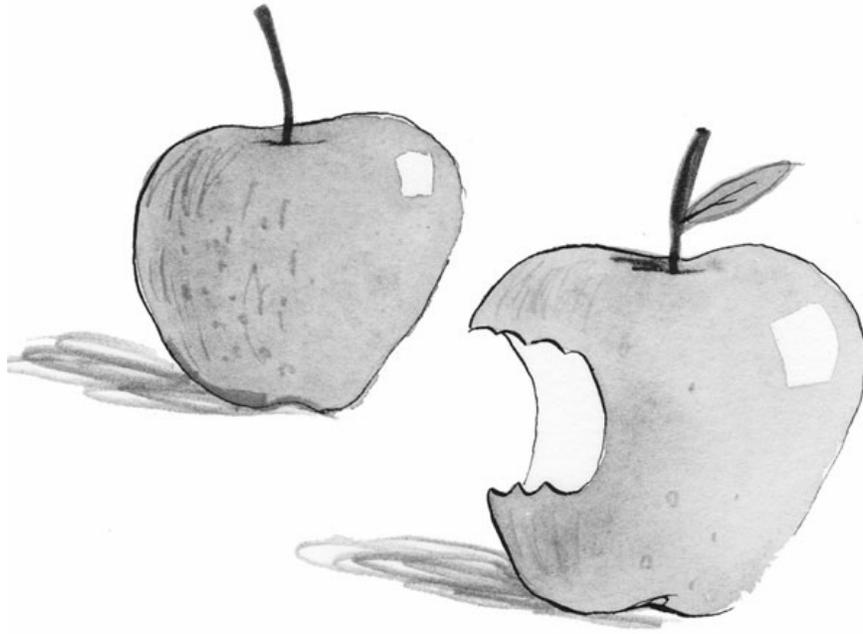


Fig. 1

Duas maçãs, uma
sem um pedaço

Mas qual o quê, aquela também havia desaparecido em algum lugar, e ele nem percebera.

“Que estranho!”, pensou, seguindo em frente, um pouco mais desanimado agora,

tentando esquecer a fome que sentia. Afinal, um pedaço de maçã está longe de ser um café da manhã suficiente para um garoto de oito anos, especialmente para um que está prestes a conhecer o mundo e viver uma grande aventura.

A SEGUNDA CIDADE

Levou muito mais tempo para chegar à segunda cidade do que havia levado para chegar à primeira.

Depois do que lhe pareceu uma longa caminhada, Noah viu a distância uma casa grande, com um telhado alaranjado brilhante, o que o lembrou de um passeio surpresa a que sua mãe o levava poucas semanas atrás, em que pararam para tomar uma xícara de chá acompanhada de um doce num pequeno café com teto de telhas na mesma cor berrante. Para sua alegria, tinha um fliperama num canto do café e ele marcou quatro milhões e meio de pontos na primeira tentativa, ficando em primeiro lugar no ranking da máquina e fazendo-a entrar num delírio de apitos e sinos.

“Foi outra coisa importante que fiz”, pensou, lembrando-se de como se sentiu feliz com aquele triunfo e como sua mãe ficou impressionada com ele, ainda mais quando ela foi jogar e não conseguiu marcar mais que trezentos mil pontos.

— O senhor viu isso? — ela perguntou para o homem que estava atrás do balcão, enxugando os copos com um pano sujo. — Meu filho fez quatro milhões e meio de pontos no fliperama!

— E daí? — disse o homem, como se aquilo estivesse ao alcance de qualquer um.

— Como “e daí”? — ela replicou, dando uma risadinha e olhando espantada em volta. — Ele pode se tornar campeão mundial um dia e aí o senhor vai contar pra todo mundo que ele começou aqui, no seu café.

— Que eu saiba não tem nenhum campeonato mundial de fliperama — disse o homem, que parecia não sorrir, e nem ter tido razão alguma pra sorrir, havia um bocado de tempo. — Não é propriamente um esporte.

— Andar vinte quilômetros também não — rebateu a mãe de Noah. — E no entanto dão medalhas pra isso nas Olimpíadas.

Noah deu uma risada na ocasião, porque gostou de ver sua mãe tão empolgada com algo que ele tinha feito, mas ficou surpreso ao notar que aquilo parecia tão importante para ela. (Na verdade, tudo naquele dia parecia muito importante para ela. — Não podemos perder um minuto — ela lhe disse quando saíram do café, olhando ao redor em busca de mais emoções. — O que vamos fazer agora?)

A segunda cidade era muito mais movimentada que a primeira, até porque o sol já tinha se levantado e os adultos estavam saindo para o trabalho com cara de quem teria preferido ficar na cama mais uma hora, sem a menor vontade de sair de casa. A maioria passou apressada por Noah, com suas pastas debaixo dos braços e

guarda-chuvas nas mãos, porque sempre esperavam o pior, mas um ou dois olharam-no desconfiados, sabendo que ele não era dali. Por sorte, ainda era cedo demais para que alguém ficasse curioso a ponto de o interpelar.

Ele examinou a rua de cima a baixo, se perguntando se também haveria um café ali, porque então quem sabe não poderia jogar outra partida de fliperama e, se marcasse tantos pontos que ficasse no topo da lista, quem sabe o dono do café não lhe ofereceria um belo café da manhã para congratulá-lo por seu magnífico feito. Não podia pagar por um, é claro, porque tinha decidido que não roubaria dinheiro da carteira de seu pai nem pegaria uns trocados na bolsa da sua mãe antes de sair de casa. Noah sabia que agir desse modo facilitaria um bocado as coisas para ele em suas aventuras, mas não queria que a última lembrança que seus pais tivessem dele fosse a de um ladrão.

Olhou para todos os lados, mas não viu nenhuma possibilidade de um café da manhã grátis, e de repente sentiu um súbito cansaço tomar conta de seu corpo por ter se levantado tão cedo e já ter andado tanto. Sem sequer considerar o quão grosseiro aparentaria para alguém que eventualmente o observasse, abriu os braços e se deu ao luxo de um tremendo bocejo. Seus olhos se fecharam, seus punhos se cerraram e, sem querer, acertou um soco no olho de um senhor baixote que passava por ali.

— Ai! — gritou o baixinho, parando na hora e esfregando o olho socado ao mesmo tempo que encarava com fúria o seu agressor.

— Minha nossa! — exclamou Noah rapidamente. — Desculpe, meu senhor. Eu não o vi.

— Além de me agredir você me insulta? — perguntou o homem, com o rosto ficando vermelho de indignação. — Fique sabendo que posso ser baixinho mas não sou invisível!

De fato, ele era um sujeito que chamava muito a atenção e não tinha nem a altura de Noah, que todo mundo dizia ser pequeno para a sua idade, mas que não se preocupasse, porque isso logo mudaria. O homenzinho usava um troço que parecia ser uma peruca preta, e que agora caíra no chão a seus pés; só que ao apanhá-la ele a pôs na cabeça de frente para trás, o que deu a impressão de que ele fosse alguém que estivesse indo pra lá em vez de estar vindo pra cá. Empurrava um carrinho de mão contendo um gatão cinza, que abriu os olhos por um instante, olhou para Noah com uma expressão que sugeria não achar valer a pena prestar atenção num menino banal como ele e voltou em seguida a dormir.

— Não era o que eu queria dizer — defendeu-se Noah, assustado com a raiva do homem. — Não quis nem agredir nem insultar o senhor.

— Pois fez as duas coisas e ainda por cima me atrasou. Que horas são, aliás? — Noah consultou seu relógio, mas antes que pudesse responder o homem soltou um tremendo de um berro. — Tão tarde assim! — gritou com voz furibunda. — Pílulas! Temos hora marcada no veterinário, e ele nunca atende quem chega atrasado. Ao contrário, bota a gente no olho da rua. Se fizer isso comigo, meu gato vai morrer. E

vai ser também por culpa sua. Você é mesmo um garotinho monstruoso. — Sua voz ficou mais grave e alta ao pronunciar essas duas últimas palavras e seu rosto ficou da cor de um rabanete estragado.

— Eu disse que sentia muito — replicou Noah surpreso, porque se o homem ia chegar atrasado no veterinário não se podia culpar Noah de jeito nenhum. Afinal, por sua causa o homem só tinha parado um instantinho. E se o gato morresse... bem, gato também morre, e ponto final. Aliás, a gata de Noah tinha morrido uns meses antes, e eles lhe deram um bonito funeral e ficaram muito tristes, mas continuaram tocando a vida. Sua mãe chegou mesmo a compor uma música ao violão sobre a gata, e a tocou enquanto eles cobriam a cova. Mamãe era ótima nesse tipo de coisas, pensou Noah sorrindo consigo mesmo. Ela não permitia que coisas tristes estragassem seu dia.

— E afinal, quem é você? — perguntou o homem inclinando-se para a frente e farejando o menino cuidadosamente, como se Noah fosse uma cumbuca de creme azedado que tinham deixado muito tempo no aparador e por isso havia estragado. — Não conheço você, conheço? O que o trouxe aqui? Não gostamos de estranhos em nossa cidade, sabe? Volte para o lugar de onde você veio, está ouvindo?, e deixe a gente em paz!

— Sou Noah Barleywater — respondeu Noah —, e só estava passando por aqui porque...

— Não me interessa! — cortou o homem, pegando de novo seu carrinho de mão e seguindo apressado seu caminho, sem parar de reclamar em alto e bom som.

“As pessoas não parecem muito amistosas aqui”, pensou Noah observando o homem se afastar. “E eu que achei que aqui seria o lugar indicado para começar minha nova vida.”

O incidente deixou um gosto amargo em sua boca, e daí em diante, enquanto ia cruzando a cidadezinha, convenceu-se de que todos estavam de olho nele, prontos para agarrá-lo e jogá-lo na cadeia. Foi quando avistou outro homem, de altura normal, sentado num banco a ler um jornal e balançando a cabeça tristemente, como se o desenrolar dos acontecimentos do mundo fosse uma fonte de grande dissabor para ele.

— Céus! — gritou o homem de repente, segurando o jornal com firmeza enquanto arregalava os olhos de incredulidade frente ao artigo que estava lendo. — Que absurdo!

Noah olhou para ele, hesitando por um momento antes de se dirigir ao banco e sentar-se ao lado do homem, perguntando-se o que ele achava tão inacreditável assim.

— Estou chocado! — disse o homem, sacudindo a cabeça. — Chocado da cabeça aos pés!

— O que foi? — indagou Noah.

— O jornal diz que várias maçãs foram roubadas numa árvore em... — Ele disse o nome da primeira cidadezinha por que Noah havia passado naquela manhã. — “A

árvore” — leu o homem — “estava tomando sua posição matinal costumeira quando um jovem meliante apareceu, vindo de lugar nenhum, e trepou na macieira, roubando três maçãs e fazendo uma quarta cair do galho e se espatifar no chão. A macieira e suas maçãs foram levadas para o hospital, enquanto os prejuízos eram calculados. Os médicos disseram que as próximas vinte e quatro horas serão cruciais”.

Noah franziu o cenho. A notícia tinha uma curiosa semelhança com a sua aventura naquela manhã, mas como ela tinha ocorrido no máximo umas duas horas antes, não era muito possível que já houvesse saído no jornal. E aquilo lá era notícia? Seu pai dizia que aqueles jornalecos não publicavam nada que prestasse, só um monte de fofocas sobre um punhado de pessoas para quem todo mundo se lixava.

— É o jornal de hoje? — perguntou Noah desconfiado.

— Claro — respondeu o homem. — Bem, é a edição da tarde, mas eu consegui uma cópia adiantada.

— Mas ainda é de manhã — comentou Noah.

— Que é o que faz desta uma cópia adiantada — disse o homem, irritado e virando a cabeça para observar o menino. Ele pôs os óculos um instante, depois tirou-os novamente. — Meu Deus do céu! — balbuciou, sua voz trêmula de medo.

Noah o encarou, sem entender o que o fazia parecer tão apavorado, e então entreviu um desenho logo embaixo da história do ladrão de maçãs. Um menino de oito anos, pequeno para a sua idade mas com uma bela cabeleira. Dando uma bela duma mordida numa maçã. “Como é possível?”, perguntou-se. Não havia ninguém por perto para vê-lo. Um bloco de texto aparecia em negrito sob o desenho:

MAIS SOBRE ESTA HISTÓRIA NAS PÁGINAS 4, 5, 6, 7, 14, 23 E 40. ATENÇÃO: ESSE MENINO É UMA AMEAÇA À SOCIEDADE E DEVE SE TOMAR O MAIOR CUIDADO AO FALAR COM ELE. O MELHOR É NÃO FALAR.

“Já me chamaram de coisa pior”, pensou Noah, mas o homem a seu lado não estava nem aí para isso, tanto que soltou o berro mais forte que podia.

— É ele! — berrou. — Pega ladrão!

Noah pulou do banco e olhou em volta, certo de que ia ser pego a qualquer momento, mas para sorte sua ninguém parecia dar bola para os gritos.

— Pega! — o homem continuou berrando enquanto ele saía disparado. — Pega! Ele está fugindo!

E assim acabou a segunda cidade para Noah. Ele correu, correu, até a cidadezinha virar nada mais que uma grande massa de construções desaparecendo na distância atrás dele, até desaparecer de vez e ele nem conseguir se lembrar mais o que havia causado tanto escândalo no fim das contas.

O SALSICHINHA PRESTATIVO E O BURRO FAMINTO

As coisas ficaram um pouco mais indistintas depois da segunda cidade. A estrada parecia cada vez mais imprecisa, com as árvores se fechando à sua frente, e em seguida se separando. Finalmente a luz invadiu aquela paisagem, permitindo que Noah enxergasse seu caminho, mas depois tudo ficou turvo de novo, obrigando-o a apertar os olhos para ter certeza de que estava no caminho certo.

Olhou para seus pés e ficou surpreso ao constatar que o caminho tortuoso havia sumido totalmente! Parecia que ele tinha se desviado da trilha original e entrado numa parte da floresta muito diferente de tudo por que passara antes. Aqui as árvores eram mais verdes, o ar tinha um cheiro um pouco mais agradável, a relva era mais densa e mais macia sob seus sapatos. Dava para ouvir o som de água corrente ali perto, mas quando olhou em volta surpreso — porque sabia que não havia nenhuma fonte perto da floresta —, a água silenciou imediatamente, como se não quisesse ser encontrada.

Noah parou e ficou imóvel por um instante, olhando para trás na direção da segunda cidade, mas era impossível enxergar o que quer que fosse a tamanha distância. Na verdade, a cidade parecia ter sumido do mapa, deixando em seu lugar nada mais que renques e mais renques de árvores, que pareciam se apinhar e impedir que ele visse o que havia detrás delas. Em algum lugar além das árvores, disso tinha certeza, devia estar a estrada que ele havia seguido desde que saíra de casa naquela manhã. Ele só se desviara dela uma vez, quando teve de correr para trás de uma das árvores porque estava apertado para fazer certa coisa. Refletiu um pouco sobre isto e lembrou que havia contornado a árvore para seguir seu caminho depois de terminar, mas não conseguia se lembrar se tinha se aproximado dela pela esquerda ou pela direita, o que o levou a simplesmente seguir na direção que julgou ser a correta.

Perguntava-se se isso não tinha sido um erro. Mas agora não podia fazer mais nada além de continuar a caminhar e em poucos minutos sentiu-se aliviado ao ver que ao longe as árvores começavam a se separar novamente e uma terceira cidade aparecia diante dele. Era muito menor que as duas anteriores e tinha apenas um pequeno número de casas situadas em intervalos irregulares ao longo de uma só rua. Não era bem o que Noah contava encontrar, mas esperava que a gente dali fosse mais amistosa e que finalmente conseguisse algo para comer antes que morresse de fome.

No entanto, antes que pudesse dar mais um passo, sua atenção foi capturada por uma estranha edificação bem no fim da rua, no lado oposto.

O que Noah sabia sobre as casas é que era para elas terem paredes retas que formavam ângulos retos umas com as outras, e com um telhado bem assentado no topo, para que a chuva não encharcasse os tapetes e os passarinhos não fizessem suas necessidades na cabeça das pessoas.

Aquela, no entanto, não era assim.

Noah olhava espantado para ela, porque todas as suas paredes e janelas eram totalmente fora de esquadro, um pedaço sobrando aqui, outro aparecendo ali, nada fazendo o menor sentido. E apesar de haver com certeza um telhado no lugar certo, ele não era feito de ardósia nem de telha, nem mesmo de sapê como a casa do seu amigo Charlie Charlton. Era feito de madeira. Noah piscou e olhou de novo para a casa, inclinando ligeiramente a cabeça para o lado e se perguntando se não pareceria mais normal se olhasse enviesado para ela.

Porém, por mais estranha que a casa parecesse, não era nada comparada com a enorme árvore à frente dela, que impedia que se lesse a placa que a encimava. Noah só conseguiu enxergar algumas letras por entre os galhos — um J na primeira palavra, um D na segunda, um B e um Q na terceira, um P no começo e um I e um O juntos no fim da quarta. Fixou bem os olhos nela tentando usar sua visão de raios X para enxergar através dos galhos, até que lembrou que não tinha visão de raios X como aquele garoto de um de seus livros. Mesmo assim, ele queria ler a placa, mas não conseguia tirar seus olhos da árvore. Sem conseguir atinar por quê, percebeu que a árvore havia capturado toda a sua atenção.

Sim, ela era alta, porém não mais que as outras árvores que ele vira ao longo da sua vida. (Ele morava na orla de uma floresta.) Todas elas estavam ali havia séculos, pelo menos foi o que lhe disseram, de modo que não era de espantar que crescessem tanto. Afinal, as árvores são o oposto das pessoas, porque as pessoas, quanto mais velhas, menores ficam. No caso das árvores era o contrário.

De fato, sua casca era de um castanho saudável, mais parecida com um tablete de chocolate gostoso do que com uma simples casca de árvore, ainda assim, não passava de uma simples casca de uma boa e saudável árvore, com nada que justificasse qualquer entusiasmo exagerado a seu respeito.

Claro, as folhas que pendiam dos galhos fortes eram de um verde lustroso, mas não eram mais verdes do que qualquer outra folha que se agitava na brisa do verão nas árvores deste mundo afora. Não eram em nada diferentes das folhas que ele podia ver nas árvores que avistava pela janela do seu quarto.

Mas havia algo de extraordinário naquela árvore que ele não conseguia dizer o que era. Algo hipnótico. Algo que o fazia arregalar os olhos e ficar de boca aberta como se tivesse esquecido por um instante que tinha de continuar respirando.

— Você ouviu as histórias, não é? — disse uma voz à sua direita.

Noah se virou rapidamente e viu um cachorro, um salsichinha já idoso, trotando em sua direção, com um meio sorriso no rosto, acompanhado por um burro

parrudo que corria os olhos pelo chão da floresta como se estivesse procurando alguma coisa que havia perdido.

— Sempre sei quando alguém vem só pra dar uma olhada nela — prosseguiu o salsichinha. — Você não é o primeiro, rapaz. Nem vai ser o último.

O salsichinha soltou um tremendo latido ao fim das suas observações — AU-AU-AU! — e olhou para outro lado, erguendo as sobrancelhas cheio de si, com a cara de alguém que tivesse soltado um pum no elevador.

— Não sei de nada disso, senhor — respondeu Noah, sacudindo a cabeça. — Nunca ouvi nenhuma história. Não sou daqui, sabe. Só estava passando, vi a árvore na frente daquela casa engraçada e ela chamou minha atenção.

— Você ficou parado no mesmo lugar por quase uma hora — disse o salsicha, rindo um pouco. — Sabia?

— Por acaso você não viu um sanduíche por aí, viu? — perguntou o burro, erguendo os olhos e fitando Noah. — Ouvi falar que alguém perdeu um sanduíche no pedaço. Era de carne. Com molho — acrescentou.

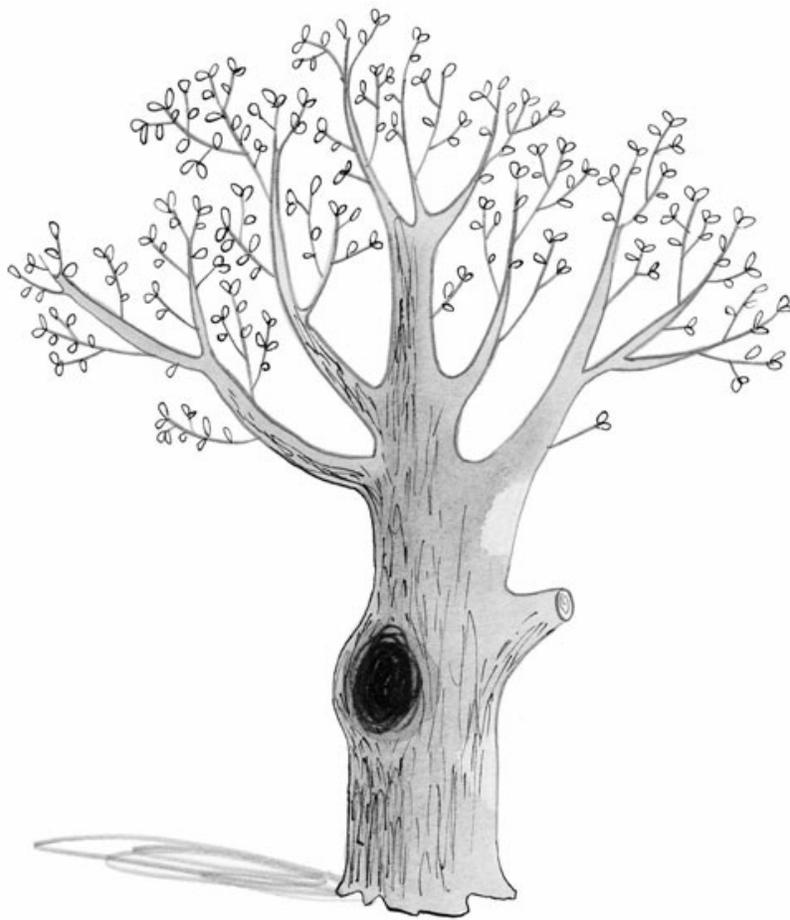


Fig. 2

Uma ÁRVORE
estranha

— Não, não vi, sinto muito — respondeu Noah, desejando ter visto.

— Sonho com um sanduíche — disse o burro num tom exausto, balançando a cabeça tristemente. — Quem sabe se eu continuar procurando...

— Não ligue pra ele — disse o salsichinha. — Está sempre com fome. Por mais que você lhe dê de comer, sempre quer mais.

— Você também estaria se ficasse sem comer mais de vinte minutos — suspirou o burro, com um tom de ofendido na voz.

— Em todo caso, o que eu disse é verdade — continuou o salsicha. — Você estava parado aí, rapaz, quando saí para dar minha corrida hoje cedo. Todos os dias corro pelos campos até a fonte, isso me deixa em forma, como você vê. Acabo de voltar e você continua aí. Espiando.

— Sério? — perguntou Noah, enrugando a cara, surpreso. — Tem certeza? Achava que tinha acabado de chegar!

— Não me espanta — replicou o salsicha. — As pessoas perdem a noção do

tempo quando começam a olhar para aquela árvore. É sem dúvida nenhuma a coisa mais interessante da nossa aldeia. Além da estátua, claro.

— Que estátua? — quis saber Noah.

— Não vai dizer que não reparou nela! Está bem atrás de você.

Noah se virou e, acredite!, viu bem atrás dele uma enorme estátua de granito representando um jovem de aparência furiosa, trajando calção de corrida e camiseta. Seus braços estavam erguidos no ar em triunfo, e sob seus pés, gravadas na pedra, havia estas palavras: DMITRI CAPALDI: VELOZ. Aquilo surpreendeu Noah, porque ele tinha certeza de que não estava ali um momento atrás.

— Tem algum doce aí? — perguntou o burro, adiantando-se agora e enfiando tão de repente o focinho nos bolsos de Noah, que este pulou para trás de susto.

— Deixe o menino em paz, burro — disse o salsicha. — Ele não tem nenhum doce no bolso. Ou tem? — perguntou rapidamente, focando seus olhos em Noah.

— Não tenho nada não, senhor — respondeu Noah. — Também estou com muita fome, aliás.

— Decepcionante — observou o burro, balançando a cabeça e parecendo que ia desatar a chorar. — Bota decepcionante nisso!

— Sabe — continuou o salsicha, inclinando-se ligeiramente para a frente e baixando a voz —, tem gente, e eu sou um deles, que acha que a árvore é muito mais interessante que a estátua. Por isso as pessoas ficam tanto tempo olhando para ela. Eu mesmo não costumo olhar muito, se posso evitar. Mas já perdi a festa de aniversário de um amigo por causa disso. Dois anos seguidos.

— Perdeu um bolo delicioso — disse o burro lentamente, permitindo-se sorrir ao se lembrar dele, seus grandes olhos castanhos enchendo-se de lágrimas. — Nas duas vezes tinha cobertura de glacê. Na forma de rosas. Um ano o glacê era verde, no ano seguinte, laranja. Mal consigo dormir só de pensar em como vai ser este ano. Acha que pode ser vermelho? Eu acho que sim... Ou, quem sabe, azul... Amarelo também, claro — acrescentou após uma longa pausa.

— Está bem, está bem, burro — disse o salsicha. — Há várias cores no mundo. A gente sabe. Não vamos abusar da paciência do nosso amigo.

— Você por acaso não está escondendo nenhuma tortinha, está? — perguntou o burro.

— Mas afinal o que aquela árvore tem de especial? — indagou Noah ignorando a pergunta do burro e virando-se para observar a árvore. — Deve ter milhões e milhões de árvores no mundo.

— Que nada! — fez o salsicha, sacudindo a cabeça. — Esse é um equívoco comum. Na verdade só tem uma. Elas compartilham uma raiz universal, entende, que fica bem no centro do mundo, e todas nascem dela, de modo que rigorosamente falando só há uma árvore.

Noah considerou por um instante a explicação, antes de balançar a cabeça.

— Não é verdade — disse, rindo um pouco do absurdo daquela afirmação, o que fez o salsicha emitir uma série de fortes e prolongados latidos, babando e

arreganhando os dentes, o que levou vários minutos até terminar. O burro olhava para outro lado e suspirava, investigando a relva embaixo do seu focinho em busca de alguma coisa que pudesse servir de lanche.

— Desculpe — disse o salsicha parecendo um pouco embaraçado quando recobrou seu autocontrole. — Faz parte da minha natureza, só isso. Não gosto que me contradigam.

— Tudo bem — disse Noah. — De qualquer forma, parece mesmo uma árvore muito especial, venha ela de onde vier.

— E é mesmo. Confesso aliás que é a única árvore da cidade em que eu nunca... — O salsicha corou um pouco e olhou em torno, como se estivesse preocupado com que o ouvissem. — O que eu quero dizer é que tem certas coisas que um cachorro é ensinado a fazer *fora de casa* enquanto a um menino se ensina a não fazer essas mesmas coisas *na rua*.

— Entendi — disse Noah, dando uma risadinha, mas sem confessar que tinha feito ao ar livre naquela manhã mesma. — Quer dizer que o senhor nunca...?

— Nem uma vez. Em cinquenta e seis anos.

— O senhor tem cinquenta e seis anos? — perguntou o garoto, escancarando a boca de espanto. — Bom, nesse caso temos a mesma idade.

— É mesmo? Você parece ter oito anos e nem mais um dia.

— Mas é exatamente por eu *ter* oito anos — replicou Noah. — Em idade de cachorro eu teria cinquenta e seis.

O salsicha bufou ruidosamente e o sorriso abandonou seu rosto.

— Considero essa observação muito grosseira — disse passado um momento. — O que você quer dizer com isso? Eu fui amável, não fui? Não fiz nenhum comentário ofensivo sobre a sua altura. Ou sua *pouca* altura — acrescentou dramaticamente.

Noah olhou para ele e se arrependeu na hora do que tinha dito.

— Desculpe — falou, espantado por ver como o salsicha se ofendia com o que ele dizia. — Não quis ofender o senhor.

— AU-AU! — latiu o salsicha, e brindou Noah com um sorriso largo. — Bom, então está esquecido. Voltemos a ser grandes amigos. Mas estávamos falando da árvore... Bem, o interessante, na verdade, não é a árvore.

— É a loja atrás dela — completou o burro.

Noah olhou novamente para além do tronco, para a casa destrambelhada, que agora estava quase totalmente escondida pelos galhos, como se estes houvessem crescido durante aqueles minutos para protegê-la de seus olhos indiscretos.

— O que há de tão interessante nela? — perguntou Noah. — Parece apenas uma lojinha decrépita. Mas devo dizer que quem a construiu não fez um bom trabalho. Parece ter sido feita de qualquer jeito. É incrível que ainda não tenha sido derrubada por um vento mais forte.

— Isso porque você não está olhando corretamente para ela — disse o salsicha. — Olhe de novo.

Noah olhou para o outro lado da rua e respirou fundo, esperando que também pudesse ver o que seu amigo via.

— Essa loja está aí por mais tempo do que eu neste mundo — disse o salsicha, num tom de quem estava profundamente impressionado com o que via. — O homem mais velho que morou nela (ele já morreu, claro) plantou a árvore junto da porta muitos anos atrás, para alegrar um pouco o lugar, sabe como é. Mas a loja mesma é muito mais velha do que a árvore.

— Ele era seu amigo? O dono da loja?

— Um amigão — respondeu o salsicha. — Sempre atirava um osso para mim quando eu passava. Nunca vou esquecer da sua delicadeza.

— Você ainda não tem um desses ossos, por acaso, tem? — perguntou o burro.

— Infelizmente não — respondeu o salsicha. — Isso foi há décadas.

— Deve ser gostoso roer osso — disse o burro com convicção, olhando para Noah e parecendo mais animado agora. — É, deve ser delicioso mesmo!

— O filho do velho também é meu amigo, claro — prosseguiu o salsicha. — Um excelente amigo também. Ele morava aqui quando criança, depois sumiu da nossa vida por um bom tempo. Mas voltou e ainda mora aqui. AU-AU! Foi meu pai que me disse que o velho plantou uma semente, a semente virou um broto, o broto virou um tronco que deu galhos, os galhos deram folhas e antes que alguém da câmara municipal pudesse pôr o caso em votação esta árvore enorme estava no centro da nossa cidade.

— Parece estar aí há séculos — comentou Noah.

— Não é mesmo? — disse o salsicha. — Mas não é tão velha assim.

— Em todo caso, não é uma história fora do comum — disse Noah. — É a natureza, nada mais. Sabe, aprendi tudo sobre a natureza na escola, e não há nada de estranho em como ela cresceu. O solo deve ser muito rico. Ou podia ser uma semente de rápido crescimento. Ou alguém pode ter posto um desses fertilizantes líquidos uma vez por semana. Minha mãe põe. Uma vez ela me pegou bem quando eu pingava o fertilizante na cabeça para ver se eu crescia, mandou eu tirar toda a minha roupa e me arrastou para o quintal dos fundos, onde todo mundo podia me ver. Mas na época eu era muito menor e não sabia direito o que fazia — acrescentou.

— Que linda história — disse o burro com uma bufada que sugeria que ele não a achava nem um pouco interessante.

— E de qualquer jeito, quem foi que disse que tinha alguma coisa fora do comum na minha história? — perguntou o salsicha, novamente ofendido.

— O senhor, ué! — respondeu Noah. — O senhor disse que tinha uma coisa especial.

— Ah, é que você não ouviu o melhor da história — replicou ele, trotando em torno de Noah, de tão excitado que estava. — É o mais curioso. A cada poucos dias acontecia uma coisa muito esquisita com a árvore. A cidade inteira ia dormir e a árvore estava exatamente como está agora. Na manhã seguinte, quando as pessoas

acordavam, alguns galhos tinham sido arrancados, mas não havia sinal de nenhum cavaco de madeira no chão. Passados um dia ou dois, todos os galhos arrancados tinham crescido de novo! É incrível. Quer dizer, é o tipo de coisa que acontece em... — E ele disse o nome da segunda cidade pela qual Noah havia passado naquela manhã mais cedo, e estremeceu um pouco, como se o simples nome daquele terrível lugar deixasse um travo amargo na sua língua. — Mas não é o tipo de coisa que costumamos ver por aqui. De jeito nenhum!

— Que extraordinário! — exclamou o menino.

— Não é? AU-AU!

— E a loja. Tão colorida!

— Bem, claro que é. AU-AU! É uma loja de brinquedos.

Os olhos do menino se arregalaram.

— Uma loja de brinquedos! — exclamou, quase perdendo a respiração. — Minhas quatro palavras favoritas!

— As minhas não — replicou o salsicha. — Gosto muito do “uma”, mas nunca acho nenhuma graça em “loja de brinquedos”. Sempre gostei da palavra “resiliente”, que é a capacidade de enfrentar as dificuldades sem sucumbir a elas. Acho que é uma palavra em que você devia pensar, meu rapaz.

— Eu gosto de “pudim de frutas frescas” — disse o burro. — Quatro palavras excelentes.

— Não tenho nenhum pudim — foi logo dizendo Noah antes que alguém lhe perguntasse, e o burro arregalou os olhos de surpresa. Por um instante Noah pensou que ele podia estar pensando seriamente em comê-lo.

— Pelo que percebo, nós nos desviamos do assunto — disse o salsicha após um instante, parecendo novamente ofendido e puxando com os dentes o cachecol em torno do seu pescoço, porque o vento o tinha levantado subitamente e estava começando a esfriar. — Não vamos mais fazer você perder seu tempo com esse caso. Vamos seguir nosso caminho. Bom dia, meu caro.

— É, bom dia — disse o burro, dando meia-volta com um suspiro.

Noah disse um “até logo” em resposta, mas era menos do que devia ter sido, dada toda a ajuda que o salsicha (e, um pouco menos, o burro faminto) lhe prestara. Minutos depois estava atravessando a rua. Parou na árvore e esticou a mão para tocá-la, mas antes que seus dedos pudessem entrar em contato com sua casca, pensou ter ouvido a árvore resmungar para ele e tirou a mão assustado. Não era o sussurro suave da macieira da primeira cidade, era um som muito mais agressivo, como o grunhido de uma tigresa protegendo seus filhotes.

Por um instante — um brevíssimo instante — pensou em seus pais e como ficariam preocupados ao descobrir que ele tinha fugido de casa, o que com toda certeza já sabiam àquela altura. Claro que não iam entender. Iam achar que ele era um egoísta. Mas a ideia de ficar... e ver... Teve um arrepio, sabendo que não devia pensar naquelas coisas.

Afastou-se da árvore, tentando tirar totalmente seu pai e sua mãe da cabeça, e

concentrou toda a atenção na loja de brinquedos.

E na porta da frente.

E na maçaneta.

E, na verdade sem ter feito isso de caso pensado, deu com a sua mão esticando, pegando nela, girando-a, abrindo a porta, e antes que percebesse estava dentro da loja e a porta tinha se fechado firmemente às suas costas.

TÍTERES

A princípio, Noah não pretendia entrar na loja de brinquedos. Ele só queria mesmo era dar uma espiada na vitrine para ver o que estava exposto. Não tinha dinheiro para comprar nada, claro, mas não fazia mal nenhum dar uma olhada no que ele não podia adquirir. Também queria ter certeza de que não havia muitos fregueses por lá, porque podiam perceber que ele não era da cidade e chamar a polícia.

Mas sentiu como se tivesse sido aspirado para dentro da loja sem ter querido de fato entrar, como se tudo houvesse escapado inteiramente do seu controle. Sem dúvida, isso foi muito extraordinário, mas ele sentiu que, já que estava lá dentro, o melhor a fazer era simplesmente dar uma olhada e ver como era a loja.

A primeira coisa que ele notou foi como ela era sossegada. Esse sossego não tinha nada a ver com aquela espécie de silêncio que ele ouvia quando acordava no meio da noite depois de um pesadelo. Quando isso acontecia, sempre havia sons estranhos, inidentificáveis, infiltrando-se em seu quarto pelas pequenas frestas que as folhas das janelas deixavam quando não estavam fechadas direito. Nesses momentos ele sempre podia dizer que havia vida lá fora, mesmo que ela logo adormecesse. Era um silêncio que não era silêncio de verdade.

Mas aqui, dentro da loja, as coisas eram bem diferentes. Aqui o silêncio não era somente silêncio: era uma ausência total de som.

Noah já havia entrado numa porção de lojas de brinquedos na vida. Sempre que sua família saía para fazer compras ele tratava de se comportar da melhor maneira possível, porque se fosse bonzinho sabia que o levariam a uma delas antes de voltarem para casa. E se fosse *muito* bonzinho, era até possível que seus pais lhe comprassem um pequeno mimo, mesmo que fosse caro para eles, que não tinham dinheiro para gastar em bobagens. Por isso, mesmo quando sua mãe insistia em que ele experimentasse todas as calças de uniforme de uma loja para, sete horas depois, escolher a primeira que tinha pegado na prateleira, ele continuava com um sorriso contente no rosto, como se comprar roupa fosse a coisa mais sensacional que um garoto de oito anos podia fazer, e não algo que lhe deixava com vontade de berrar com toda a força dos pulmões, tão alto, mas tão alto que desintegrasse as paredes do shopping e fizesse todos os compradores, vendedores, caixas, prateleiras, camisas, gravatas, calças e meias desaparecerem nas mais distantes regiões do sistema solar para nunca mais se ouvir falar deles.

Mas esta loja não se parecia nem um pouco com todas as outras em que ele havia

entrado durante toda a sua vida. Olhou em volta, tentando entender o que a fazia ser tão diferente, sem a princípio conseguir.

Foi então que percebeu.

A diferença entre esta loja de brinquedos e todas as outras estava em que nesta não se via nada de plástico em lugar nenhum. Todos os brinquedos que ele via eram de madeira.

Havia trenzinhos dispostos nas prateleiras, vagões e trilhos compridos que iam de um canto a outro, tudo de madeira.

Havia exércitos em marcha rumo a outros países e novas aventuras, espalhados em cima dos balcões, tudo de madeira também.

Havia casas e cidades, barcos e caminhões, todos os brinquedos imagináveis com que uma pessoa de mente aberta como ele podia sonhar, e todos feitos de uma madeira sólida e escura que parecia irradiar um brilho de riqueza e até, acreditem, uma espécie de murmúrio distante.

De fato, não pareciam ser brinquedos, e sim algo muito mais importante do que isso. Tudo o que via exposto era novo e diferente, e Noah tinha a impressão de que aquela era a única loja do mundo que vendia aqueles brinquedos tão singulares.

Quase tudo era cuidadosamente pintado, e não com cores antigas apenas, como os brinquedos que ele tinha em casa, cujas superfícies rachavam e descascavam se ele apenas ficasse olhando para elas por muito tempo. Não as desta loja, que eram cores que ele nunca tinha visto, cores que ele nem sabia como chamar. Aqui, à sua esquerda, havia um relógio de madeira, pintado não exatamente de verde, mas de uma cor que o verde até poderia ser se tivesse um pingo de imaginação. E ali, junto do porta-lápis de madeira, havia um tabuleiro também de madeira, cuja cor predominante não era o vermelho, mas uma cor para a qual o vermelho olharia com inveja, ficando rubro de vergonha com a sua aparência sem graça. E os conjuntos de letras de madeira? Bem, havia os que se podia dizer que eram pintados de amarelo e azul, mas esses conjuntos responderiam que esses nomes simplórios de cor eram um insulto ultrajante para as cores das suas letras.

No entanto, por mais curioso que tudo isso fosse, por mais espantoso e incomum que isso parecesse a Noah, não era nada comparado com os brinquedos que dominavam em grande quantidade as paredes da loja.

Títeres.

Havia às dúzias. Não, às dúzias não, às vintenas. Nem mesmo às vintenas, mas às centenas, talvez mais do que uma pessoa pudesse contar num dia, inclusive usando um dos ábacos de madeira multicolor que estavam em cima de um balcão ali perto. Eram feitos de diferentes formas e tamanhos, alturas e larguras variadas, cores e formatos diversos, mas todos de madeira e pintados de cores brilhantes que os enchiam de vida e energia e de uma sensação de que eram vivos.

“Nem parecem ser títeres”, pensou Noah. “Parecem reais demais.”

Estavam enfileirados nas paredes da loja, pendurados pelas costas com arame para ficarem no lugar. Não eram só títeres representando gente, havia também de

bichos, veículos e toda sorte de objetos inesperados. Mas todos tinham cordas atadas a si, que permitiam que suas diversas partes se movimentassem.

— Que bacana! — murmurou Noah baixinho, e enquanto continuava a dar uma olhada na loja começou a experimentar a curiosa sensação de que os olhos dos títeres o estavam seguindo aonde quer que fosse, observando com atenção todos os seus movimentos para ver se ele não pegava e quebrava alguma coisa, ou tentava sair com um brinquedo que não lhe pertencia no bolso de trás.

Um incidente assim havia acontecido uns meses antes, quando sua mãe o levara para outra das suas saídas surpresa — o que ela dera de fazer como se sentisse tanta urgência de passarem um tempo juntos que Noah achou meio esquisito. Daquela vez, um baralho de cartas mágicas fora parar misteriosamente em seu bolso enquanto os dois batiam pernas numa loja, e todo mundo se perguntou como isso tinha acontecido, porque ele certamente não tinha roubado o baralho. Aliás, ele nem se lembrava de tê-lo visto na prateleira. Mas quando iam saindo da loja, um cara grandalhão, pesadão, suadão, de uniforme azul-claro se aproximou deles e perguntou com um tom de voz muito sério se eles poderiam fazer o favor de acompanhá-lo.

— E por quê? — perguntou a mãe de Noah. — Qual o problema?

— Madame — disse o segurança, usando uma palavra que fez Noah se perguntar se não haviam progredido e mudado para a França —, tenho motivos para acreditar que o garotinho pode estar saindo da loja com uma mercadoria que não foi paga.

Noah havia olhado para o homem com um misto de indignação e desprezo. Indignação porque ele era muitas coisas — mas muitas mesmo —, menos ladrão. E desprezo porque não havia nada que o irritasse mais do que um adulto se referir a ele como garotinho, ainda mais quando estava bem na sua frente.

— Ora, isso é ridículo — disse sua mãe, sacudindo desdenhosamente a cabeça. — Meu filho nunca faria uma coisa dessas.

— Madame, verifique o bolso de trás da calça do menino — disse o segurança, e, claro, quando Noah pôs a mão para verificar, viu que o baralho de cartas mágicas tinha mesmo ido parar em seu bolso, sabe-se lá como.

— Ei, *eu* não roubei isto — insistiu, olhando as cartas com surpresa, enquanto a ilustração da caixa do baralho (um ás de espadas) piscava os olhos para ele se divertindo.

— Então quem sabe você possa explicar o que está fazendo com elas — disse o segurança soltando um suspiro.

— Se tiver alguma pergunta, pode se dirigir a mim — replicou a mãe de Noah rudemente, encarando o segurança e com a voz subindo indignada de tom. — Meu filho nunca roubaria um baralho. Temos dúzias deles em casa. Estou ensinando a ele como trapacear no pôquer para ele fazer fortuna depois que completar dezoito anos.

O segurança arregalou os olhos e fixou-os nela. Estava acostumado que os pais se virassem furiosos para os filhos em situações como aquela e os sacudissem até

chacoalharem os dentes para arrancar a verdade, mas a mãe de Noah não parecia o tipo de mulher que faria algo assim. Ela parecia, isso sim, o tipo de mãe que acreditava no filho quando ele respondia ao que ela perguntava, e isso não era coisa que se visse todos os dias.

— Você não roubou essas cartas, roubou? — ela perguntou, virando-se para Noah no instante seguinte e dizendo aquilo muito mais num tom de afirmação do que de interrogação.

— Claro que não — respondeu Noah, o que era verdade, porque não tinha roubado mesmo.

— Bom, nesse caso — disse a mãe, voltando-se novamente para o segurança e encolhendo os ombros —, não há mais nada a falar sobre esse assunto. Um pedido de desculpas agora resolveria tudo, mas acho que o senhor devia fazer uma doação para uma instituição de caridade que eu indicar como compensação pelas suas acusações falsas. Alguma instituição que cuide de animais, digamos. Os animaizinhos de pelo longo são os meus prediletos.

— Infelizmente a coisa não é tão simples assim, madame — insistiu o segurança. — O caso é que as cartas estavam no bolso do seu filho. E *alguém* deve tê-las posto lá.

— Claro que sim — ela replicou, tirando-as das mãos de Noah e entregando-as ao segurança. — Mas elas são cartas *mágicas*, não são? Devem ter pulado por conta própria.

Essa era outra boa lembrança. Do tipo que Noah tentava não pensar. Mas aquela era uma loja muito diferente desta em que estava agora. Nesta não havia seguranças, em primeiro lugar. Ninguém para acusá-lo de fazer uma coisa que ele não fez. Mordeu o lábio e olhou em volta nervoso, perguntando-se se não devia sair da loja e seguir caminho para a próxima cidade, mas, antes que pudesse fazer isso foi atraído pelos sons que vinham em sua direção.

Passos.

Passos pesados, vagarosos.

Prendeu a respiração e ouviu cuidadosamente, apertando os olhos como se isso pudesse ajudá-lo a ouvir um pouco melhor, e por um instante os passos pareceram parar. Deu um suspiro de alívio, mas antes que pudesse se virar, os passos recomeçaram e ele ficou imóvel, tentando identificar exatamente de onde vinham.

“Debaixo de mim!”, exclamou para si mesmo, olhando para o chão.

E com toda certeza o som era de passos vindos do porão da loja, a pisada de botas pesadas subindo uma escada, cada um deles chegando mais perto de onde ele estava. Olhou em volta para verificar se ninguém mais podia ouvi-los, mas descobriu que estava completamente só. Até então ele não tinha se dado conta de que era a única pessoa na loja.

Quer dizer, fora os títeres.

— Olá? — sussurrou Noah nervoso, sua voz ecoando um pouco ao seu redor. — Olá, tem alguém aqui?

Os passos pararam, recomeçaram, hesitaram, pararam, continuaram, depois foram ficando cada vez mais altos.

— Olá? — fez ele de novo, dessa vez elevando a voz, à medida que todos os nervos do seu corpo iam ficando cada vez mais tensos. Engoliu em seco e se perguntou por que sentia aquela curiosa mistura de medo e segurança ao mesmo tempo. Não era como daquela vez que se perdeu no bosque à noite e seus pais tiveram de ir procurá-lo para encontrá-lo antes que os lobos o comessem — aquilo sim *tinha* sido assustador. E também não era como naquela tarde em que ele ficou trancado no porão cuja luz não funcionava, porque a barra do ferrolho baixou no encaixe — bem, *aquilo* tinha sido apenas chato. Agora eram outros quinhentos. Era como se ele devesse estar mesmo ali, mas era melhor se preparar para o que desse e viesse.

Ele se virou e olhou para trás, na direção da entrada da loja, mas teve uma grande surpresa: não conseguia mais ver a porta! Devia ter avançado tanto na loja que a porta de entrada não era mais visível. Mas não se lembrava de ter avançado tanto assim, e a loja não lhe parecera muito grande à primeira vista, em todo caso, não tão grande que ele pudesse se perder dentro dela. Na verdade, quando olhou para trás não conseguiu ver nenhuma passagem para entrar ou sair da loja e nenhuma placa indicando a saída. A única coisa que via atrás de si eram centenas e centenas de títeres de madeira, todos olhando desafiadoramente para ele, sorrindo, gargalhando, franzindo a testa, ameaçando. Todas as emoções possíveis, boas e ruins. Todas as sensações. De repente, sentiu como se aqueles títeres não fossem nem um pouco amigos e estivessem vindo um a um em sua direção, cercándolo, prendendo-o num círculo cada vez menor.

— Quem é esse aí? — murmuravam.

— Um estranho.

— Não gostamos de estranhos.

— Tem um jeito esquisito, não tem?

— Pequeno para a sua idade.

— Vai ver que ainda não entrou na fase de crescimento.

— Em todo caso, o cabelo dele é bonito.

As vozes ficavam mais altas e mais numerosas, apesar de jamais ultrapassarem o nível de um cochicho, e não demorou para que ele não distinguisse mais nenhuma palavra, como se todas estivessem falando ao mesmo tempo numa língua que ele não entendia. Estavam fechando o cerco agora, e ele levantou as mãos amedrontado, fechou os olhos, girou e contou até três, pensando que nada daquilo podia estar acontecendo e que quando ele baixasse as mãos e abrisse os olhos era melhor berrar o mais alto que pudesse, que alguém certamente apareceria para socorrê-lo.

— Um...

— Dois...

— Três...

— Olá — disse uma voz de homem, a única voz que ele ouvia agora, porque o coro dos títeres havia silenciado imediatamente. — Quem é você?

O VELHO

Noah abriu os olhos. Não sentia mais como se todos os títeres estivessem se aglomerando em torno dele, preparando-se para soterrá-lo sob seus corpos. Os cochichos haviam cessado. Todos pareciam ter voltado para seus lugares nas prateleiras, e ele se deu conta de como havia sido ridículo ter pensado que o estavam observando ou falando dele. Afinal, não eram seres vivos, eram apenas títeres. Real de fato *era* o senhor que havia falado com ele, agora a apenas alguns passos de distância, sorrindo um pouco, como se estivesse esperando essa visita havia tempos e estivesse contente por ela afinal ter acontecido. Ele trazia nas mãos um pequeno bloco de madeira de que tirava aparas com um pequeno formão. Noah engoliu rapidamente a saliva de nervosismo e, sem querer, soltou um grito de surpresa.

— Ora — fez o homem, erguendo o olhar do seu trabalho —, pra que gritar assim?

— É que agorinha mesmo não tinha ninguém aqui — respondeu Noah, olhando em volta perplexo. A porta pela qual entrara na loja continuava fora de vista; de onde então aquele homem tinha aparecido? Era um mistério. — E não ouvi o senhor chegar.

— Não quis assustá-lo — disse o homem, que era bem velhinho, mais até que o avô de Noah, com um cabelo amarelado que parecia curau de milho. Tinha olhos brilhantes, que prenderam os de Noah, mas a pele do seu rosto era tão enrugada como Noah nunca antes vira. — É que eu estava lá embaixo, trabalhando. Então ouvi passos. Aí achei melhor subir e ver se algum freguês precisava da minha atenção.

— Eu também ouvi passos — disse Noah. — Tenho certeza de que eram os seus, subindo a escada.

— Oh, não eram os meus — replicou o velho, sacudindo a cabeça. — Eu não podia ter ouvido meus próprios passos e então subido para investigar, não é? Só podiam ser os *seus*.

— Mas o senhor estava lá embaixo. Foi o que o senhor disse.

— Eu disse? — perguntou o velho, franzindo a testa e coçando o queixo como se pensasse no assunto. — Não lembro. Já faz tempo, não é? E minha memória infelizmente não é mais como antes. Talvez eu tenha ouvido a campainha da porta tocar.

— Mas não tinha campainha nenhuma — disse Noah, e nesse momento preciso,

como se a campanha houvesse acabado de se lembrar do seu trabalho, um cordial *ping* soou no alto da porta, que havia reaparecido alguns passos atrás dele.

— Ela também está velha — explicou o velho se desculpando com um encolher de ombros. — Você nem a perceberia se ela não tivesse por única obrigação tocar, mas às vezes ela se esquece. Pode até ser que não tenha sido por sua causa que ela soou: pode ter sido por causa de um freguês do ano passado.

Noah girou nos calcanhares, boquiaberto, e olhou surpreso para a campanha, tornando a dar meia-volta e engolindo ruidosamente em seco, sem saber o que dizer para explicar o que havia acabado de acontecer.

— De todo modo, desculpe por ter feito você esperar tanto tempo — disse o velho —, mas é que hoje em dia ando como uma lesma. Não era assim quando eu era moço. Eu era um corisco. Dmitri Capaldi não era nada comparado comigo!

— Tudo bem — respondeu Noah, dando de ombros. — Não faz mesmo muito tempo que estou aqui. Não eram nem onze da manhã quando entrei e... Oh! — Consultou seu relógio e este lhe disse que era quase meio-dia. — Mas não pode ser!

— Pode, sim senhor — replicou o velho. — É que você perdeu a noção do tempo, só isso.

— Perdi uma hora inteirinha?

— Acontece. Uma vez perdi um ano inteiro, pode acreditar. Botei o ano em algum lugar daqui e quando fui procurá-lo não houve jeito de achar. Tenho sempre a sensação de que um dia desses ele vai reaparecer, quando eu menos esperar.

Noah franziu a testa, perguntando-se se tinha ouvido direito.

— Como é que se pode perder um ano? — perguntou.

— É muito mais fácil do que você imagina — respondeu o velho, pondo no balcão o bloco de madeira que estava segurando na mão esquerda e o formão que segurava na direita, depois do que tirou os óculos e limpou as lentes com um lenço com estampa de arco-íris. — Mas pode ser que não tenha sido um ano, pode ser que tenha sido uma orelha. — Levou as mãos aos dois lados da cabeça e deu um puxão no lobo das orelhas. — Não, estão no lugar — disse, com uma voz satisfeita. — Foi um ano mesmo. Ah, deixa pra lá.

Noah fitou o velho e tentou entender do que ele estava falando. Nada do que ele dizia fazia sentido, e desconfiou que fazer perguntas só iria tornar as coisas ainda mais confusas.

— Pode ter sido por causa dos brinquedos — disse Noah apontando para as paredes em torno. — Devo ter ficado olhando um tempão para eles. E para os títeres. São tantos que me distraíram.

— Pois é — fez o velho dando um suspiro. — Bote a culpa nos títeres! É o que as pessoas sempre fazem.

— Não estou botando a culpa neles — retrucou Noah. — Só quis dizer que me distraí olhando para eles. Só isso. Eles parecem ter vida. E o tempo passa depressa.

— O que importa é que você está aqui, agora — disse o velho, com um grande sorriso se espalhando em seu rosto. — Sabe, faz tempo que não aparece nenhum

freguês, acho até que nem sei o que fazer com um. Receio que nem temos mais funcionário para receber os fregueses na porta.

— Tudo bem — disse Noah, que sempre teve pena das pessoas que ficavam do lado de fora da loja dizendo “*bem-vindo... bem-vindo... bem-vindo...*”. Parecia-lhe uma maneira tão sem graça de passar o tempo!

— Claro, se eu tivesse subido mais depressa, poderia ter convidado você para almoçar, mas agora já está tarde.

A decepção se estampou no rosto de Noah. Seu estômago roncava audivelmente e ele tinha de tossir para encobrir os sons embaraçosos que fazia. Depois mudou de opinião, pensando que se o velho ouvisse seu estômago roncar talvez pudesse, ele, o velho, mudar de opinião e lhe dar finalmente de comer.

— Em todo caso, você está aqui — continuou o velho. — Tenho certeza de que deve haver uma razão para a sua visita. Quer comprar alguma coisa?

— Não, senhor — disse Noah, olhando para o chão e sentindo-se um pouco envergonhado. — Não tenho dinheiro, infelizmente.

Havia um rato de madeira a seus pés, pintado de cinza e rosa, farejando a ponta dos seus sapatos, mas na hora em que o percebeu o rato deu um guincho de surpresa e foi correndo se esconder entre as pernas de uma girafa de madeira no canto da loja.

— Posso então perguntar o que veio fazer aqui? Você não tinha de estar na escola?

— Não, eu não vou mais à escola — respondeu Noah.

— Mas você ainda é um menino — disse o homem. — E os meninos deviam estar na escola. Ou por acaso mudaram a lei do tempo que eu era da sua idade? Mas quem sou eu para criticar! Fui muito pouco à escola. Vivia fugindo dela. Você nem imagina quanto problema isso me causou.

— Que tipo de problema? — perguntou Noah intrigado, porque sempre gostou de saber dos problemas dos outros.

— Eu nunca falo do passado de barriga vazia — disse o velho. — Ainda não almocei.

— Ué, o senhor disse que...

— Deixe pra lá. Quero saber o que o trouxe aqui.

— Bom, no começo foi a árvore — respondeu o menino. — A árvore em frente à sua porta. Eu estava do outro lado da rua, olhando para ela, e achei-a a árvore mais impressionante que já tinha visto na vida. Não sei direito por quê. Foi uma coisa que senti, só isso.

— Fico feliz em saber que gosta dela — disse o velho. — Foi meu pai que a plantou, sabia? No dia em que se mudou para cá. Ele adorava árvores. Plantou várias outras nesta aldeia, mas acho que esta não tem igual. As pessoas contam histórias extraordinárias sobre ela.

— É, acho que ouvi uma — disse Noah entusiasmado.

— Verdade? — indagou o velho arqueando a sobrancelha. — Posso saber quem

contou?

— Encontrei um cachorro salsichinha na rua — respondeu Noah. — E um burro faminto. Ele disse que a árvore perde todos os galhos cada tantas noites, e de algum jeito consegue fazer crescer novos galhos em um ou dois dias. Disse que ninguém sabe como isso acontece nem por que acontece.

— Ah, esse aí vive contando histórias — disse o velho, rindo. — É um velho amigo meu. Os salsichas adoram inventar as histórias mais incríveis. Quanto ao burro... bem, não me espanta. Enquanto a maioria das pessoas se satisfaz com doze ou quinze refeições por dia, ele precisa de três ou quatro vezes mais, senão fica choramingando.

— Doze ou quinze refeições por dia? — espantou-se Noah. — Garanto ao senhor que eu nunca...

— Em todo caso, e isso vale para todos os que vivem dizendo coisas sobre esta loja — interrompeu o velho —, garanto que nenhum deles nunca pôs os pés nela.

— Verdade? — fez o menino.

— Bom, até agora, claro — disse o velho sorrindo. — Você é o primeiro. Talvez tenham mandado você aqui por alguma razão. Claro, meu pai morreu há muitos anos, de modo que não pôde ver como a árvore ficou alta e forte.

Uma sombra passou por seu rosto quando disse isso, e ele olhou para o outro lado, perturbado por um instante, como se uma lembrança infeliz o houvesse invadido.

— Meu pai é lenhador — disse Noah imediatamente. — Ganha a vida cortando árvores.

— Minha nossa! — exclamou o velho. — Ele não gosta delas?

— Acho que gosta muito — respondeu Noah. — Mas as pessoas precisam de madeira, não é? Senão, não haveria casas para morar nem cadeiras para sentar nem... nem... — Tentava pensar em mais alguma coisa feita de madeira e, olhando em volta, abriu um largo sorriso. — Nem títeres! — disse. — Não haveria títeres!

— Isso é a pura verdade — disse o velho, assentindo lentamente com a cabeça.

— E para cada árvore que ele derruba, ele planta outras dez — acrescentou Noah. — Por isso é muito bom o que ele faz.

— Pode ser então que um dia, quando você for velho como eu, você poderá caminhar no meio delas e se lembrar do seu pai do mesmo modo que eu me lembro do meu.

Noah concordou com a cabeça, mas teve um arrepio: não gostava de pensar nesse tipo de coisas.

— Ora, percebo que ainda não me apresentei — exclamou o velho passado um momento, estendendo a mão e dizendo seu nome.

— Noah Barleywater — apresentou-se Noah por sua vez.

— É um prazer conhecê-lo, Noah Barleywater — disse o velho, com um ligeiro sorriso.

O menino estava prestes a devolver o cumprimento, chegou até a abrir a boca,

mas de repente a fechou quase imediatamente, porque um mosquito de madeira estava zunindo em torno da sua cabeça, esperando a oportunidade de atacar. Ficou calado um instante, mas então, depois de olhar para o velho tanto tempo que até podia ouvir seu próprio cabelo crescer, Noah botou os miolos para funcionar e encontrou sua próxima pergunta escondida bem na altura da sua orelha esquerda.

— O que o senhor está fazendo? — perguntou, fitando o pedaço de madeira que o velho havia pegado de novo e trabalhava com o formão inclusive enquanto falava.

Pequenos cavacos de madeira caíam a seus pés e eram juntados e levados por uma vassoura e uma pá de madeira que se movimentavam pelo chão com a graça de duas bailarinas.

— Parece um coelho, não acha? — respondeu o velho, exibindo-o. Com toda certeza parecia um coelho, de orelhas enormes e belos bigodes de madeira. — Não era o que eu estava pretendendo fazer, mas foi o que saiu — acrescentou com um suspiro. — Acontece direto. Começo com uma ideia na cabeça e termina saindo algo totalmente diferente.



Fig 3

UM MACHADO NUM
TRONCO DE ÁRVORE

— E o que o senhor pretendia fazer? — perguntou Noah.

— Ah — fez o velho, sorrindo um pouco e pondo-se a assobiar para si mesmo —, não sei se você vai acreditar se eu disser.

— Claro que sim, ora! — replicou Noah rapidamente. — Minha mãe diz que eu acredito em tudo o que me contam e que é por isso que vivo me metendo em encrencas.

— Tem certeza de que quer saber? — perguntou o velho.

— Conte, por favor — disse Noah, intrigado.

— Você não é fofoqueiro, é? — perguntou. — Não vai sair por aí contando pra todo mundo, vai?

— Claro que não — afirmou Noah. — Não vou contar pra ninguém.

O velho sorriu e pareceu pensar no caso.

— Eu me pergunto se posso confiar em você — disse calmamente. — O que acha? Você é um garoto digno de confiança, Noah Barleywater?

O RELÓGIO, A PORTA E O BAÚ DE LEMBRANÇAS

Noah não teve tempo para dizer ao velho que era confiável sim, porque bem naquele instante um relógio que estava exposto no balcão a seu lado começou a emitir uns sons estranhíssimos. De início, era apenas uma espécie de gemido baixinho, como se o relógio não estivesse se sentindo bem e quisesse ir direto para a cama, se enfiar debaixo do cobertor até a dor passar. Depois, silêncio. Então, o gemido se transformou numa espécie de *tchoc-tchoc-tchoc*, para enfim se tornar uma série de roncos curiosos e um tanto quanto embaraçosos, como se todas as engrenagens e molas estivessem discutindo calorosamente umas com as outras e a coisa pudesse terminar em violência de uma hora para a outra.

— Ai, minha nossa — disse o homem, se voltando para Noah. — Que vergonha! Peço que me desculpe.

— Desculpar *o senhor*? — replicou Noah surpreso. — Mas é o relógio que está fazendo esses barulhos.

Ouvindo isso, o relógio soltou um guincho ofendido, e Noah, tapando a boca com a mão, desatou a rir. Os ruídos o fizeram lembrar de Charlie Charlton, cujo estômago sempre começava a fazer os barulhos mais esquisitos quando estava chegando a hora do almoço, o que dava a deixa para a senhorita Bright olhar para o relógio e dizer: “Opa! Já? Hora do almoço, pessoal!”.

Mas assim que começou a gargalhar, a parte Noah que lhe dizia ser melhor voltar logo para casa o fez hesitar, e ele se sentiu culpado até mesmo por sorrir. Ele não gargalhava havia tanto tempo que sentiu o que um porco-espinho deve sentir depois de emergir de meses de hibernação e ainda não ter certeza se as coisas que ele naturalmente tendia a fazer eram mesmo as coisas que ele devia fazer. Noah sacudiu a cabeça rápido, jogando a risada para longe da sua boca, em direção a um canto da loja de brinquedos, onde ela aterrissou numa pilha de tijolos de madeira e não seria descoberta antes do próximo inverno.

— É um relógio bem diferente — disse, inclinando-se para observá-lo mais de perto. Ao fazê-lo, o segundo ponteiro parou imediatamente de girar e só quando ele recuou e olhou para o outro lado o porteiro voltou a se mover, andando mais depressa para chegar logo onde deveria estar.

— Melhor não encarar — disse o velho, inclinando a cabeça sabiamente. — Alexander não gosta nem um pouco. Faz ele perder o ritmo.

— Alexander? — perguntou Noah, olhando em volta contando ver na loja mais

alguém que não havia notado. — Que Alexander?

— Alexander é o meu relógio — disse o velho. — Ele é muito consciencioso, o que é de fato um espanto, porque descobri que os relógios tendem a ser quase sempre um bando de exibidos, sempre se movimentando, sempre tiquetaqueando, como se a vida deles dependesse disso. Mas Alexander não. Ele prefere que ninguém o perceba. É de temperamento pacato. Ele é russo, sabe?, e os russos são engraçados. Eu o comprei em São Petersburgo, no Palácio de Inverno do czar. Já faz alguns anos, claro, mas ainda funciona muito bem, principalmente se você conversar de política ou religião com ele, porque são temas que o deixam especialmente afiado.

— Bom, eu não quis ofendê-lo — disse Noah, que não sabia o que pensar. — É que ele estava fazendo uns barulhos engraçados, só isso.

— Ah, isso é porque está na hora do almoço — disse o velho, batendo palmas contente. — Ele me lembra disso fingindo que seu estômago está roncando. É a piadinha dele. Os russos são muito gaiatos, não acha?

— Mas relógios não têm estômago — replicou Noah, com uma voz perplexa.

— Não têm, é?

— Não. Relógios têm pêndulo ou balancim. E um treco chamado oscilador, que vibra e faz as coisas funcionarem corretamente. Meu tio Teddy me deu de presente no meu último aniversário um brinquedo chamado “Faça o seu relógio em 24 horas”. Levei duas semanas tentando montá-lo.

— É mesmo? E como tudo acabou?

— Não muito bem. Só bate duas vezes por dia, às vezes nem isso.

— Sei — disse o homem. — Mesmo assim você parece entender muito de relógio.

— É, gosto de coisas científicas — explicou Noah. — Talvez eu venha a ser um astrônomo um dia. É uma das profissões em que venho pensando.

— Bom, vou ter de confiar na sua palavra — disse o velho. — Eu sempre achei que era o estômago dele, mas talvez eu esteja enganado. Em todo caso, qualquer que seja a verdade, está na hora do almoço.

— Achei que o senhor já tinha almoçado — disse Noah, cujo ânimo estava melhorando um pouco ante a perspectiva de comer. Fazia tempo que não comia nada, já estava até com medo de desmaiar de fome.

— Só tomei um lanchinho — disse o velho. — Um resto de frango. E uma salada. E umas salsichas que teriam estragado se eu não as comesse hoje. E um sanduíche de queijo. E depois uma fatia de bolo, que o açúcar é energético. Mas nada que se possa chamar de refeição mesmo. Bem, imagino que você esteja com fome, não está? Afinal, saiu de casa cedinho.

— Como o senhor sabe? — perguntou Noah surpreso.

— Ora, pelo estado dos seus sapatos, claro — o velho respondeu.

— Meus sapatos? — fez Noah, olhando para os pés e não vendo nada de especial.

— Como o senhor pode saber a hora que saí de casa olhando meus sapatos?

— Pelas solas — o velho respondeu. — Ainda estão um pouco úmidas e há

pequenas folhas de relva grudadas nelas, mas estão começando a secar agora e caindo no chão da minha loja. Isso indica que você pisou na relva pouco depois do orvalho ter parado de cair.

— Puxa! — exclamou Noah, considerando o que o velho dissera. — Está certo. Nunca tinha pensado nisso.

— Quando você tiver gastado tantos pares de sapato quanto eu gastei vai acabar se interessando pelos calçados dos outros — disse o velho. — É uma mania que eu tenho. Uma mania inofensiva, espero. Bem, dito isso, não quer comer alguma coisa? Não tenho muito a oferecer, mas...

— Eu adoraria — respondeu Noah depressa, a fisionomia se iluminando. — Não comi nada o dia inteiro.

— É mesmo? Não te dão de comer na sua casa?

— Dão, sim — respondeu Noah após uma ligeira hesitação. — Só que saí de casa antes do café da manhã.

— E por que saiu?

— É que não tinha nada em casa — mentiu Noah.

O velho encarou Noah como se não houvesse acreditado no que ele dissera e o menino sentiu o rosto ficar vermelho. Olhou para o outro lado e deu com o olho de um dos titeres na parede, que imediatamente virou a cara, como se não pudesse suportar a vista de um garoto que mente antes do almoço.

— Bom, já que você está morrendo de fome — disse finalmente o velho —, acho melhor lhe dar de comer. Vamos subir? Tenho certeza que vai ter alguma coisa de que você gosta.

Caminhou em direção a um dos cantos da loja, estendendo a mão direita à sua frente, e no instante em que o fez, uma maçaneta apareceu na parede e ele a girou, abrindo uma porta que levava ao pé de uma escada para o andar de cima. O queixo de Noah caiu de surpresa — ele tinha certeza de que a porta não estava lá um instante antes — e ele olhou da porta para o velho, do velho para a porta, de novo para o velho e de novo para a porta. De fato, podia ter continuado assim se o velho não tivesse posto um ponto final naquela maluquice.

— Como é? — indagou, virando-se. — Vem ou não vem?

Noah hesitou apenas um momento. Desde que se entendia por gente lhe diziam que só mesmo um menino boboca entrava em lugares estranhos com gente que não conhecia, ainda mais quando ninguém sabia que ele estava lá. Seu pai sempre lhe dissera que o mundo estava cheio de lugares perigosos, e sua mãe mandava ele parar de assustar o menino, que só tinha de se lembrar que nem todo mundo que parece legal é legal.

— Você parece hesitar — comentou o velho, calmamente, como se estivesse lendo os pensamentos do garoto. — E com toda razão. Mas garanto que não tem nada com que se preocupar aqui. Nem mesmo com a minha comida. Estive muitas vezes em Paris quando jovem e aprendi alguns segredos de um dos maiores cozinheiros da época, e modéstia à parte, faço ovos mexidos tão bem quanto o

melhor deles.

Noah não estava cem por cento certo se estava agindo direito ou não, mas os roncos do seu estômago faziam eco aos do relógio, que agora olhava para ele com intenções assassinas, batendo o pé impacientemente no balcão. Vencido pela fome, fez que sim rapidamente e avançou, seguindo o homem pela porta aberta.

Dentro, viu-se ao pé de uma escada estreita e, do mesmo modo que os títeres da loja, os degraus e as paredes eram todos feitos de madeira. Havia uma série de complicados entalhes no corrimão, que ele tocou com os dedos, desfrutando a sensação das ranhuras na sua pele. Eram lisinhos, como se tivessem sido entalhados com todo cuidado na madeira e alisados com uma lixa para evitar alguma farpa accidental. Para surpresa de Noah, a escada não ia diretamente para cima, como na sua casa, mas subia em círculos, de modo que ele mal podia ver o velho quando este virava à sua frente, porque os dois só ficavam ao alcance da vista um do outro a cada dois degraus.

Subiram e subiram, dando voltas e voltas e mais voltas, tanto que Noah começou a se perguntar até que altura iriam. Do lado de fora, a casa não dava a impressão de ter mais de um andar em cima da loja, mas agora parecia que eles subiam interminavelmente.

— Tem um bocado de escada pra subir — comentou Noah, a voz vacilando um pouco enquanto ele tentava recuperar o fôlego. — O senhor não se cansa de subir e descer todo dia?

— Agora mais do que antes — admitiu o velho. — Claro, quando mais moço eu era capaz de subir e descer esta escada correndo milhares de vezes por dia, e isso nunca me incomodou. Mas as coisas mudaram. Levo muito mais tempo para fazer tudo. A escada tem duzentos e noventa e seis degraus. Ou duzentos e noventa e quatro. Exatamente o mesmo número dos degraus da torre inclinada de Pisa. Não sei se você estava contando.

— Não — disse Noah. — Mas quantos são de fato? Duzentos e noventa e seis ou duzentos e noventa e quatro?

— Bem, ambos, na verdade — disse o velho. — Tem dois degraus a menos na escada norte do que na escada sul, logo depende por qual você sobe. Você já esteve na Itália, imagino.

— Não — respondeu Noah, balançando a cabeça. — Nunca fui a lugar nenhum. Aqui é o lugar mais distante de casa que eu já fui.

— Passei momentos muito felizes na Itália — disse o velho melancolicamente. — Aliás, morei pertinho de Pisa por um tempo, e todas as manhãs corria até a torre e subia e descia os degraus para manter a forma. Boas lembranças!

— Pelo visto o senhor esteve num montão de lugares — observou Noah.

— É verdade, viajei muito quando era moço. Não conseguia ficar parado num lugar. Hoje em dia é bem diferente, claro. — Ele se virou e fitou o garoto. — Você está se cansando de subir, não está?

— Um pouco — admitiu Noah.

— Bom, neste caso — disse o velho —, podemos parar por aqui.

No instante em que ele disse isso, Noah ouviu o som de passos pesados subindo a escada atrás dele e conteve a respiração nervosamente, porque tinha certeza de que não havia mais ninguém lá embaixo. Virou-se, com certo medo de quem ou do que podia aparecer, depois, arquejando, espremeu-se contra o corrimão enquanto a porta pela qual eles haviam entrado no térreo passava correndo por ele, bufando e ofegando, as bochechas vermelhas de vergonha.

— Desculpem, desculpem todos — disse a porta, encostando-se firmemente na parede em frente de Noah. — Estava conversando com o relógio e perdi a hora. Ele nunca para quando começa, não é mesmo?

— Tudo bem, Henrietta, não se preocupe — replicou o velho, estendendo a mão e girando a maçaneta. — Não posso me dar ao luxo de ter outra porta, por ora — acrescentou, virando-se e olhando para Noah com um sorriso de desculpas. — De modo que tenho de me arranjar com uma só. É muito embaraçoso, mas o negócio tem ido mal nas últimas décadas.

Noah não sabia o que responder, e continuou na escada um bom tempo, até se recuperar da surpresa e entrar por Henrietta numa pequena cozinha, impecável e caótica ao mesmo tempo, se é que isso é possível. Olhando para o chão, no entanto, ficou espantado ao ver que havia apenas mais ou menos um terço das tábuas necessárias ao assoalho, com grandes brechas entre uma e outra, largas o bastante para engolir um menino de oito anos. Ele espiou por entre elas, mas não conseguiu enxergar nada lá embaixo além de uma enorme escuridão. Isso era espantoso, porque não havia nada de errado no teto do térreo.

— Bom, vamos entrar? — perguntou o velho, recuando para deixar o menino entrar primeiro, sempre atento aos bons modos.

— Mas o assoalho — balbuciou Noah. — Se eu entrar aí vou cair no buraco.

— Ah, é — disse o velho. — Eu devia ter explicado. Tive de usar umas tábuas ano passado, quando fiquei sem lenha para a lareira. As tábuas não gostaram nada, devo admitir, e confesso que não foi o melhor momento da minha vida. Em todo caso, as que sobraram dão conta do recado. Olhe só.

Noah arregalou os olhos quando o velho entrou na cozinha sem tomar o menor cuidado, e à medida que avançava as tábuas entravam em ação, erguendo-se e pulando para a frente a cada passo dele, de modo que as brechas mudavam de lugar e o velho nunca caía nelas, pois cada tábua se punha debaixo do seu pé na hora certa para que ele pisasse nela.

— Que incrível! — exclamou Noah, sacudindo surpreso a cabeça e decidindo-se a experimentar também. As tábuas agiram da mesma maneira: saltavam fora do seu lugar e aterrissavam debaixo dos seus pés antes que ele pudesse ser engolido pela escuridão lá embaixo. No entanto, pareciam mais barulhentas agora, e Noah tinha certeza de que podia ouvir o som de uma respiração ofegante.

— É que não estão acostumadas com duas pessoas — explicou o velho. — Provavelmente vão se cansar mais depressa. É melhor não exigirmos muito delas. E

agora, vamos comer!

Uma porção de pratos com diferentes tipos de comida estava em cima da bancada da cozinha. Noah dirigiu-se cuidadosamente a ela, lambendo os beijos, sentindo que sua boca já começava a salivar e pensando como o burro faminto ficaria encantado se tivesse sido convidado para compartilhar a refeição com eles.

— Sirva-se, por favor — disse o velho, indicando o banquete. — Pegue um prato e encha-o com o que você quiser. Se não for o bastante, posso arranjar mais...

— Não, não — respondeu o garoto rapidamente. — É mais do que bastante, senhor.

Noah sentiu uma súbita vaga de afeto por seu anfitrião e um sentimento de gratidão por sua delicadeza. Encheu um prato com frios, salada de repolho, um naco de queijo Old Amsterdam, dois ovos cozidos, salsichas, uma fatia de bacon, um pouco de raiz-forte, e achou que para começar estava bom. Um punhado de laranjas de aspecto muito sumarento espremiam a si mesmas numa jarra na ponta da bancada. Ele esperou que elas terminassem e então serviuse de um copo de suco.

— Não precisa agradecer, viu, se é que ia — resmungou uma das laranjas encarando o garoto, agora espremida e reduzida a uma casca com ar exausto numa pilha em cima da bancada.

— Obrigado — disse Noah, se afastando nervosamente.

Um ursinho de madeira e cabelos brancos caindo nos olhos estava sentado no peitoril da janela, vestindo uma fulgurante gravata vermelha também de madeira. Noah quis sentar perto dele para almoçar, mas o ursinho soltou um rosnado baixinho quando ele ia em sua direção e o garoto parou no meio do caminho, sem saber o que fazer.

— Sente aqui, garoto — disse o velho, apontando para uma das duas cadeiras dos dois lados da mesa da cozinha. Hesitou um instante, depois pegou um pedaço de madeira e um formão mais fino, com uma lâmina mais afiada do que o que ele utilizou no térreo, e começou a lavrar a madeira, de início cuidadosamente, depois com uma confiança crescente. — Acho que vou fazer uma nova tentativa.

— O que vai entalhar agora? — perguntou Noah. — Outro coelho?

— Espero que não — respondeu o velho. — Mas a coisa nunca sai conforme o planejado, então sabe lá o que vai sair deste pedaço de pau. Mas não custa tentar de novo. — O velho sentou na outra cadeira, levando a mão à base da coluna ao fazê-lo. — Minhas costas estão ruinzinhas — murmurou quando viu que o garoto o observava. — Uma das consequências da velhice. Mas o único culpado disso sou eu. Eu devia ter continuado a ser como era. Na certa você acha que todo mundo envelhece e que eu não tenho o direito de me queixar.

— Não — retrucou Noah, sem um instante de hesitação. — Não, nunca achei isso. Nem todo mundo envelhece.

O velho fitou-o, pensando nas palavras do garoto, mas não fez mais nenhuma pergunta.

— Coma — ele disse passado um momento, apontando para o prato cheio em

frente ao garoto. — Coma antes que es quente.

Noah não devorou seu almoço, apesar da fome que sentia, porque sua mãe sempre dizia que devia ter consideração com os outros que estavam à mesa e não comer como um porco que não era alimentado havia mais de um mês. Em vez disso, mastigou a comida calma e lentamente, degustando cada bocado da refeição, que estava mais deliciosa do que qualquer comida que já tivesse provado.

— Eu tinha um apetite como o seu antigamente — disse o velho. — Mas não tenho mais. Agora como mais ou menos uma dúzia de refeições por dia, e costuma ser o bastante para mim.

— Mais ou menos uma dúzia de refeições por dia? — espantou-se o menino. — Em casa só comemos três. Café da manhã, almoço e jantar.

— Puxa! — fez o velho. — Isso não está certo. Sua esposa não sabe cozinhar?

— Minha esposa? — replicou Noah, caindo na gargalhada. — Eu não tenho esposa.

— Não tem? E por quê? Você parece um rapaz muito simpático. Tem boa aparência. Não cheira tão mal assim. Aliás — acrescentou, cheirando o ar e pensando um instante —, na verdade, já que toquei no assunto...

— Mas só tenho oito anos — disse Noah. — Ninguém pode casar com oito anos! De qualquer modo, eu é que não ia querer.

— Verdade? — perguntou o velho. — E por quê, se posso indagar?

Noah pensou um pouco.

— Bom, talvez quando eu estiver *muito* velho eu me case — respondeu finalmente. — Digamos, quando tiver vinte e cinco anos. Tem uma menina na minha turma, a Sarah Skinny, que é a quarta colocada entre meus melhores amigos, e espero que um dia nos casemos, mas só daqui a muito tempo. — Olhou em volta e disse com seus botões que aquela pequena cozinha parecia projetada para uma só pessoa. — E o senhor? — perguntou. — Não é casado?

— Não, não — respondeu o velho, sacudindo a cabeça. — Nunca encontrei a mulher certa.

— Quer dizer que o senhor vive sozinho?

— Vivo. Mas tenho muita companhia. Alexander e Henrietta, por exemplo, que você já conhece.

— O relógio e a porta? — perguntou Noah.

— É. Há outros. Muitos outros. Nem sei mais quantos. Ah, e tenho meus títeres, claro.

Noah meneou a cabeça e continuou a comer.

— Está uma delícia — disse de boca cheia. — Desculpe — acrescentou, dando uma risadinha.

— Tudo bem — disse o velho, afastando o pedaço de pau e soprando o pó acumulado nele. Examinou-o, pareceu gostar do que viu e continuou, o formão fazendo cuidadosas e precisas incisões na madeira. — Não há nada mais gostoso do que ver um garoto faminto comer — observou. — Quer dizer que não tem esposa?

Imagino então que também viva sozinho.

Noah fez que não com a cabeça.

— Não, vivo com a minha família — disse, parando o garfo no ar por um instante, ao pensar nela. — Ou melhor, eu *vivia* com eles — corrigiu-se. — Antes de sair de casa.

— Não mora mais lá?

— Não, saí de casa esta manhã. Quero conhecer o mundo e viver aventuras.

— Ah, nada melhor do que uma boa aventura — disse o velho sorrindo. — Uma vez, fui passar um fim de semana na Holanda e fiquei um ano, depois de me envolver num movimento para derrubar o governo.

— Não consigo me imaginar envolvido em algo do tipo — disse Noah, que não se interessava nem um pouco por política.

— E seus pais ficaram felizes por você ter saído de casa?

Noah não disse nada por um bom tempo, então baixou os olhos para o seu prato, seu rosto se enevoou e a comida à sua frente pareceu de repente muito menos apetitosa do que no instante anterior.

— Não precisa me contar nada, se não quiser — disse o velho. — Eu sei muito bem o que é ter oito anos. Afinal, já tive essa idade.

Noah pensou naquilo por um instante. O homem era tão velho que ele achou incrível que pudesse sequer se lembrar como era ter oito anos.

— O senhor nunca fugiu de casa quando tinha oito anos? — perguntou, erguendo os olhos e engolindo em seco, porque havia uma coisa em que não queria pensar, porque se pensasse ficaria muito perturbado. Ele tentava não pensar naquilo desde que acordou aquela manhã, mas aquilo tinha a terrível mania de reaparecer volta e meia na ponta do pé, correr pelo tornozelo, pelas pernas acima, pelas costas até o cérebro, e daí enviar aos seus olhos imagens que ele não queria ver.

— Fiz uma porção de coisas quando garoto — disse o velho. — E nem todas eram muito ajuizadas.

Noah gostava da ideia de fazer coisas não muito ajuizadas e já ia perguntar ao velho sobre elas, mas antes que o fizesse percebeu um grande baú de madeira no chão perto dos seus pés. Ficou surpreso por não ter se dado conta dele quando sentou, pois era muito decorado e parecia aquele tipo de antiguidade que sua mãe sempre pegava, examinava nas lojas e gostaria de poder comprar para a casa. Tinha um títere entalhado na tampa, bem diferente dos títeres nas paredes de baixo. Noah se inclinou para examiná-lo mais de perto.

— Foi o senhor que fez? — perguntou, erguendo os olhos um instante, e o velho negou com a cabeça.

— Não — respondeu. — Não fui eu. Não sou tão bom assim. O detalhamento, como você pode ver, é magnífico.

— É maravilhoso — concordou o menino, estendendo a mão e seguindo as linhas do entalhe com os dedos. O títere na tampa do baú parecia muito simpático. Tinha

um corpo cilíndrico comprido e um chapéu pontudo na cabeça. As pernas eram magérrimas e pareciam não ser capazes de o sustentar por muito tempo sem que o boneco desabasse por inteiro.

— Você vai se surpreender — disse o velho, como se lesse os pensamentos do garoto. — Se você usar uma árvore bem velha para entalhar os títeres, a madeira é tão forte que pode durar uma eternidade se for tratada direito. Esse títere podia perfeitamente ir até o fim do mundo e voltar, que só necessitaria de uma camada fresca de verniz ao fim da viagem.

— Se não foi o senhor que fez o baú, quem foi então? — quis saber Noah.

— Meu pai — respondeu o velho. — Já faz um bocado de tempo. Fiquei anos sem espiar dentro dele. Há um montão de lembranças aí, e às vezes é difícil encarar as velhas recordações. Só olhar para elas já nos deixa tristes. Ou com saudades.

Aquilo deixou Noah ainda mais intrigado com o conteúdo do baú. Olhou para ele, mordendo o lábio, e ergueu os olhos de novo, louco para saber o que havia ali dentro. Decidiu que o mais simples era fazer diretamente a pergunta.

— Posso abrir? — perguntou após um instante. — Posso ver o que tem dentro?

O velho abriu a boca para responder, mas depois olhou para o outro lado, com uma fisionomia confusa, como se não soubesse se queria que seu baú de lembranças fosse revelado aos outros. Não querendo perturbar seu anfitrião enquanto ele decidia, Noah não disse uma palavra até o velho olhar para ele e sorrir, balançando afirmativamente a cabeça.

— Se você quiser — respondeu calmamente. — Mas tome cuidado com o que vai encontrar. São coisas muito preciosas para mim.

Noah fez que sim entusiasmado e se abaixou para pegar o baú e pô-lo na mesa à sua frente. Notou agora que os lados exibiam entalhes do mesmo títere que estava representado na tampa, rodeado por edificações que pareciam estrangeiras e que ele tinha certeza de já ter visto em seus livros de geografia na escola. Uma delas parecia um pouco com a torre Eiffel de Paris, outra com o Coliseu de Roma. Segurou a tampa pelos lados e levantou-a cuidadosamente, prendendo a respiração, convencido de que ia encontrar algo extraordinário dentro.

Para seu desapontamento, porém, o que havia ali dentro eram mais títeres.

— Oh! — fez.

— Oh? — indagou o velho. — Tem alguma coisa de errado?

— Bom, achei que tinha fotos — disse Noah. — Adoro fotos. Ou cartas antigas. Mas são só mais títeres. Como os do andar de baixo. São muito bonitos, claro — acrescentou, sem querer parecer grosseiro ao pegar um e examiná-lo cuidadosamente. — É que achei que podia haver alguma coisa diferente aqui dentro.

— Ah, mas estes são muito diferentes — replicou o velho, sorrindo para Noah. — Os do térreo foram todos feitos por mim. Mas estes são os últimos que sobraram dos que meu pai fez. São preciosíssimos para mim. Como a grande árvore lá de fora, me fazem lembrar dele. São tudo o que tenho dele.

— Bom, eles *são* muito interessantes, eu acho — disse Noah, ficando um pouco mais intrigado. — Mas o senhor não gostaria de colocá-los lá embaixo com os outros?

— Não, eu não poderia fazer uma coisa dessas — respondeu o velho. — Meu pai não gostaria. Cada um conta uma história, entende? Uma história muito especial. Por isso têm de ficar juntos.

— Eu adoro histórias — disse Noah, com um sorriso, pegando um deles ao acaso, um títere meio corpulento representando uma mulher com uma cascata de papos sob o queixo e uma expressão furiosa no rosto. — Que história este conta?

— Ah, essa aí é a senhora Shields — disse o velho dando uma risada. — Minha primeira professora.

— O senhor guarda um títere de sua primeira professora? — perguntou Noah, erguendo surpreso a sobrancelha. — O senhor deve ter gostado muito da escola, então.

— De algumas gostei — respondeu o velho. — Mas não fui eu que quis ir para a escola. Foi ideia do Pápi. Do meu pai, eu deveria dizer. Mas isso é outra história. Tenho certeza de que não está interessado em saber como vim parar aqui.

— Claro que estou — replicou Noah rapidinho.

— Verdade? — fez o velho, cujo rosto se iluminou. — Então está bem. Mas vou ser breve. Por onde começar? Taí um problema. Pela floresta, quem sabe. — Pensou um instante e balançou rápido a cabeça, como se estivesse certo de que esta, sim, era uma ideia ajuizada. — É — disse —, pela floresta.

O TÍTERE DA SENHORA SHIELDS

Foi meu pai, o Pápi (disse o velho), que decidiu que devíamos deixar nossa casa confortável na orla da floresta e mudar para o meio do mato. As árvores de lá eram velhas, forneciam matéria-prima em abundância para os brinquedos e os títeres que ele fazia todos os dias, e ele também gostava da ideia de começar tudo de novo. Naquele ano, a vida mudou tanto para nós que quando ouvimos falar desta cidadezinha — pouco depois da primeira, logo depois da segunda — achamos que parecia o lugar ideal para começarmos nossa nova vida.

Eu tinha apenas oito anos na época, mas não havia vivido até então uma vida muito convencional. Eu era muito travesso, sabe, muito mais que os meninos da minha idade, e vivia sempre me metendo nas maiores encrencas. Sempre acabava conhecendo pessoas maldosas que queriam me causar algum mal. Eu era o tipo de guri que no caminho para ir buscar uma garrafa de leite podia me deixar levar para um parque de diversões por um sequestrador cruel ou ser forçado a servir de criado para um homem que só desejava o meu mal. Todas as vezes que escapava de um desses abusos, eu prometia ao Pápi que nunca mais sairia do bom caminho, mas todas as vezes que fazia essa promessa, mais cedo ou mais tarde eu a quebrava. Não me orgulho nem um pouco disso, mas era assim que eu era e não posso fazer de conta que era diferente.

Mas quando fiz oito anos decidi que ia tentar ser um bom menino, e para bem marcar essa minha mudança, o Pápi achou que era uma boa ideia recomeçar nossa vida num lugar em que ninguém nos conhecesse.

— Depois de tudo o que aconteceu — o Pápi me disse ao explicar seu projeto —, acho que uma mudança é exatamente do que nós dois precisamos. Podemos começar a vida de novo.

E assim, ainda cedo, antes do sol raiar, antes dos cachorros acordarem, antes do orvalho parar de cair nos campos, iniciamos nossa jornada através da floresta, não nos detendo para falar com ninguém no caminho, e só paramos quando chegamos a esta cidadezinha.

Pápi me perguntou se não parecia que estávamos em casa aqui, e nem precisei pensar muito para responder.

— Sim — falei. — Parece mesmo.

A primeira pessoa que encontramos foi um jovem burro que incomodamos com nossa chegada bem quando ele comia o capim que crescia ao longo da única rua da cidade, e que depois de engolir alguns bocados se aproximou devagar para nos

cumprimentar.

— Estão se mudando para cá, é? — perguntou o burro, que parecia encantado ao ver que um menino mais ou menos da idade dele poderia vir morar ali, um menino que quem sabe o levaria a passear pelos campos vizinhos. — Recomendo vivamente. Hi-han! Vivo aqui com minha manada desde que nasci. Há mais ou menos uma dúzia de nós, mas sou o melhor de todos se vocês quiserem dar uma boa galopada. Sou o mais rápido. Não deixaria vocês caírem. Também sou a melhor prosa por aqui. Hi-han! Imagino que vocês não têm aí nenhuma salsicha, têm?

— Muita amabilidade sua fazer essa recomendação — disse o Pápi, antes que eu pudesse responder, me empurrando pela rua e depois batendo no chão com sua bengala a breves intervalos, enchendo os pulmões de ar, agachando-se para tocar a relva e as cercas vivas que beiravam o caminho, e travando uma série de breves conversas para se informar com os vários animais selvagens que passavam por nós, para consternação do burro, que, dava para ver, esperava que não mudássemos de ideia.

— Seu pai parece querer ter plena certeza antes de se decidir, não é? — ele me perguntou, se aproximando e cheirando meus bolsos de forma curiosa, como se estivesse procurando alguma coisa.

— É, sim — respondi. — Ele espera que possamos viver aqui para sempre.

— E eu espero que ele escolha esta cidade — disse o burro. — Você vai poder me ver o tempo todo, se ele a escolher, não vai? Eu sou o melhor, já disse isso? E se você vier me ver, traga alguma coisa para eu comer. Não dá nem para começar a galopar com a barriga vazia.

Parecia que a cidadezinha era a mais adequada para nós, porque quando o Pápi voltou ao ponto em que o burro e eu estávamos, balançou a cabeça feliz e me abraçou.

— Vai ser aqui, filho — ele disse. — Aqui é o nosso lugar. Tenho certeza. Vamos ser felizes aqui.

— Hi-han! — zurrou o burro, encantado com a notícia. — Hi-han! Hi-han!

E assim, sem perder tempo, Pápi começou a construir a casa nova, levantando-a tijolo por tijolo com suas próprias mãos, o que não foi a ideia mais brilhante que ele teve, porque, por melhor que fosse com a madeira e o formão, não era lá muito habilidoso em matéria de construção, e à medida que esta avançava a casa ia ficando mais esquisita, as paredes não formavam ângulos retos e as janelas ficavam fora de esquadro em todas as direções.

— Não tem importância — eu disse quando nos instalamos em cima da loja de brinquedos, porque não queria desapontá-lo. — O que interessa é que ela fique de pé.

— Acho que vai ficar — ele disse. — E agora temos de pensar na sua escola.

— Temos mesmo, Pápi? — perguntei.

— Claro que sim — respondeu. — Você já perdeu tanto estudo, está muito atrasado em relação às outras crianças. E você não quer continuar assim, quer?

— Estou pouco me lixando — respondi, dando de ombros. Pápi franziu o cenho para mim e balançou a cabeça.

— Achei que você ia ser um bom menino daqui para a frente — ele disse com um quê de desapontamento na voz.

— E vou ser, Pápi — concordei, me lembrando de todas as promessas que tinha feito. — Desculpe. Claro que vou à escola, se você quiser. Pelo menos um pouco.

E assim, antes que eu pudesse mudar de opinião, Pápi visitou a professora do lugar, a senhora Shields, e quis saber se havia lugar para mim na classe dela.

— Claro, novos alunos são sempre bem-vindos na nossa classe — ela disse, sorrindo para nós e deixando suas bochechas ficarem rosadas, pois Pápi era um homem bonito e o senhor Shields tinha fugido de casa para se juntar ao circo no último setembro. — Temos umas carteiras de reserva. Gostaríamos muito que seu filho viesse se juntar a nós. Mas sua esposa não vem conversar sobre a educação dele também? — ela perguntou, inclinando-se para a frente e enrolando o cabelo nos dedos. — Gosto muito de envolver todos os membros da família em assuntos importantes como este.

— Não tenho esposa — disse Pápi, hesitando antes de continuar. Afinal, era complicado e ele não queria causar mais dificuldades para mim que as estritamente necessárias.

— Bom, não tem importância — devolveu a senhora Shields, encantada por descobrir que não tinha uma rival. — Nós nos encarregamos de todo tipo de aluno aqui. Temos uma menina que viveu na selva até os cinco anos e ainda fala numa curiosa mistura de inglês e macaquês. Ela se chama Daphne. Tenho certeza de que você vai se dar muito bem com ela.

— Vamos ver — respondi, nada convencido.

— E tem um menino que era elefante mas conseguiu escapar dessa vida bem a tempo para o Natal — continuou a senhora Shields. — Algo a ver com uma série de desejos, acho. Mas, para ser franca, ele ainda está se adaptando e parece um pouco perturbado. Continua tentando comer pelo nariz, o que é uma complicação danada.

— Que nojo! — eu disse.

A senhora Shields me encarou, sua expressão tornando-se um pouco mais fria.

— Que menino danado — observou.

Na manhã seguinte, quando entrei na sala de aula pela primeira vez, todos os alunos se voltaram imediatamente para me ver: todos os meninos, todas as meninas, todas as carteiras, todas as cadeiras. Até o quadro-negro, que era míope, pulou dos ganchos em que estava pendurado e veio ao meu encontro para me cheirar, depois correu de volta para a parede, sacudindo pó de giz ao resmungar: — Não, ele não vai conseguir. Não vai conseguir mesmo.

— Este lugar está ocupado — disse um camaradinho exibido chamado Toby Lovely, que se achava melhor do que qualquer um da turma. Ele sempre sentava perto da professora para tentar cair nas graças dela, e agora passava seus livros para a carteira vazia ao lado da senhora Shields, ao ver que eu me dirigia para ela.

— Desculpe — disse uma menina sem graça chamada Marjorie Willingham, que usava tranças amarradas com lacinhas cor-de-rosa, provocando uma torrente de risadas nas meninas sentadas junto dela —, mas esta carteira também está ocupada. E por favor não fale comigo. Não gosto de conversa fiada com estranhos.

Continuei avançando entre as carteiras, me sentindo cada vez mais desanimado à medida que um menino depois do outro, uma menina depois da outra me rejeitavam, mas finalmente cheguei à última fila e olhei cheio de esperança para uma carteira vazia.

— Pode ficar aqui, se quiser — disse o menino sentado ao lado.

Seu nome era Jasper Bennett e ele tinha uma porção de galos e machucados por toda a cara. Ele esvaziou a carteira, puxou uma segunda cadeira e eu me sentei agradecido, virando-me para meu novo colega de carteira com um sorriso de reconhecimento. Jasper olhou para mim um instante, piscando, me observando, com grandes lágrimas se formando em seus olhos.

— Todo mundo também me odeia — ele disse após um longo silêncio.

— Jasper! — berrou a senhora Shields, batendo o apagador na mesa e atirando um pedaço de giz no garoto. O giz quicou na orelha do Jasper e caiu no chão, depois se levantou e voltou devagarinho em direção à mesa da professora. — Eu já não lhe disse que não é para falar na aula? Disse ou não disse?

— Disse... — começou Jasper, mas a senhora Shields interrompeu-o.

— Jasper! — rugiu ela. — Não é para falar!

Levei um tempão para fazer qualquer tipo de amizade com as outras crianças da classe, principalmente porque eu não as conhecia há tanto tempo quanto elas se conheciam.

— Não queremos novos colegas aqui — disse Toby Lovely uma manhã, vindo até o meu lugar, sentando na beira da minha carteira e pegando um lápis de madeira que Pápi havia feito para mim. — Por que não vai para uma outra escola? A classe inteira está contra você.

— É que não tem outra — respondi, dando de ombros. — Esta é a única escola da cidade. A não ser que você queira que eu vá para a escola com os burros.

— Sem dúvida é uma alternativa — respondeu Toby Lovely.

— Prometi ao Pápi que eu viria a esta escola todos os dias — insisti.

— E me responda direito, tá? — rosnou, virando-se para os seus colegas, que imediatamente concordaram com que o que eu disse era um tremendo insulto e esperaram até a hora do almoço para pular em cima de mim, prender meus braços atrás e puxar meus cabelos por causa daquilo. Quando emergi do meio deles, estava coberto de hematomas e arranhões, uma figura digna de pena para os que me vissem voltando para casa. Até Jasper Bennett, que não tinha mais sido agredido desde que os outros meninos haviam encontrado um novo colega para chutar, tinha pulado em cima de mim, o que prova que você não pode confiar em ninguém neste mundo.

— Isso não teria acontecido se você tivesse ficado na sua — Pápi me disse

naquela noite, pondo esparadrapo nas minhas feridas e antisséptico nos cortes para que não infeccionassem. — Tem de tomar mais cuidado de agora em diante. Precisa tratar de fazer amizade com os outros garotos, e não se meter em brigas com eles.

No dia seguinte, ele foi falar com a senhora Shields sobre o problema e ela lhe disse que tentaria dar um jeito para que ninguém batesse em mim, mas que menino é assim mesmo e que, na verdade, não podia fazer grande coisa. Disse que se eu quisesse ter um ambiente melhor na escola eu teria de aprender a me defender, porque no fim das contas só eu mesmo podia me ajudar.

Para ser franco, Noah Barleywater (disse o velho), não foi um conselho muito útil.



Fig. 4

Vidro de ANTISSEPTICO
e seus INSTRUMENTOS
de APLICAÇÃO

NOAH E O VELHO

— Então por que seu pai esculpiu um títere representando a senhora Shields? — perguntou Noah, pegando o brinquedo e puxando a corda, o que fez um pedaço de giz voar da mão dela a uma grande distância e depois voltar para a sua mão velha e rugosa.

— Era um presente, acho — disse o velho. — Achou que se fosse delicado com a senhora Shields, ela talvez me ajudasse. Mas parece que ela pensou que significava algo mais, o que levou a uma série de mal-entendidos românticos, que são histórias para uma outra vez. Como quer que seja, ela não me ajudou muito, isso é o que interessa. Tive de me virar sozinho. Você na certa vai ter de fazer a mesma coisa.

— Eu? — fez Noah, erguendo os olhos surpreso. — Por que diz isso?

— Ora, você não está fugindo de casa porque estavam atormentando você na escola? Para mim, parece ser a explicação mais óbvia.

— Não — respondeu Noah, sacudindo a cabeça. — Não foi por isso, eu tenho uma porção de amigos na escola, e fico triste em saber que o senhor não tinha. Tem um menino na nossa turma chamado Gregory Fish, e é a ele que atormentam o tempo todo, porque diz seus erros como se fossem us.

— Isso não está certo, não acha? — perguntou o velho. — Você não o maltrata, não é?

Noah deu de ombros e olhou para o outro lado.

— Às vezes — disse, e seu rosto ficou um pouco vermelho. — Mas não é por maldade.

— Hmm — fez o velho, sacudindo a cabeça e continuando a entalhar o pedaço de madeira que tinha nas mãos. Depois ergueu-o para examiná-lo cuidadosamente à luz. — Você acha que vai sentir falta desses seus amigos?

— Ainda não sinto — respondeu Noah, pensando nas brincadeiras de que participavam e nas aventuras que viviam. — Mas acho que com o tempo vou sentir. Afinal, são muito bons amigos.

— E mesmo assim você fugiu deles?

— Quem disse que estou fugindo? — perguntou Noah.

— VOCÊ DISSE! — grunhiu o urso de madeira de gravata vermelha, que sentou por um breve instante, apontando o dedo para Noah e sacudindo-o dramaticamente no ar várias vezes antes de cair de novo no chão, num estado inanimado, como se nada de inconveniente houvesse acontecido. Noah olhou para ele boquiaberto, depois olhou de volta surpreso para o velho.

— Algum problema? — perguntou o velho inocentemente.

— O urso — disse Noah. — Ele gritou comigo.

— Ah, ele às vezes é muito mal-educado — disse o velho, sacudindo a cabeça. — Já falei para ele que não é para gritar com estranhos, mas temo que seja da natureza dele. Não posso fazer nada. É como você pedir a um esquilo que não cante com o coro dos passarinhos ao pôr do sol. Seja como for, o caso é o seguinte: você está fugindo de casa, não está?

— Estou — admitiu Noah.

— Gostaria de me contar por quê?

Noah negou com a cabeça e voltou a mexer no baú, tirando desta vez um títere representando um homem de agasalho esportivo. Puxou a corda, e o apito que o homem segurava na mão esquerda foi erguido até seus lábios e soltou um rápido e agudo *piii-piii*. O que não dava pra saber era de onde vinha o ar que o títere encontrou para soprar o apito.

— Que incrível! — exclamou Noah Barleywater.

— Ah, é o senhor Wickle — disse o velho dando uma risada. — Não fosse ele, as coisas que aconteceram na minha vida depois não teriam acontecido. Foi ele que despertou meu interesse por isso.

— Por isso o quê? — perguntou Noah.

— Correr — respondeu o velho. — Fui um grande corredor quando jovem, sabe? Não é o que você diria ao me ver agora, subindo e descendo vagarosamente por esta escada, mas fui famoso no mundo inteiro. E foi o senhor Wickle o primeiro a perceber que eu podia ser um corisco.

A CORRIDA

Algumas semanas depois (disse o velho) comecei a pensar que podia ser uma boa ideia largar a escola. Não tinha amigos com quem conversar, e todos os dias Toby Lovely tornava as coisas cada vez piores para mim. Um dia ele serrou as pernas da minha cadeira, de modo que quando sentei caí no chão e me machuquei. Em outra ocasião, pôs uma lata de tinta em cima da porta e quando entrei ela caiu em cima de mim. Tive de tomar dois banhos naquela semana! Ele roubava meu dever de casa e minhas maçãs, amarrava os cadarços das minhas botinas um no outro e pronunciava errado meu nome. Dizia que eu tinha vindo do espaço sideral e tinha geleia no lugar do cérebro. Enfiou uma perereca no traseiro das minhas calças e um furão na frente, o que foi mais divertido do que ele achou que fosse ser. Se fosse contar todas as coisas terríveis que ele fez comigo, não acabava mais. Ele passou uma tarde inteira caminhando do meu lado vestindo um agasalho estampado com uma flecha que apontava na minha direção e embaixo da flecha as palavras: ESTOU COM UM PALERMA. Todas as manhãs de quarta-feira ele só falava comigo em japonês, língua que ele dominava muito bem e da qual eu até comecei a entender algumas palavras. Punha sal no meu mingau e açúcar nos meus sanduíches. Convenceu toda a turma a ir de chapéu um dia, de modo que eu fosse o único diferente. Mandou flores para mim com um cartão assinado com grandes beijos de uma tal de Alice. Era um horror, um horror. Comecei a ter medo de ir à escola e não imaginava que as coisas pudessem piorar.

Até que pioraram.

Foi numa terça-feira de manhã; a senhora Shields andava pela sala discutindo que profissão gostaríamos de ter no futuro, o que era meio prematuro, já que tínhamos apenas oito anos de idade na época, mas ela disse que todos devíamos planejar nosso futuro, mesmo tão cedo assim. Ela queria saber não só o que queríamos ser quando crescêssemos, mas o que nossos pais eram agora.

— Meu pai é um astro internacional do cinema — disse Marjorie Willingham —, e minha mãe, astronauta. Quero ser piloto de helicóptero.

— Muito bem, Marjorie — disse a senhora Shields, balançando a cabeça com aprovação. — E você, Jasper Bennett. O que fazem seus pais?

— Meu pai tenta descobrir a cura para nariz escorrendo. Minha mãe é treinadora de cavalos. E eu gostaria de ser padre.

— Se você focar seus objetivos, irá alcançar todos eles — declarou ela feliz. — Matthew Byron, e você?

— Meu pai é o chefe das Forças Armadas — disse Matthew —, e minha mãe ajuda as pessoas a driblar o imposto de renda. Pretendo ser jogador profissional de futebol até completar trinta e quatro anos e meio, e aí vou dirigir meus esforços para ser poeta premiado.

— Quanta ambição! — sorriu a senhora Shields. — Toby Lovely, tenho certeza de que seus pais são modelos maravilhosos para você.

— São mesmo — admitiu Toby Lovely. — A senhora conhece aqueles slides que vão passando, passando, passando, e quando chega no fim deles a senhora acaba numa piscina?

— Conheço, sim — disse a senhora Shields.

— Foi meu pai que inventou.

— Fascinante! — exclamou a senhora Shields. — E sua mãe?

— Foi ela que inventou a piscina. Foi assim que eles se conheceram.

— Claro. E você? O que pretende ser quando crescer?

— Atleta — respondeu Toby Lovely. — *Sou* o garoto mais rápido da escola, afinal.

Ele sorriu presunçoso e recebeu os aplausos calorosos do resto da turma.

— E é mesmo — confirmou a senhora Shields, olhando em volta cuidadosamente. — Todo mundo já falou? Não está faltando ninguém?

Todos os meninos e meninas da turma fizeram que sim, menos eu, do que me arrependi imediatamente, porque a senhora Shields percebeu e apontou na minha direção.

— Desculpe — disse. — O que seus pais fazem?

Engoli nervosamente em seco e me levantei.

— Meu pai faz brinquedos — respondi. — A maioria, títeres, mas também faz outras coisas. Ele é muito habilidoso com as mãos.

— Que encantador — comentou a senhora Shields. — Todos precisam de brinquedos. Pelo menos até os trinta. E sua mãe, o que faz?

Fiquei espantado com a pergunta e baixei a cabeça por um instante.

— Oh, claro — ela disse. — Desculpe. Esqueci. Você não tem mãe, não é?

— Não, senhora — respondi, balançando a cabeça.

— Ela morreu?

— Não, senhora — respondi.

— Saiu de casa?

— Não, senhora — respondi.

Ela pareceu surpresa e franziu a testa.

— Onde está ela, então? Não desapareceu pura e simplesmente no ar, não é?

— Nunca tive mãe — falei.

— Nunca teve mãe? — gritou Toby Lovely, virando-se e me encarando divertido.

— Nunca ouvi nada tão ridículo na minha vida.

— É que você nunca se ouviu cantando — repliquei, espantado com a minha coragem de enfrentá-lo, mas deixando-o sem saber o que dizer, porque ele

simplesmente olhou para mim e começou a ferver de raiva em silêncio.

Eu sabia que a coisa não ficaria nisso, e não deu outra, algumas horas depois, no recreio, ele partiu para cima de mim e deu um tapa na minha nuca como troco pela minha insolência.

— Como é que alguém pode não ter tido mãe? — perguntou. — Você não foi esculpido em madeira ou algo assim.

— Coisas da vida — rebati. — Eu nunca tive mãe e você nunca teve cérebro. Todos nós temos alguma coisa que nos diferencia dos outros.

De novo! Talvez tenham sido os meses e meses de *bullying* que me levaram a um ponto em que senti que não podia aturar mais uma só humilhação. Toby Lovely olhou para mim e riu um pouco, estupefato, depois pateou o chão como um touro se preparando para atacar e pulou em cima de mim. Nós dois rolamos no chão, embolados, numa sucessão de punhos no ar e cabelos puxados, enquanto os outros se amontoavam em torno de nós e nos incentivavam, adorando ver o raríssimo espetáculo de uma briga pra valer.

Dei socos e pontapés em todas as direções, e quando finalmente fomos separados — pelo senhor Wickle, o professor de educação física —, gostei de ver que tinha deixado Toby Lovely com o nariz sangrando. Mas não gostei nada de sentir as contusões nas minhas orelhas e o olho roxo que começava a aparecer no meu rosto.

— Que bagunça é essa? — perguntou o senhor Wickle. — Briga no pátio? Não tolero isso! E aliás, por que vocês estão brigando?

Eu não podia suportar mais e berrei com toda a força dos meus pulmões:

— ELE SE ACHA MELHOR DO QUE EU! MAS NÃO É, NÃO!

— Sou, sim — disse Toby Lovely.

— Não é, não.

— Sou, sim.

— Não é, não.

— Sou, sim.

— Não é, não.

— Parem, parem — mandou o senhor Wickle, calando a nossa boca. — Chega, vocês dois. Olhe — ele disse, virando-se para mim. — Toby Lovely é um dos melhores atletas que a escola já teve. Afinal, ganhou quatro medalhas de ouro em nosso último dia dos esportes. Se ele diz que é melhor do que você nisso, deixe ele dizer! Quanto a você — acrescentou, voltando-se para Toby Lovely —, precisa ser mais humilde.

— Tem razão — disse Toby Lovely, estendendo a mão para mim. — Eu aceito minha superioridade e não vou mais olhar os outros de cima.

— Eu venço você numa corrida — falei, sacudindo os ombros, sem pensar no que dizia.

Todas as vozes do pátio da escola se calaram quando eu disse aquilo, e caladas ficaram quase uma hora. Finalmente, a barriga do senhor Wickle começou a roncar e nos fez sair daquele estado.

— Ora, ora — ele disse, sacudindo a cabeça e olhando para mim com uma imensa expressão de dó nos olhos. — Que despropósito é esse?

— Mas é verdade — disse eu.

— Não é, não — disse Toby Lovely.

— É, sim — repliquei.

— Chega! — gritou o senhor Wickle. — Se você acha que corre mais do que o mais brilhante atleta que a escola já produziu desde o grande Dmitri Capaldi, só tem um jeito de provar. Vamos organizar uma corrida!

A escola toda deu uma salva de palmas e, numa velocidade extraordinária, separou-se em duas fileiras. Todos os meninos ficaram de um lado, as meninas do outro, olhando uns para os outros com suas costumeiras expressões de medo e interesse. Entre ambos, no início da raia, estávamos Toby Lovely e eu, com o senhor Wickle entre nós dois. A senhora Shields saiu do prédio da escola, com um par de tênis.

— Os tênis do Toby — ela disse, ofegante. — Ele não pode correr sem seu tênis que dá sorte.

— Você trouxe seu tênis? — o senhor Wickle me perguntou, olhando para as minhas botas de grampos na sola.

— Não, senhor — respondi. — Mas não tem importância. Ele pode usar os dele, se quiser. Mesmo assim vou ganhar.

— Então vou usar — disse Toby Lovely, calçando-os, e nos agachamos na posição de partida.

— Olhem para a frente, rapazes — disse o senhor Wickle. — Estão vendo aquela macieira lá longe? Está a quinhentos metros. O primeiro a me trazer uma maçã será declarado vencedor. Estão preparados?



Fig. 5

Um par de botas com
grampos e outra maçã
(Nota: não mordida)

— Sim! — gritamos, e fiquei pensando em que fria tinha me metido, porque nunca havia apostado uma corrida na vida, ainda mais com um cara como Toby Lovely, que era mesmo um corredor rapidíssimo.

— Prontos para a partida?

— Sim! — respondemos, e engoli nervosamente em seco, olhando fixo para a macieira, decidido a que, acontecesse o que acontecesse, eu daria o melhor de mim e trataria de não ficar muito atrás dele.

— Já!

Saí correndo, sem olhar nem para a esquerda nem para a direita, sem saber a que distância meu adversário estava à minha frente e, quando alcancei a macieira, peguei uma maçã, virei e corri de volta, largando-a na mão estendida do senhor Wickle, percebendo de repente que as duas fileiras de espectadores estavam silenciosas. Virei-me e vi Toby Lovely, a poucos metros de distância, parado, olhando para mim estupefato. Ele mal tinha saído da posição de partida, enquanto eu já tinha ido e voltado.

— Meu Deus! — exclamou o senhor Wickle, balançando a cabeça. — Isso é que é surpresa!

NOAH E O VELHO

— Quer dizer que o senhor ganhou? — perguntou Noah. — Derrotou ele?

— Derrotei — respondeu o velho sorrindo. — E, acredite, eu estava tão surpreso quanto todos os outros. Nunca imaginei que venceria, mas aconteceu que eu era um atleta por natureza, o corredor mais rápido que a aldeia já vira. E, justiça seja feita, Toby Lovely reconheceu isso e me deu parabéns.

— Imagino que depois disso vocês se tornaram grandes amigos, não é? — perguntou Noah.

— Que nada — respondeu o velho, negando com a cabeça. — Nós não nos suportávamos. O *bullying* cessou, é verdade, mas nunca mais voltamos a nos falar. A história dele acaba aqui. Mas a minha apenas começava. Eu estava a ponto de conquistar o mundo.

— Foi por isso que seu pai esculpiu isto? — perguntou Noah, erguendo o títere do senhor Wickle. — Por ele ter contribuído para que o *bullying* acabasse?

— Mais ou menos — disse o velho. — Pápi não era assim totalmente grato a ele, pois sempre dizia que se não fosse o senhor Wickle, eu teria ficado em casa nos anos seguintes, em vez de estar sempre viajando e deixando ele sozinho. Ele sentiu mesmo a minha falta quando fui embora, como você pode ver. Tínhamos mudado para a floresta para que eu parasse de fazer besteiras, mas aparentemente eu estava me envolvendo de novo com elas. Ele fez este títere para poder olhar com raiva para ele e ficar manipulando o boneco no ar quando ficava bravo comigo.

— Incrível! — exclamou Noah, pondo o títere na mesa à sua frente.

— Como você vê, o senhor Wickle percebeu imediatamente que minhas pernas eram mais fortes do que o normal e me fez praticar futebol e rúgbi, tênis e hóquei, *badminton* e handebol, mergulho e paraquedismo, canoagem e ciclismo, corrida de automóvel e nado sincronizado, basquete e corrida, escalada e remo, iatismo e arco e flecha, beisebol e boxe, e não demorei a me tornar o maior atleta que a aldeia já vira. O professor de polo até me convidou para participar das aulas de polo, mas eu não quis. “Não, não me interessa por polo”, disse a ele.

— Nunca conheci ninguém que praticasse tantos esportes — comentou Noah.

— É, mas era de correr que eu mais gostava — disse o velho. — Todos os dias o senhor Wickle cronometrava minha corrida: eu saía da escola, seguia correndo pela estrada, entrava na floresta, saía de novo, subia a rua, atravessava a aldeia, passava por meu amigo burro e voltava para o pátio da escola. Ele dizia que eu tinha um potencial muito maior do que qualquer garoto que ele já tinha visto e viria a ver.

“Vou te dar uma dica”, ele me disse, inclinando-se e apertando meu ombro. “Se você quiser melhorar seu tempo, corra mais depressa.”

— Me parece um bom conselho — disse Noah, pensando na dica.

— E era mesmo. Corri mais rápido. Quando chegou o dia dos esportes na escola, ganhei todas as provas de corridas. No fim do dia, os outros garotos me cercaram e me puseram no ombro para me levar numa volta triunfal pelas ruas, mas por achar que eles estavam planejando me dar outra surra saí correndo o mais rápido que pude — o que era rapidíssimo — e nunca recebi o triunfo. Alguns meses mais tarde, foi realizada a corrida anual de longa distância da aldeia, conhecida como “a longa”. Ganhei fazendo um tempo que foi quinze por cento mais rápido do que o de todos os que a tinham vencido antes. Corri mais rápido até que o grande Dmitri Capaldi, o lendário corredor cuja estátua ficava no centro da aldeia. E quando as notícias do meu sucesso começaram a se espalhar, a câmara municipal veio me visitar e antes de um ano eu era coroado o mais rápido corredor da prova de oitenta quilômetros. Pouco depois, fui aclamado como o corredor mais veloz do país. E foi assim que todas as minhas resoluções de virar um bom menino e ficar com o Pápi começaram a ir por água abaixo, o que eu havia prometido que jamais aconteceria.

— Gostaria de ter jeito para uma coisa assim — disse Noah Barleywater. — Não sou um corredor muito bom, na verdade. No entanto, não sou ruim em xadrez.

— Hmm — fez o velho, pensativo. — Mas não é propriamente um esporte, é?

— É um esporte de cabeça — respondeu Noah, endireitando-se na cadeira e sorrindo.

— De fato — concordou o velho. — Mas você não deve ter ninguém com quem jogar agora, imagino. Quer dizer, agora que você fugiu de casa.

— Não mesmo — disse Noah, olhando de novo para a mesa, concentrando-se num nó da madeira no centro e raspando-o com a unha do polegar.

— Suponho então que deve ter sido da sua família — disse o velho, levantando-se e tirando os pratos do almoço. — Foram as únicas pessoas que você abandonou. Você deve estar fugindo deles. Escute, o que acha disto? — perguntou, levantando um títere de orangotango, resultado dos entalhes que estivera fazendo naquela última hora.

— Ótimo — respondeu Noah, pegando o títere e o examinando cuidadosamente. — Parece de verdade. O senhor talhou a madeira de um jeito que ficou parecendo com pelo de macaco.

— É, acho que ficou mesmo — concordou o velho, mas com uma voz que parecia meio desapontada ao olhar para o títere. — Não era bem um orangotango que eu estava tentando esculpir, mas tudo bem.

— Não era? — espantou-se Noah. — Era o quê, então?

O velho sacudiu a cabeça, foi até um cesto repleto de pedaços de madeira num canto da sala, escolheu um, examinou-o cuidadosamente, fez que sim com a cabeça e sentou-se de novo.

— Não tem importância — disse calmamente, ignorando a pergunta do garoto e

pegando o formão. — Vou tentar outra vez. Um desses dias acerto. Acho que tem sobremesa, quer?

— Se não der muito trabalho — respondeu Noah, que ainda estava com fome. — Olhe, não estou fugindo da minha família. É que... bem, eles estão lá e eu aqui, só isso.

— Devem ser gente muito ruim para você não querer ficar com eles — disse o velho, estalando os dedos para a geladeira, que apareceu diante deles com energia para dar e vender, pois estava repleta de doces. — Temo não ter muito a lhe oferecer — disse. — Só um pavezinho de frutas, geleia, sorvete, bolo de chocolate, torta de banana e pudim de cereja. Isso dá?

— Se dá! — respondeu Noah, que não gostava nem um pouco de o velho pensar que sua família era uma gente ruim e que fora por causa disso que ele os deixara. Afinal, gente ruim é que não eram. Na verdade, eram ótima gente.

— Mas se são tão bacanas assim, por que você fugiu deles? — perguntou o velho, para surpresa de Noah, que tinha certeza de só ter pensado aquilo, e não dito em voz alta.

— É que assim é melhor, só isso — respondeu.

— Seu pai trancou você no depósito de carvão?

— Não — respondeu Noah, horrorizado.

— Sua mãe obrigou você a comer na casa do cachorro, junto com ele?

— Claro que não — respondeu Noah. — Ela nunca faria uma coisa dessas. Aliás, não temos cachorro. E tem mais, sempre passamos dias maravilhosos nós dois. Em todo caso, nos últimos meses.

— Ah, é? — fez o velho. — Que coisa mais intrigante.

— Por exemplo, teve o café do fliperama — disse Noah, contando a história de como tinha marcado quatro milhões e quinhentos mil pontos e ficado no topo do ranking. — E teve a vez que ela me salvou do segurança que me acusava de ter roubado as cartas mágicas. E há umas poucas semanas ela construiu nossa praia particular.

O velho ergueu surpreso a sobrancelha.

— Praia particular? — exclamou. — Na orla de uma floresta? Que coisa mais estranha!

— O senhor ficaria assombrado com o que minha mãe é capaz de fazer quando mete uma ideia na cabeça — disse Noah. — Ela é cheia de surpresas.

UM PASSEIO INESPERADO

A mãe de Noah nunca fora o tipo de mulher que fazia coisas inesperadas, mas isso tinha mudado havia alguns meses, depois que o feriado da primavera na casa da tia Joan foi cancelado. Eles iam lá toda Páscoa desde quando Noah era capaz de se lembrar e ele sempre esperava a viagem, não só porque tia Joan morava à beira-mar e Noah poderia passar horas e horas brincando na água e fazendo castelos de areia na praia, mas também porque seu primo Mark era seu melhor amigo, apesar de eles só se verem algumas vezes por ano. (O litoral, onde a tia Joan morava, ficava bem distante da floresta onde a família Barleywater vivia.)

Todo mundo dizia que Mark era o oposto de Noah. Era alto para a idade, e seus pais diziam que iam botar um tijolo na cabeça dele para que ele parasse de crescer, porque as roupas do Mark só serviam por alguns meses, depois ficavam pequenas demais para ele. Mark tinha cabelos louros, enquanto os de Noah eram negros. Tinha olhos azuis; os de Noah eram verdes. Era meio um craque do futebol e do rúgbi, jogos que Noah gostava de jogar mas em que não era muito bom. Por alguma razão, Noah sempre se atrapalhava quando jogava na escola — futebol às segundas, quartas e sextas; rúgbi às terças e quintas. No futebol, em vez de chutar, pegava a bola com a mão e passava para o colega de time jogando-a para o lado; no rúgbi, em vez de pegar a bola com a mão, ele mirava, chutava no fundo das redes e saía correndo pelo campo berrando “*goooooooo!*”, com a camiseta cobrindo o rosto, até cair no chão. A única razão pela qual ele escapava de levar uns bons pontapés quando fazia aquilo era porque todos os meninos da sua turma *gostavam* dele no geral.

— Houve uma pequena mudança de plano — disse sua mãe uma noite, quando a família sentava para jantar. — É sobre a tia Joan.

— Nós vamos, não vamos? — perguntou Noah na mesma hora, erguendo os olhos de seu prato de empadão de peixe, que ele tinha ficado remexendo com o garfo na esperança de encontrar alguma coisa de comível naquela gororoba grudenta que estava à sua frente. (Sua mãe tinha muitas qualidades, mas a cozinha não era uma delas.)

— Sim, vamos — respondeu sua mãe, olhando para a mesa à procura do sal e da pimenta-do-reino muito mais para disfarçar o gosto da comida do que para não encontrar os olhos do filho. — Bem, quando digo que vamos, quero dizer que iremos. Em algum momento do futuro. Mas não semana que vem, conforme tínhamos planejado.

— Por que não?

— Outra vez — respondeu o pai dele rapidinho. — Podemos ir no verão, se tudo der certo.

— Mas já está tudo acertado — disse Noah, olhando de um para o outro desalentado. — Escrevi ao Mark semana passada e combinamos que na primeira tarde íamos pescar siri e...

— Da última vez que foi pescar siri com Mark — interrompeu a mãe de Noah — você encheu um balde inteiro, e quando um siri pulou do balde no seu braço você derramou todos no piso de pedra da cozinha da tia Joan e todos fugiram, menos o coitado de um siri cuja casca quebrou quando ele bateu no chão. Aliás, imagino que a população de siris vai gostar muito de saber que você não vai visitá-los na Páscoa.

— É, mas eu só tinha sete anos — explicou Noah. — Aos sete anos ninguém sabe como se comportar. Agora estou com oito. Vou tratar os siris com muito mais respeito.

— Você quer dizer que iria manter a casca deles intacta até derramá-los, ainda vivos, numa panela de água fervendo? — perguntou seu pai, que se descrevia como um liberal convicto e se orgulhava de sê-lo.

— *Iria*, sim — concordou Noah. — Então, vamos?

— Não — respondeu sua mãe.

— E por que não?

— Porque não podemos.

— E por que não podemos?

— Porque eu disse que não.

— E por que você disse que não?

— Porque não é possível agora.

— E por que não é possível agora?

— Porque não é!

— Isso não é resposta!

— Pois é a única resposta que você vai ouvir, Noah Barleywater — ela cortou, e ele entendeu que era fim de papo, porque sua mãe só o chamava pelo nome e sobrenome quando tinha tomado uma decisão sobre um assunto e que não ia voltar atrás. — Agora coma o seu empadão de peixe antes que esfrie.

— Odeio empadão de peixe — resmungou Noah, que na verdade gostava sim daquele prato quando era bem preparado. (Isto é, preparado por alguém que soubesse cozinhar.)

— Não odeia não senhor — rebateu sua mãe. — Você sempre pede empadão de peixe quando vamos jantar fora.

— Eu não odeio empadão de verdade — concordou Noah, mexendo aquele grude rosa e branco de um lado para o outro do prato. Alguns pedaços do peixe pareciam tão crus e incomíveis que um bom veterinário talvez pudesse fazê-los reviver. — Mas isto, minha mãe... isto... realmente...

A mãe de Noah deu um suspiro. Ela sabia que Noah só a chamava de “minha mãe” quando tinha certeza absoluta de uma coisa, e aí não tinha jeito de convencê-

lo que não.

— O que tem de errado no empadão? — ela perguntou passado um instante.

— Tem um gosto horrível — respondeu Noah encolhendo os ombros.

— Noah! — rosnou seu pai, parando de empurrar a comida com o garfo pelo prato afora e olhando firme para o filho. — Isso não é coisa que se diga!

— Ele tem razão — disse a mãe com um suspiro, empurrando seu prato. — Sou péssima cozinheira.

— A sua sopa de tomate é muito boa — disse Noah, querendo reconhecer algum mérito dela.

— É verdade — ela disse. — Sei abrir a lata da melhor sopa de tomate. Mas meu empadão de peixe fica a desejar.

— Para ser justo — disse o pai de Noah —, acho que até o cachorro torceria o nariz para ele. Se tivéssemos cachorro.

— Então, vamos jantar fora — disse a mãe de Noah, levantando-se e tirando os pratos da mesa. — E você pode pedir o que quiser.

Noah sorriu, esquecendo por um instante o desapontamento pelo não feriado, e pulou da cadeira, mas bem quando fazia isso sua mãe deixou escapar os pratos que tirava e os três caíram, esparramando no chão batatas, camarões, peixe, ervilha e todos os ingredientes grudentos do empadão. Noah deu um pinote, achando que ela ia dizer que era um desastrado, que vivia deixando as coisas caírem, mas em vez disso ela se debruçou sobre o aparador, a mão apertando as costas na altura dos rins e gemendo baixinho, um som estranho e perturbador, um lamento de cortar o coração que ele nunca a tinha ouvido emitir antes. O pai de Noah levantou-se imediatamente e correu para ela, Noah também se adiantou, mas não tinha como passar por cima do empadão de peixe a não ser que desse um pulo gigante, e ele não tinha certeza de ser capaz de dá-lo sem antes recuar um pouco.

— Suba para o seu quarto, Noah — disse seu pai.

— O que está acontecendo com a mamãe? — perguntou nervoso.

— Suba para o seu quarto! — seu pai repetiu, erguendo a voz dessa vez, e a ordem soou tão séria que Noah fez imediatamente o que ele mandava, tentando não pensar no que estaria acontecendo no térreo.

E aquilo se encerrou ali, provisoriamente.

No entanto, duas semanas mais tarde, no dia em que iriam para a casa da tia Joan, se os planos não tivessem mudado, ele estava diante do espelho do quarto medindo seus músculos, quando sua mãe entrou. Ela tinha ficado de cama por alguns dias, mas parecia ir bem melhor agora e havia estado fora a véspera inteirinha, no que descreveu como uma missão secreta que ele logo saberia qual era.

— Você está aí! — ela exclamou, sorrindo para ele. — O que acha de darmos um passeio?

— Adoraria! — respondeu Noah largando a fita métrica e anotando a medida num caderno. — Onde vamos desta vez? No café do fliperama?

— Não, tive uma ideia muito melhor — ela disse. — Como não podemos ir ao mar, pensei que podíamos trazer o mar até nós. O que acha?

Noah suspirou e sacudiu a cabeça.

— Moramos na beira da floresta, minha mãe — disse. — Não acho que encontraremos nenhuma praia por aqui.

— Se você acha que um detalhezinho como esse vai atrapalhar meus planos, é que você não me conhece — ela disse, mostrando a língua para ele e fazendo uma careta. — Você sabe que sou a mãe mais incrível do mundo, não sabe? — Noah fez que sim mas não disse nada. — Então muito bem — ela disse, batendo palmas duas vezes e bem depressa, como alguém num programa de tevê a ponto de lançar um feitiço. — Pegue seu calção de banho e uma toalha. Te encontro lá embaixo daqui a cinco minutos.

Noah fez o que ela disse, se perguntando que bicho a teria mordido. Era a segunda vez que fazia com ele uma saída surpresa. A primeira, a do fliperama, tinha sido superdivertida e, a julgar pela outra vez, esta seria até melhor. Ela nunca havia feito coisas assim, mas agora, quando menos esperava, virava costume. Só que ele não podia imaginar como ela podia trazer o mar para a floresta. Sua mãe era muitas coisas, mas mágica não era.

— Aonde vamos? — perguntou quando entraram no carro, que estava, pela primeira vez na vida, com a capota abaixada. (Antes, a senhora Barleywater dizia que não abaixava a capota para não pegar resfriado, mas não parecia se preocupar mais com isso; parecia, isso sim, feliz por aproveitar a brisa fresca do verão. “A gente só vive uma vez”, ela disse ao abaixar a capota.)

— Já te disse — respondeu. — À praia.

— Sei, mas e de verdade? — ele insistiu.

— Noah Barleywater — ela retrucou, virando-se para olhá-lo por um instante, depois virando-se novamente para olhar para a estrada —, você não está querendo dizer que estou te tapeando, está? Você não me disse que queria muito ir à praia?

— Disse — ele respondeu —, mas fica a centenas de quilômetros daqui. Não vamos viajar tudo isso, vamos?

— Claro que não — ela disse, sacudindo a cabeça. — Eu não teria energia para tanto. Não, vamos chegar lá daqui uns quinze minutinhos.

E acreditem, quinze minutos depois, indo da floresta em direção à cidade vizinha, chegaram a um hotel que Noah nunca tinha visto antes e desceram no estacionamento.

— Não diga nada — disse a mãe de Noah, percebendo a cara cética que seu filho fazia. — Confie em mim.

Entraram, e a senhora Barleywater acenou para uma das recepcionistas que saiu de trás do balcão, veio imediatamente até eles, com um largo sorriso no rosto, e estendeu-lhe uma chave.

— Obrigada, Julie — disse a mãe de Noah, piscando para ela, e Noah franziu a testa de surpresa, porque tinha certeza de que conhecia todos os amigos da mãe, e

que essa Julie era uma novidade para ele. Seguiu no entanto sua mãe, virando-se só por um instante para lançar um olhar à recepcionista, que agora estava ao lado de uma das suas colegas, observando eles dois se afastarem. Parecia sacudir a cabeça como se estivesse muito triste com alguma coisa, e falou com a amiga, que abriu a boca como se tivesse acabado de ouvir um segredo horrível.

— É por aqui — disse a mãe de Noah, segurando sua mão enquanto prosseguiram pelo corredor. — E por aqui. Quer apertar o botão?

Noah suspirou e balançou a cabeça.

— Você se lembra que tenho oito anos e não sete? — perguntou, porque quando era menor sempre queria apertar o botão do elevador. — Em todo caso, alguém tem de apertar, não é?

— B — disse sua mãe, e ele apertou o botão “B”, as portas se fecharam e o elevador desceu devagarinho com muitos rangidos e guinchos.

— Aonde estamos indo? — perguntou após um instante de silêncio.

— Num lugar bacana — respondeu sua mãe.

Quando as portas se abriram, percorreram um longo corredor, e a senhora Barleywater abriu a porta que dava para um vestiário vazio.

— Entre aí e vista a sunga — falou. — Vou me trocar ali naquela porta. Anda, rapidinho! Eu te encontro aqui em cinco minutos.

Noah assentiu, fez o que ela mandou e cinco minutos depois os dois seguiam outro corredor até que sua mãe finalmente parou diante de uma porta, sorrindo para ele.

— Sinto muito não termos podido ir à praia este ano — ela disse. — Mas eu não queria que você perdesse a praia por minha culpa.

— Como assim por culpa sua? — ele perguntou, mas em vez de responder ela abriu a porta com a chave que lhe deram e entraram na área da piscina do hotel. Noah já tinha ido antes a outras piscinas mas nenhuma era como aquela. Para início de conversa, não havia ninguém por ali, o que era surpreendente num hotel como aquele. Normalmente, a piscina estava cheia de homens de meia-idade, respingando água para todo lado como baleias ao se movimentarem por ela, ou crianças pulando agitadas no fim do raso, com cara de medo de perderem o pé e afundarem. Mas em vez disso, só havia duas pessoas: Noah e sua mãe.

Mas se ele achava isso estranho, não era nada comparado com a própria piscina. Um montão de areia tinha sido derramado nela para formar dunas e, embora não se parecesse nada com uma praia de verdade, era sem dúvida o mais parecido possível que se podia ter numa piscina. A boca de Noah se escancarou de surpresa e ele olhou maravilhado para a mãe.

— Bom, não é exatamente uma praia de verdade — ela admitiu. — Mas a piscina é só pra nós e podemos fingir que estamos na praia, não podemos? Mais um feriado na praia juntos. Vamos aproveitar o máximo possível, não é?

— Bom, não é só mais um — ele respondeu. — Quer dizer, podemos ir para a casa da tia Joan na Páscoa do ano que vem, não é? Ou até mesmo neste verão?

A senhora Barleywater abriu a boca para responder, mas parecia demorar um bocado para encontrar as palavras adequadas. Ela engoliu em seco e olhou para o outro lado, depois se inclinou e abraçou Noah com tanta força que ele achou que ela tinha ficado maluca.

— O que foi? — perguntou nervoso, soltando-se dela. — Por que você está se comportando desse jeito tão esquisito?

— Eu? Esquisita? — ela pigarreou, afastando-se do filho. — Não entendo de que está falando. E aí, vamos dar uma caída? — perguntou, dirigindo-se para a beira da piscina. — Corra para o outro lado.

Os dois mergulharam na água fria e chegaram ao outro lado quase juntos, mas finalmente concordaram que a mãe de Noah tinha ganhado por pouco. Foi a única corrida que ela ganhou o resto da tarde, porque Noah era ótimo nadador e sua mãe parecia se cansar bem depressa. Fizeram castelos de areia, nadaram de novo, e um piquenique de sanduíches e refrigerantes foi servido na hora certa por um rapaz do hotel, que não parecia nem um pouco surpreso com o que acontecia ali.

— E então? — indagou a mãe de Noah, jogando uns grãos de areia no sanduíche dele para que ficasse com um gosto mais parecido com os da praia. — Se diverti bastante?

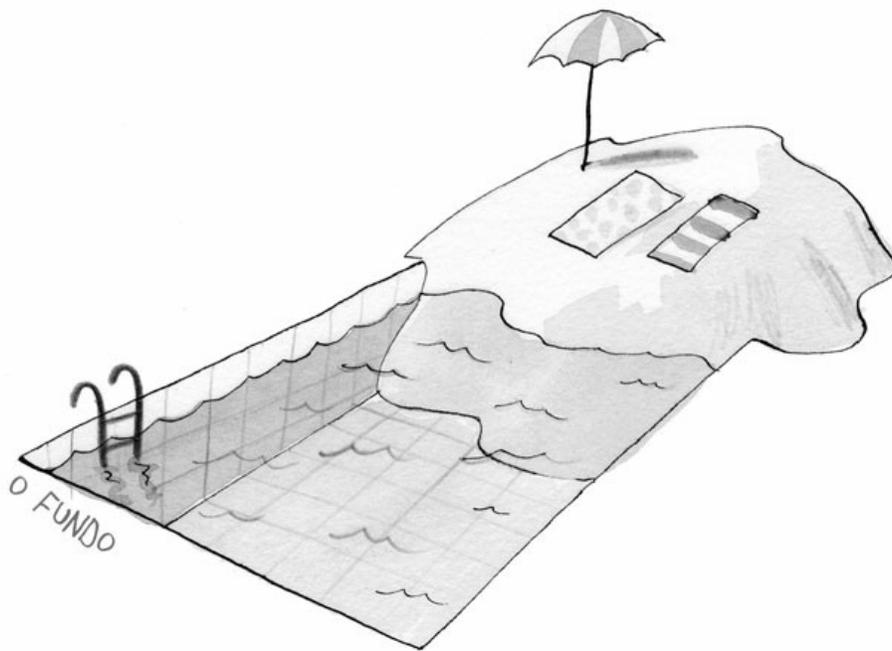


Fig. 6

Uma piscina com um
montão de areia numa
ponta

Noah fez que sim rapidamente e olhou para a mãe, com um largo sorriso. Pensou que ela talvez tivesse alguma espécie de reação alérgica ao cloro da água, porque os olhos dela pareciam bem vermelhos nas bordas, como se ela houvesse chorado enquanto estava na piscina. Já ia dizendo a ela que devia usar óculos de natação da próxima vez, mas sua boca estava tão cheia de sanduíche de ovo que não podia pronunciar as palavras sem cuspir tudo nela, e um momento depois, já de boca vazia, tinha se esquecido.

— Precisamos ter mais dias como este, Noah — ela disse calmamente, tentando puxá-lo para perto de si outra vez, mas desta vez ele a repeliu porque o maiô dela estava muito molhado e pulou na água para outra nadada. Noah gostava desse novo jeito da sua mãe, daqueles passeios inesperados. Era quase como se ela fosse outra pessoa.

NOAH E O VELHO

— Olhe, ouvi muita coisa na minha vida — disse o velho, largando o formão um instante. — Mas nunca ouvi falar de uma mãe fazer uma praia numa piscina. Que coisa mais extraordinária!

— Não disse que ela era cheia de surpresas? — respondeu Noah.

— Disse mesmo. Mas isso me faz perguntar por que você está fugindo dela.

Noah refletiu um instante.

— Bom, estou indo conhecer o mundo e viver uma grande aventura — explicou.

— Não acho que preciso continuar indo à escola. Sou muito inteligente. Na verdade, sou o sétimo mais inteligente da minha turma.

— Quantos alunos tem a sua turma?

— Trinta — respondeu Noah, todo prosa.

— Bom, é uma boa colocação — disse o velho em voz baixa. — Mas até os aventureiros precisam de educação. E até os grandes aventureiros gostam de voltar para casa de vez em quando.

— Pode ser que eu volte um dia — disse Noah, pensando no caso. — Quando crescer, claro. E quando tiver feito fortuna. — Levantou-se e foi até a prateleira da lareira, pegou uma foto e observou-a. — É seu pai? — indagou.

— É um desenho que fiz dele quando eu era garoto — disse o velho. — Deixo aí para não esquecer como ele era.

— Parece muito com ele?

— Na verdade não — admitiu o velho. — Mas acho que capto alguma coisa dele em torno dos olhos. Claro, não preciso realmente do retrato aí. Sinto como se ele estivesse aqui o tempo todo.

Noah franziu a testa.

— Aqui? — perguntou. — Na loja de brinquedos?

— Não fisicamente, claro — respondeu o velho. — Mas tudo aqui me lembra ele, de certo modo. Ele é parte daqui. Fico feliz em me lembrar disso.

Noah pôs o retrato de volta no lugar sem uma palavra e, quando ergueu os olhos, deu consigo olhando para o seu reflexo num espelho. Quer dizer, achou que era seu reflexo, mas poucos instantes depois seu rosto começou a mudar. Ficou mais comprido, depois mais largo, depois com melhor aspecto, depois começou a nascer uma barba, como se não houvesse se barbeado, depois a barba sumiu. Um momento mais tarde estava usando óculos e parecia bem bonito. Depois ficou menos bonito e tinha rugas na testa. Depois seus olhos ficaram um pouco mais úmidos, ele tinha

bigode e seu cabelo começava a rarear e a desaparecer. Finalmente, o rosto que olhava para ele no espelho sorriu um instante e se dissolveu no nada, substituído novamente por seu rosto de oito anos, olhando atônito.

— Que incrível! — fez Noah Barleywater.

— O quê? — perguntou o velho, olhando para ele da mesa.

— O espelho — disse Noah. — Primeiro era eu, depois era eu um pouco mais velho, depois um homem, depois um velho. É algum jogo?

— Não, não é um jogo — disse o velho, aproximando-se e olhando para o seu reflexo, que não mudou nada: ele continuava sendo um velho. — Pare, Charles, você vai assustar o garoto — disse, dirigindo-se ao espelho.

Quando o velho se afastou novamente, Noah olhou para seu reflexo mais uma vez, se perguntando o que iria acontecer agora, mas não aconteceu nada. Era apenas o seu rosto, o mesmo Noah Barleywater de sempre, nada de mais, nada de assombroso, nada para escrever à família contando.

— Você ainda não me disse por que saiu de casa — falou o velho, sentando-se de novo. — Seus pais maltratavam você?

— Não! — respondeu Noah de imediato, seu rosto ficando todo corado. — Não, não tem nada a ver com isso.

— Então acho que não entendi — replicou o velho. — Afinal, quando deixei meu pai, foi porque eu queria ser um grande corredor e, bom, o tempo correu como eu... Mas e você? Você não é corredor, é?

— Eu corro sim — respondeu Noah um pouco ofendido. — Ganhei medalha de bronze nos quinhentos metros no dia dos esportes da escola, em maio passado.

— Ganhou bronze? — disse o velho. — Tirou terceiro lugar?

— Terceiro lugar é ótimo! — grunhiu Noah. — Terceiro em trinta! Terceiro lugar não é nenhuma vergonha.

— Claro que não — disse o velho. — É que não estou acostumado com essa posição, só isso.

— Bom — fez Noah, olhando para o outro lado e não sabendo direito se queria contar tudo ao velho ou apenas ficar sentado num canto e enterrar a cara nas mãos. — Meus pais nunca foram malvados comigo — disse, tentando controlar o doloroso sentimento que se difundia por todo o seu corpo e procurando um meio de se livrar dele. — Não gostei quando o senhor disse aquilo.

— Se foi assim, peço que me desculpe — disse o velho, sentando agora num banco de três pernas que apareceu atrás dele justo a tempo de evitar que ele caísse no chão. O velho pegou o formão e continuou a trabalhar no títere.

— Tudo bem — disse Noah, erguendo a vista e sorrindo um pouco, antes de deixar escapar um profundo suspiro.

Os dois se olharam por um instante, seus olhos se fixaram um no outro, mas logo Noah desviou o olhar e puxou o baú de novo para si. Enfiou a mão e tirou um títere. O títere representava um rapaz bonito, parecendo meio nervoso e com uma coroa dourada na cabeça.

— Quem é? — perguntou Noah, erguendo a vista.

— Um cara que conheci um dia — respondeu o velho. — Um príncipe, você acredita? De outro país. Faz muito tempo, claro. Remonta a quando eu era criança.

— E seu pai fez um títere dele? Eram amigos?

— Não, não — respondeu o velho, balançando a cabeça depressa. — Pápi nunca se misturou com gente assim. Na verdade, desde o dia que chegou aqui, Pápi nunca mais saiu da aldeia.

— Então por que fez um títere do príncipe? — perguntou Noah, puxando a corda do príncipe: os olhos viraram para cima, como se ele estivesse examinando o céu.

— Porque eu o conheci — explicou o velho. — Ele é uma parte importante da minha história. Foi depois que a câmara municipal me atribuiu o título de o mais rápido corredor da prova de oitenta quilômetros e que fiquei famoso. Recebi um convite para sair da aldeia e demonstrar minhas aptidões por toda parte. O primeiro convite, que aceitei, prometendo que voltaria logo.

— E voltou?

— Voltei — respondeu o velho, meneando a cabeça. — Daquela vez cumpri a promessa.

O TÍTERE DO PRÍNCIPE

As notícias do meu sucesso como corredor (disse o velho) começaram a se espalhar pelas pequenas cidades vizinhas, depois pelas cidades médias, que esnobavam as pequenas, depois pelas cidades grandes, que esnobavam as médias.

Uma tarde, voltando da escola para a loja de brinquedos, encontrei meu pai sentado ao balcão, pintando as janelas de uma locomotiva que ele havia entalhado naqueles dias.

— Ah — ele disse, erguendo os olhos e abrindo um sorriso ao me ver entrar correndo. — Até que enfim chegou. Já estava começando a ficar preocupado.

— Desculpe, Pápi — falei, consultando o relógio. — É que demorei mais que de costume para correr de volta pra casa hoje. Quase três minutos.

— Bom, a escola fica a quase sete quilômetros — disse o Pápi. — Não tem por que você ficar chateado com seu tempo.

— É que sempre levo dois minutos — expliquei, esticando as pernas para trás e, depois, correndo tão depressa no mesmo lugar que o chão soltou um berro e me pediu para parar. — Preciso treinar mais.

— Você já treina bastante — disse o Pápi, estendendo o braço por cima do balcão, pegando um grande envelope creme e me entregando. — Uma surpresa para você — acrescentou. — Esta carta chegou hoje de manhã.

Dei um passo à frente e peguei o envelope em sua mão. Nunca tinha recebido nenhuma correspondência em toda a minha vida, de modo que aquilo foi um tremendo prazer.

— Quem será que me escreveu? — perguntei, olhando maravilhado para meu pai.

— Abra e veja.

Fiquei um bom momento olhando para o envelope, pesando-o nas mãos, antes de correr o dedo cuidadosamente sob a sua aba e tirar a única página que ele continha. Li uma vez para mim, em seguida em voz alta.

Prezado senhor (dizia a carta),

Suas Graciosas Majestades, o Rei e a Rainha, ordenam-lhe que compareça perante Elas no domingo 13 de outubro para exhibir a Elas seus grandes dons de corredor, graças aos quais você se tornou famoso em todo o reino. Favor chegar ao palácio pontualmente às 10 h da manhã do dia 13 e me procurar na recepção.

Cordialmente,

Sir Carstairs Carstairs

Camerista de Suas Majestades

— O rei e a rainha me escrevendo! — exclamei, olhando atônito para o meu pai.
— Não posso acreditar que eles saibam quem sou. Tenho de aceitar o convite, claro.

— Mas você tem aula — replicou o Pápi. — Não pode deixar de lado sua educação por causa de uma corridinha.

— Ora, posso ir só por um dia ou dois — respondi. — Nem vão saber na escola que eu fui.

— E eu? — perguntou Pápi numa voz baixinha cheia de tristeza. — Você vai voltar, não vai?

— Claro que vou — declarei. — Não vou deixar você sozinho.

— Promete? — perguntou Pápi.

— Prometo, prometo — respondi sorrindo para ele, mas não me preocupando nem de longe em pensar se voltaria mesmo ou não.

E assim, no anoitecer do dia 12 de outubro, corri mais ou menos cento e cinquenta quilômetros até o porto e embarquei num navio que partia para onde fica o palácio. Na manhã seguinte eu estava a postos no pátio, com a minha roupa de corrida, quando o rei e a rainha saíram para dar seu passeio diário. Atrás deles corria um garoto poucos anos mais velho que eu, de cabelos louros claros e uma coroa de ouro na cabeça, o pescoço dobrado para trás como se estivesse olhando para o céu.

— É você o garoto que dizem ser um grande corredor? — perguntou a rainha, levando aos olhos uns óculos que trazia pendurados ao pescoço com uma corrente e me observando da cabeça aos pés como se não estivesse muito segura de me aprovar ou não.

— Sim, senhora — respondi, meneando rapidamente a cabeça. — Corro mais depressa que qualquer outro da minha idade.

— Sou o rei — anunciou o rei. — Este é o príncipe, nosso filho. Ele será rei um dia, claro, mas só depois que eu morrer. Ele espera que esse dia nunca chegue, não é, meu filho?

— O quê, pai? — perguntou o príncipe tirando os olhos do céu por um instante e olhando para o rei.

— Eu disse que você espera que esse dia nunca chegue — repetiu o rei, erguendo a voz.

— Que dia, pai? — perguntou o príncipe, sem ter a menor ideia do que acontecia ao seu redor.

— Oh, tenha a santa...

— Nosso filho é muito distraído — disse a rainha, interrompendo o marido e olhando para mim. — Isso é motivo de um grande desapontamento para nós, e é por isso que o rei é mantido vivo por meios extraordinários. O príncipe não está pronto para ser rei.

— É verdade — disse o garoto, olhando para mim e dando de ombros. — Não estou mesmo.

— Bom, não sei o que posso fazer para ajudar — falei, confuso. — Sou um

corredor. Será que Vossa Majestade não me confundiu com outra pessoa?

— A rainha nunca comete erros — grunhiu o rei.

— Cometi uma vez — grunhiu de volta a rainha, olhando para ele e depois tornando a olhar para mim. — Sei perfeitamente quem você é, garoto — ela disse, controlando-se. — Você é o corredor mais veloz do reino. Minha pergunta é a seguinte: você é forte?

— Forte, senhora? — perguntei.

— Isso mesmo. Você acha que pode correr carregando um peso de... sei lá... digamos, um rato nas costas?

Dei uma gargalhada, mas logo a interrompi ao ver sua expressão furiosa.

— Sim, senhora — falei. — Posso, sim, com toda certeza.

— E um gato?

— Sem a menor dificuldade.

— Um cachorro?

— Se for um cocker spaniel, sem problema. Já um dinamarquês, não sei, não. Ele poderia diminuir minha velocidade...

A rainha não pareceu gostar da minha resposta. Respirou pesadamente pelo nariz, de uma maneira que me lembrou um dragão.

— E se levar um menino nas suas costas? — ela perguntou após uma pausa.

— Um menino, senhora?

— Será que vou ter de repetir tudo o que digo? — ela retrucou, cravando os olhos em mim. — Um menino. Exatamente como você ouviu. Você é capaz de correr com um menino nas costas?

Pensei um pouco.

— Eu não iria ser tão veloz quanto sou normalmente — expliquei. — Mas me atrevo a dizer que sim.

— Ótimo — ela disse. — Então vamos lá. Ponha o príncipe nas costas e corra com ele até Balmoral. Acabamos de convidar um dos homens mais inteligentes da Europa a se instalar lá para treinar nosso filho na arte de ser rei, e não temos um instante a perder. O rei está quase morto.

— É verdade — disse o rei tristemente. — Eu já não devia estar mais aqui.

— Trate de se aprontar, garoto — anunciou a rainha. — Vamos dar logo a partida. Chega de conversa — disse a rainha, acenando para mim enquanto o príncipe pulava nas minhas costas e nós nos preparávamos para começar a corrida. — E traga o meu diário das Terras Altas — acrescentou quando partimos. — Deixei-o lá em nossas últimas férias e queria anotar mais uma coisa nele.

— E meu rifle — rosnou o rei, erguendo e abaixando furiosamente as sobancelhas. — Tem um novo veado no parque do palácio. Um animal magnífico. De uma beleza extraordinária. Queria matá-lo.

O príncipe era mais leve do que eu imaginava, e quando me acostumei com seu peso achei que ele não reduzia muito minha velocidade. Consegui chegar na Escócia à noitinha, e ao chegarmos lá o príncipe, para minha surpresa, não quis

entrar no palácio mas insistiu em ficar no gramado, contemplando o céu.

— Olhe lá no alto — ele disse. — Aquela é a Ursa Maior.

— Onde? — perguntei, apertando os olhos.

— Ali. Sua Panela aponta para o norte. Está vendo?

— Agora estou — respondi, encantado, porque nunca tinha percebido antes. — Claro.

— E ali é Perseu — continuou o príncipe, apontando para outro conjunto de estrelas. — E mais para lá, Cassiopeia, a Rainha Sentada.

— Você se interessa pelas estrelas, não é? — perguntei.

— Muito — admitiu o príncipe. — Para ser sincero, gostaria de ser astrônomo, mas meus pais não iam deixar. Dizem que tenho de ser rei.

Fez uma cara como se eles tivessem dito que tinha de dormir cedo, porque tinham uma longa jornada pela frente no dia seguinte.

— Por que você não diz isso pra eles? — perguntei.

— Impossível — suspirou. — Se eu não virar rei, a coroa passa para o meu irmão mais moço.

— E o que é que tem isso? — perguntei.

— Ele é um idiota — respondeu o príncipe. — Não ia dar certo. E depois dele iria para outro ramo da família, com o qual estamos brigados. Seria o fim de todos nós. Minha mãe nunca iria permitir.

— Por isso mandaram você para cá — falei. — Para a escola, de certo modo.

— De certo modo — ele concordou.

— Também me mandaram para a escola — contei. — No começo não gostava muito, mas depois melhorou. Quando descobri que eu era bom em alguma coisa. De qualquer modo, é melhor entrarmos no palácio — falei — e procurarmos o diário da sua mãe e o rifle do seu pai.

Um cavalheiro idoso estava me esperando no palácio. Olhava para mim com um misto de irritação e medo, como se eu tivesse sido enviado para assaltar a casa.

— Quem é você? — perguntou. Sua voz ecoou nos corredores.

Disse a ele meu nome e o que estava fazendo ali, e ele pareceu aceitar a explicação como perfeitamente razoável.

— Sou Romanus Plectorum, de Roterdã — ele disse. — O príncipe está com você? — acrescentou, não parecendo particularmente entusiasmado.

— Está lá fora — expliquei. — No gramado. O senhor não parece contente por estar aqui, se me permite dizer isso.

— Não estou mesmo — reconheceu. — Fui intimado a vir contra a minha vontade para este lugar horroroso para ser tutor do menino. Tinha acabado de construir um castelo em Roterdã com telhado de vidro, pois assim não precisaria gastar dinheiro com eletricidade. Economizaria uma fortuna. No meu país, fiquei conhecido como um dos maiores unhas de fome do meu tempo. O que é uma grande honra.

— E quando escurece? — perguntei. — Como consegue enxergar?

— Velas, meu rapaz, velas! Levei seis anos para terminar o castelo, e o dia em que me mudei para lá recebi a carta do rei e da rainha. Agora o castelo com telhado de vidro está vazio, sabe lá o que vai acontecer com ele. E eu estou enterrado aqui. Aqui! — rugiu, olhando em volta com ar de coitado. — Bem, siga-me. Vou lhe mostrar onde fica o escritório da rainha.

Ele me conduziu por uma série de corredores escuros, forrados com painéis de madeira.

Entrei num escritório enorme e peguei o caderno em cima da escrivaninha. Só quando ergui a vista notei a quantidade de cabeças de veado alinhadas nas paredes. Cada uma mais magnífica que a outra, estavam pregadas em placas de madeira com uma data entalhada — a data em que o rei os havia matado. Aproximei-me, olhei os animais nos olhos e tive certeza de ver a dor e o sofrimento que sentiram ao cair mortos, inocentes, no chão. Franzi a testa e sacudi a cabeça, ao ver o enorme rifle que estava no canto, aquele que havia causado tantas mortes desnecessárias.



Fig. 7

Cabeça de veado.
Empalhada e
pendurada na parede

— Aqui está o diário da senhora — disse à rainha na noite seguinte, entregando-

o a ela.

— Eles tinham razão no que diziam a seu respeito — ela replicou. — Foi rápido mesmo. E nosso filho, o príncipe, como está? O tutor ficou contente em vê-lo?

— Ah, o tutor — disse, querendo ter um pouco mais de tempo para preparar minha história. Uma das desvantagens de ser um corredor veloz estava em que não me dava muito tempo para pensar. — Sim, eles pareciam se entender muito bem. Só que chegaram à conclusão de que a Escócia não é o lugar adequado para educá-lo.

— Não é o lugar adequado? — rugiu o rei. — Mas os escoceses são o segundo povo mais inteligente do mundo, depois dos irlandeses.

— Sim, pode ser — falei. — Mas é frio demais e o senhor Plectorum disse que não iria sobreviver ao inverno, o que deixaria o príncipe numa situação pior do que está agora. Eles voltaram para Roterdã a fim de continuar lá a educação do príncipe. Disse que ia escrever quando chegassem.

A rainha resmungou um pouco ao ouvir essas novidades, mas não disse nada.

— E o meu rifle? — rosnou o rei, babando um pouco na barba por já sentir o gostinho de pólvora e carne de veado na boca. — Não esqueceu meu rifle, não é?

— Não consegui encontrá-lo, senhor — respondi, dando de ombros. — Desculpe!

Um rosnado surdo saiu da garganta do rei, que olhou para mim como se fosse me atacar.

— Posso voltar lá, se o senhor quiser — falei nervoso, sabendo que, se fosse, não traria o rifle comigo.

— Não é preciso, menino — disse a rainha, sacudindo a cabeça e soltando sua touca. — Já fez o bastante. Além do mais, não podemos ficar o dia inteiro à toa aqui. O rei tem de tomar seus remédios e os turistas daqui a pouco vão estar nos portões do palácio. Vamos ter de cortar pedacinhos de pão para jogar para eles, senão começam a ficar agitados. Que tal você correr uma volta em torno do palácio e eu cronometrar seu tempo? Só de brincadeira. — Ela tirou um relógio de bolso do capote e pôs o dedo num botãozão redondo em cima do instrumento. — Nos fundos do palácio tem uma linda moita de lavandas, não tem como você não ver. Traga uma flor para mim, para eu saber que você deu mesmo a volta.

— Uma destas, senhora? — perguntei, estendendo a mão e oferecendo a ela um perfeito ramo roxo de lavanda.

— Incrível! — fez a rainha, sacudindo a cabeça.

— Pois é — disse eu, sorrindo para ela. — Sou veloz mesmo.

Cerca de dois anos depois, estive em Roterdã para a centésima edição da Corrida da cidade e fui visitar o príncipe. Sua ida para lá mostrou ser uma excelente ideia. Ele havia aprendido muito com o seu tutor, e esse aprendizado se deu no telhado de vidro do castelo, olhando as estrelas. Todo mundo estava feliz. Até o Pápi, quando voltei para casa.

— Está com um dia de atraso — ele disse, sorrindo para mim, mas mesmo assim sentindo-se aliviado.

— Só um dia — repliquei.

— Você voltou — ele disse me abraçando. — Isso é o que importa. Cumpriu a promessa.

NOAH E O VELHO

— Um garoto da minha turma conheceu a rainha — disse Noah, lembrando o dia em que Charlie Charlton fora para a escola de paletó e gravata e com o cabelo penteado pela primeira vez na vida. — Ele deu um buquê de flores de presente à rainha e disse: “Estamos muito felizes que a senhora tenha vindo”. Até saiu no jornal da cidade.

— É outra rainha — disse o velho, sacudindo a cabeça. — O rei e a rainha que conheci já morreram faz tempo.

Estendeu o braço, pegou o títere das mãos de Noah e observou-o afetuosamente por um instante, correndo o dedo pelo desenho entalhado do traje real e deixando um profundo suspiro escapar dos seus lábios. Devolveu-o para o garoto, que o deitou na mesa perto dos títeres da senhora Shields e do senhor Wickle.

— Pelo visto, seu pai ficou muito feliz por ter o senhor de volta — disse Noah. — Ele era muito solitário sem o senhor?

— Se era — respondeu o velho. — Os pais se sentem muito solitários quando os filhos estão longe, sabia? E ele também não tinha muitos amigos. Claro, tinha o burro, que nos recebeu em nosso primeiro dia na aldeia. Mas na verdade ele era mais amigo meu do que do meu pai, porque éramos mais ou menos da mesma idade. E tinha o salsicha também, que sempre parava para bater um papo. Ele e o Pápi se davam muito bem.

— Encontrei o salsicha hoje de manhã — disse Noah com entusiasmo. — Foi ele que me contou da árvore na frente da loja. Foi muito prestativo. Mas ele parece se ofender por qualquer coisinha.

— É, ele às vezes é meio suscetível, mas é um cachorro muito decente, disso não há dúvida. É um amigo muito especial. Na verdade, o salsicha e o burro são certamente meus amigos mais próximos hoje em dia.

— Meu amigo mais próximo é o Charlie Charlton — disse Noah. — Ele sabe tocar trombone e começou a me ensinar no começo do ano, mas disse que eu ainda tinha um longo caminho pela frente até tocar um décimo do que ele toca.

— Bom, acho que isso não vai mais acontecer agora — observou o velho. — Porque você saiu de casa. Não imagino que você vá encontrar muitos estranhos pelas estradas querendo te dar aulas de trombone.

Noah concordou lentamente com a cabeça e franziu a testa. Não havia pensado naquilo.

— Como eu dizia, o burro e o salsicha eram uma companhia para o Pápi quando

eu estava fora — prosseguiu o velho. — Mas acho que eu sempre soube que não era igual a eu estar presente, ajudando-o na loja e jogando xadrez com ele à noite. Os pais podem ter quantos amigos tiverem, podem até ter um burro e um salsicha para visitá-los, mas nada substitui ter os filhos por perto. Acho que é o que seu pai e sua mãe estão sentindo agora. Eles vão notar que você fugiu de casa, espero.

— É — disse Noah, consultando seu relógio. — É, espero que notem.

— Eles têm muitos amigos para lhes fazer companhia?

— Alguns — admitiu Noah. — Mas nenhum amigo bicho. Não tem esse tipo de coisa na orla da floresta. Lá só os humanos costumam falar uns com os outros.

— É, eu me lembro — assentiu o velho. — Foi essa uma das razões por que me senti feliz quando eu era menino e nos mudamos para cá. Mais variedade. Mas, se eles têm alguns amigos, como você diz, imagino que vão se esquecer de você com o tempo.

Noah ergueu os olhos surpreso. As palavras o acertaram em cheio, como uma paulada no rosto.

— Não acho que vão me esquecer — disse, aborrecido. — Acho que não vão se esquecer de mim nunca.

— Nem se você não voltar mais para casa?

— Mesmo assim continuo sendo filho deles — respondeu Noah. — Nada pode mudar isso.

— Quem sabe eles não terão outro filho? — sugeriu o velho.

— Não acredito — replicou Noah, sacudindo a cabeça. — Não, isso não vai acontecer.

— Pode ser — disse o velho. — Eu não os conheço. Não sei nada sobre eles, salvo o que você me contou. Mas foi você que fugiu de casa, não eu, logo, posso apenas deduzir que você tem uma boa razão para isso.

— Quando minha mãe cancelou o feriado da Páscoa, achei estranho — disse o menino, baixando a vista para a mesa. — E quando ela transformou a piscina numa praia, bom, foi muito esquisito — acrescentou. — Mas não pensei muito nisso na época. Achei que ela só estava se divertindo. Mas depois do parque de diversões...

— Sua mãe levou você a um parque de diversões? — perguntou o velho.

— Levou.

— Deve ter sido divertido — disse o velho.

Noah concordou com a cabeça.

— Foi mesmo — disse, respirando pesadamente pelo nariz, porque a lembrança daquela tarde ainda o fazia se sentir muito perturbado. — O passeio mesmo foi muito legal. A maneira como acabou é que estragou tudo.

UM PASSEIO DIVERTIDO

A senhora Barleywater apareceu inesperadamente no pátio da escola de Noah no final da manhã, logo depois da interrupção das aulas para o almoço, e disse-lhe para vir com ela, pois iam tirar aquela tarde para eles dois.

— Vamos fazer o quê? — perguntou espantado, porque sua mãe nunca o deixou faltar à escola, nem mesmo no dia em que ele não queria ir de jeito nenhum por não ter feito o dever de casa: tinha até ficado sentado cinco minutos num termômetro para fingir que estava com febre!

— Um dia lindo e ensolarado como este não foi feito para ficar na escola — ela disse. — Devíamos aproveitar o bom tempo, não acha? Achei que podíamos fazer alguma coisa juntos.

— Mas tenho duas aulas de matemática esta tarde — disse Noah.

— E daí? Você gosta de matemática?

— Não — ele admitiu. — Nem um pouco.

— E então? Anda, vamos embora.

— Mas e a minha mochila? E os meus livros? — exclamou Noah, olhando para a sua sala e para o diretor, o senhor Tushingham, que vinha em direção a eles com uma expressão indignada no rosto.

— Estarão aqui amanhã — ela respondeu. — Vamos, rápido, antes que nos peguem.

Saíram apressados da escola, de mãos dadas, com o senhor Tushingham seguindo-os até o estacionamento, não gostando nem um pouco do que estava vendo. Ele gritou o nome da mãe de Noah o mais alto que pôde, fazendo os passarinhos pousados nos galhos das três árvores revoarem apavorados, mas ela fingiu não ouvir, ligou o motor e arrancou. Teriam escapado se o senhor Tushingham não tivesse praticamente se jogado contra o para-brisa. A mãe de Noah não teve outro remédio senão parar e abaixar a janela com um suspiro.

— Senhora Barleywater — disse o diretor, ofegante e recobrando o fôlego, pois aparentemente nunca mais fizera exercício desde os tempos em que era da idade de Noah. — Que diabo a senhora pensa que está fazendo? Estamos na metade das aulas. A senhora não pode sair assim, levando o menino.

— Mas o dia está ensolarado — ela respondeu, olhando para o céu onde as nuvens tinham se aberto e um manto azul-pálido se estendia no infinito acima deles. — É um pecado ficar trancado dentro da escola num dia como este.

— O que a senhora está fazendo é contra as regras — protestou o senhor

Tushingham.

— Que regras? — perguntou a mãe de Noah.

— As regras da escola — respondeu o diretor. — As minhas regras!

— Ora, não se preocupe com elas — disse a senhora Barleywater, rejeitando o argumento com um gesto da mão. — Por que não entra no carro também, senhor Tushingham? Pode vir conosco, se quiser. Não? Tem certeza? Então, tudo bem. Até logo!

E dizendo isso deu marcha a ré e saiu à rua. Sentado no banco traseiro, Noah virou a cabeça e encontrou o diretor parado com as mãos na cintura, vendo-os desaparecer com uma expressão furiosa no rosto.

— Parece que ele não gostou muito — comentou Noah.

— Não estou nem aí — disse a senhora Barleywater. — Vou escrever um bilhete para você levar amanhã. Além do mais, se eu quiser passar o dia com meu filho, eu passo, e nenhum diretor de escola vai me impedir. Não temos nem um minuto a perder, você e eu.

Noah franziu o cenho.

— O que quer dizer com isso? — perguntou.

— Com isso o quê? — ela replicou, erguendo os olhos e captando o olhar do filho no retrovisor.

— Que não temos nem um minuto a perder.

— Nada em especial — ela respondeu, sacudindo a cabeça vivamente. — Só que a vida é breve, Noah, e devíamos passar o maior tempo que pudéssemos com as pessoas que amamos. Acho que levei a vida toda sem entender isso, mas agora... agora, de repente ficou claro para mim. A escola vai estar lá amanhã, não tem por que se preocupar com isso. Nem com as duas aulas de matemática. Hoje você e eu vamos nos divertir um pouco.

Noah resolveu não discutir com ela porque, afinal, ele ia matar aula e nem precisava fingir que estava com febre, de modo que tirou a gravata, abriu o colarinho e ficou olhando pela janela enquanto rodavam.

— Mas para onde a gente vai? — perguntou quando percebeu que estavam indo por um caminho que ele não conhecia.

— Tem um parque de diversões hoje na cidade — sua mãe respondeu. — Li no jornal da manhã e achei que devíamos ir lá. Deve estar sossegado, porque todo mundo está na escola.

— Grande ideia! — exclamou Noah.

Estacionaram o carro na estação e pegaram um trem para a cidade, e a mãe de Noah nem brigou com o homem sentado no banco em frente porque ele não parava de falar no celular, nem com a mulher do lado de lá do corredor do vagão, que ficava fazendo uns barulhos asquerosos com seu chiclete, porque, ela disse, às vezes é mais simples viver e deixar os outros viverem. Em vez disso, conversou com Noah o tempo todo e eles brincaram como se ela também tivesse oito anos.

Quando chegaram ao parque de diversões, porém, ela só foi numa das atrações,

mas deixou Noah ir em todas as outras.

— Montanha-russa sozinho não tem graça — ele insistiu. — Por favor, mamãe, temos de ir juntos.

— Não posso — ela disse, não parecendo mais tão cheia de energia como estivera quando partiram da escola naquela manhã. Sua voz soava cansada e ela dava a impressão de ter comido alguma coisa que não lhe caíra bem. — Não estou me sentindo muito bem, Noah. Mas, olhe, estamos aqui para curtir e não quero estragar o seu passeio. Vá em frente, você pode se divertir por nós dois.

— Podemos sentar um instantinho, se quiser — sugeriu Noah, apontando para um banco vago atrás deles. — Depois vamos juntos em algum brinquedo. Você vai se sentir melhor se descansar um pouco.

— Acho melhor você ir na montanha-russa sozinho — ela insistiu. — Vou ficar te olhando daqui. Eu aceno pra você. Depois vou arriscar uma das outras atrações com você, se tiver melhorado.

Noah não ficou muito contente com a proposta, mas não quis perder uma volta na Montanha Espacial, por isso, quando o carrinho parou para os visitantes entrarem, pulou no banco da frente, esperando não ficar sozinho, senão iria deslizar no banco quando o carrinho girasse de lado. Mas aí uma menina da mesma idade sentou a seu lado, terminando um algodão-doce enquanto o funcionário abaixava a barra na frente deles.

— Oi — disse Noah, tentando ser amigo. — Sou Noah Barleywater.

— Desculpe — disse a menina, dirigindo-lhe um falso sorriso —, mas não posso falar com estranhos.

E a tentativa parou por aí, até começarem os loopings. Então ela agarrou sua mão e berrou tão alto no ouvido dele que Noah achou que ela ia estourar seu tímpano.

O carrinho ia depressa demais para que ele pudesse ver se sua mãe estava olhando lá do chão ou não, e quando desceu, depois de três voltas, Noah cambaleava um pouco da esquerda para a direita, como seu tio Teddy todas as noites de Natal, ao ir embora para casa. Quando Noah finalmente recuperou o equilíbrio, não houve meio de encontrá-la. Olhou para os dois lados, de ponta a ponta da rua, franzindo a testa, mordendo os lábios, perguntando-se onde ela teria se metido. Sua mãe não costumava não estar onde dissera que ia estar, e ele não gostava nada da ideia de sair à procura dela, pois ela podia voltar nesse meio-tempo e ficar aflita se perguntando o que teria acontecido com ele. Eles podiam até nunca mais se encontrar.

Sentou-se então no banco onde a deixara, uma expressão de desamparo no rosto, e nesse instante viu uma mulher de uniforme branco vindo apressada em sua direção, o rosto crispado de preocupação. Não gostou nem um pouco da cara dela e virou a sua para o outro lado, esperando que ela passasse rapidamente por ele, mas em vez disso ela parou bem na sua frente e curvou-se, exatamente como ele sabia que ela iria fazer.

— Você é Noah Barleywater? — perguntou.

— Não — respondeu.

— Não mesmo? — ela disse, franzindo o cenho. — Pois você parece o menino que me mandaram buscar. Me deram a descrição dele.

Noah não disse nada, só olhou para o chão, tentando não pensar em nada daquilo. Esperando que o chão o engolisse.

— Você não é mesmo o Noah? — a mulher perguntou um instante depois, com uma voz mais amável.

— Sou — ele admitiu, movendo um pouco a cabeça.

— Que bom — ela disse, abrindo um sorriso de alívio. — Era o que eu pensava. Venha comigo.

— Não posso, estou esperando a minha mãe — explicou Noah.

— Eu sei — disse a mulher. — Ela teve um pequeno mal-estar. Nada sério. Está esperando você no posto médico. Pediu que eu viesse te buscar.

Noah não disse nada por um bom momento, certo de que o mundo inteiro estava fazendo uma conspiração de que ele não participava, mas acabou concordando em ir com ela. A mulher tentou lhe dar a mão ao começarem a caminhar, mas ele fez questão de demonstrar que não ia aceitar tamanho absurdo e enfiou as mãos nos bolsos. De vez em quando virava a cabeça e olhava para conferir se sua mãe não tinha voltado ao banco, mas quando entraram na tenda que servia de posto médico um minuto depois, lá estava sua mãe, deitada numa cama, com um médico a seu lado.

— Noah — ela disse, tentando sentar imediatamente na cama e sorrir, mas não se saiu bem nem numa coisa nem noutra.

Seu rosto estava pálido, quase cinza, e havia um cheiro desagradável na tenda. Lembrava-lhe como o quarto dele cheirava na noite em que Charlie Charlton dormiu lá, comeu chocolate demais, tomou refrigerante demais e passou mal a noite inteira, estendido no chão.

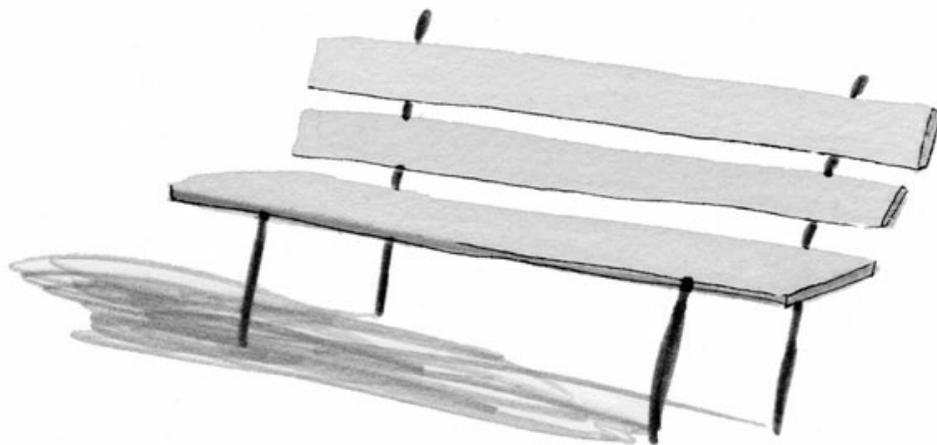


Fig. 8

Um BANCO VAZIO

— Desculpe, Noah — ela disse com uma voz cansada. — Mas acredite, não precisa se preocupar. Foi só um pequeno mal-estar. Deve ter sido o algodão-doce.

— Mas você não comeu algodão-doce — retrucou Noah, olhando para ela e mantendo uma certa distância entre ambos.

Não pegaram o trem de volta para casa no fim do dia, o que deixou Noah chateado, porque ele adorava andar de trem. Em vez disso, ficaram na tenda mais três horas até o pai de Noah chegar de carro e levá-los para casa.

Voltaram muito calados no carro durante o trajeto, Noah mais que todos.

NOAH E O VELHO

— Bom, se ela não comeu o algodão-doce, por que estava passando mal? — perguntou o velho, depositando o títere que estava entalhando em cima da mesa, depois pegando os pratos vazios de sobremesa e dirigindo-se vagarosamente para a pia, onde abriu as torneiras, jogou um par de esponjas dentro dela e deixou-as lavar a louça.

Noah baixou os olhos para a mesa e começou a passar o dedo sobre um talho que havia sido feito, imaginou, pelo deslize de algum formão. Não disse nada e, sem erguer a vista, torceu para que o velho não fizesse mais nenhuma pergunta como aquela.

— Você não respondeu — disse o velho por fim, com voz macia, ao que Noah o fitou por cima da mesa, engoliu em seco e fez que não com a cabeça.

— Não quero ser grosseiro — ele disse, e ao falar achou que sua voz saía muito mais forçada do que ele pretendia —, mas agora que saí de casa, acho que o melhor é eu não pensar mais na minha mãe e no meu pai. Nem falar deles.

— É muito estranho você dizer isso — comentou o velho, virando-se e olhando surpreso para Noah. — Primeiro sua mãe o defende de um segurança que acusou você injustamente, depois faz uma praia numa piscina, depois vai pegar você na escola para ir ao parque de diversões. E você não quer falar dela? Se eu tivesse uma mãe como a sua... bom, nunca tive mãe, só o Pápi — disse com tristeza. — Mesmo assim, não entendo por que você não quer viver com ela.

Noah pensou demoradamente antes de responder.

— Não é que eu não queira viver com ela — disse, ainda mais frustrado agora. — Ah, é tão difícil de explicar! É que ela me fez uma promessa, entende? E acho que vai quebrá-la. E não quero estar lá quando isso acontecer.

— Você *acha* que ela vai quebrar a promessa?

— Acho.

— E qual foi a promessa que ela fez?

Noah balançou a cabeça, deixando claro que não queria revelar.

— Fico muito triste por saber disso — afirmou o velho com um suspiro. — Mas suponho que todos nós de vez em quando fazemos promessas que não podemos cumprir.

— Aposto que o senhor nunca fez uma — disse Noah.

— É o que você pensa, e está redondamente enganado. Você devia ter ouvido as promessas que fiz quando era criança. Sabe, tudo o que meu pai fez em toda a sua

vida foi para o meu bem, mas de vez em quando eu o deixava na mão. Eu fugia de casa, buscava aventuras, me metia em todo tipo de encrenca. E para falar em promessas, bem, tive de conviver com uma promessa quebrada a vida inteira. Bom, não quer um chá? Ou quem sabe uma xícara de café?

— Não gosto de chá nem de café — respondeu Noah, fazendo cara de quem havia acabado de comer um saco inteiro de maçãs estragadas. — Mas tomaria um copo de leite, se tiver.

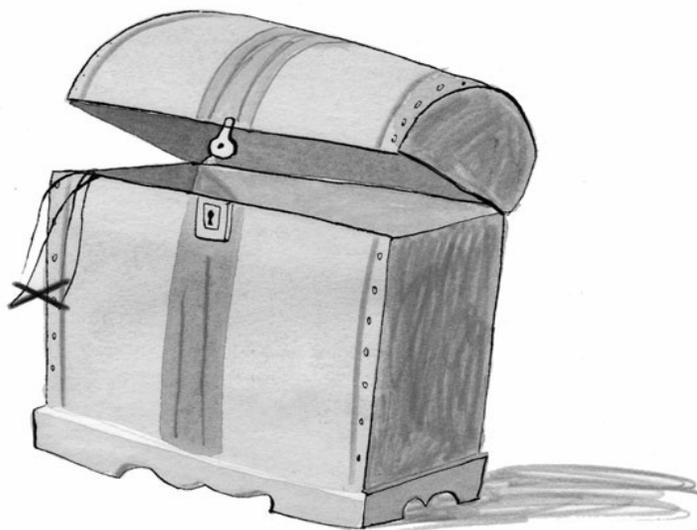


Fig. 9

Um baú de
madeira aberto

O velho abriu a geladeira e enfiou-se nela um instante, saindo finalmente com um jarro de leite gelado. Encheu com ele um copo alto e o colocou na mesa em frente ao garoto. Depois pegou a madeira e o formão e recomeçou a entalhá-la.

Noah tomou um gole de leite, remexeu novamente no baú, escolhendo outro títere, e este o fez sorrir. Tinha um corpo fininho e uma cabeça quadrada. Parecia baseado num homem composto muito mais de um conjunto de formas geométricas do que de braços, pernas e tronco.

— Ah, o senhor Quaker — disse o velho ao vê-lo, rindo e balançando a cabeça. — Acho surpreendente meu pai ter feito um títere dele. Porque se o senhor Wickle foi a pessoa que me interessou pelas corridas, o senhor Quaker foi quem me fez perceber de quantas maneiras diferentes eu podia utilizar minhas aptidões. Você falou em promessas, Noah, pois foi por causa do senhor Quaker que quebrei uma que havia feito a meu pai.

O TÍTERE DO SENHOR QUAKER

Logo depois do meu encontro com o rei e a rainha (disse o velho), um dia voltei da escola para casa e deparei com uma imagem deveras incomum: um freguês na loja de brinquedos de Pápi. Não conseguia me lembrar da última vez que isso havia acontecido — geralmente o burro e o salsicha eram as únicas visitas que a loja recebia —, e foi só quando a campainha percebeu que eu estava parado ali e tocou um trim-trim desanimado que o homem se virou e bateu palmas encantado.

— Este deve ser seu filho — disse numa voz alta e extravagante.

— Sim, é ele — confirmou Pápi em voz baixa.

— Não é tão alto quanto eu imaginava.

— Bem, ainda é um garoto — disse o Pápi. — Não acabou de crescer. Na verdade, mal começou.

— Hmm, espero que sim — disse o homem, vindo em minha direção, agarrando a minha mão e sacudindo-a violentamente. — Permita me apresentar. Eu me chamo Quaker. Bartholomew Quaker. Já ouviu falar de mim, não é?

— Não — confessei.

— Ora essa — fez o senhor Quaker, cuja testa desapareceu numa série de franzidos. — Fico muito desapontado. E com meu orgulho consideravelmente ferido. Mas não tem importância. Sou o selecionador oficial da equipe da aldeia para as Olimpíadas deste ano. *Delas* você ouviu falar, não? — acrescentou, virando-se para Pápi e gargalhando gostosamente como se tivesse soltado uma grande piada.

— Não senhor — falei de novo, encolhendo os ombros.

— Nunca ouviu falar nas Olimpíadas? — exclamou o senhor Quaker estupefato, agora se inclinando e tirando os óculos para me enxergar melhor. — Fala sério!

— Temos uma vida muito sossegada aqui na loja de brinquedos, senhor Quaker — expliquei. — Não sei bem o que acontece no mundo exterior. Embora recentemente tenha ido ver o rei e a rainha e...

— Mas, garoto — interrompeu-me o senhor Quaker —, as Olimpíadas são o maior espetáculo esportivo que o mundo já viu. Elas existem para promover a amizade entre as nações e comemorar grandes feitos esportivos. Alguns atletas treinam a vida inteira para os Jogos Olímpicos, e ganhar uma medalha olímpica é o ponto culminante das suas carreiras.

— É, parece bem divertido — comentei, dando uma corridinha sem sair do lugar para manter o sangue circulando. — Imagino que o senhor queira que eu participe,

não é?

— Claro que quero! — disse o senhor Quaker, balançando a cabeça. — As notícias sobre o seu sucesso como corredor ganharam o mundo. E é uma vergonha para mim dizer que a aldeia não consegue uma só medalha desde os tempos do grande Dmitri Capaldi. Esperamos que você seja capaz de mudar isso para nós. É um grande peso essa expectativa que depositamos nos ombros de alguém tão jovem, mas pelo que ouvi dizer você é forte o bastante para suportá-lo. O que acha? Não vai nos desapontar, não é?

— Se Pápi deixar, eu participo — respondi, olhando para o meu pai em busca da sua concordância. — Gostaria muito de ir.

— Não sei — disse Pápi em voz baixa, a dor da perda iminente já aparecendo em seu rosto. — Elas são realizadas tão longe... E temos de pensar na sua educação. Não prefere ficar aqui comigo? Sei que não é a vida mais movimentada que há, mas...

— Ele vai voltar antes mesmo que o senhor perceba que ele foi — interrompeu-o o senhor Quaker, não querendo que eu perdesse o entusiasmo. — Mas diga — acrescentou, virando-se para mim —, você só começou a correr há pouco, pelo que me disseram.

— É verdade — confirmei, balançando a cabeça. — Sim, antes eu não corria tão velozmente. Minhas pernas não estavam preparadas. Mas quando fiz oito anos... aí, as coisas mudaram um pouco.

— Posso perguntar em que sentido?

— Meu filho não gosta de falar do passado — disse Pápi, saindo de trás do balcão e pondo o braço protetoramente nos meus ombros. — Basta dizer que antes de nos mudarmos para a aldeia meu filho era bem diferente. Mas quando resolveu virar um menino, um bom menino, quero dizer, o menino que ele sempre quis ser, pois bem, desde então ele percebeu que tem certas... aptidões. Ser velocíssimo na corrida é uma delas.

— Não precisa se preocupar, meu caro — disse o senhor Quaker abrindo um sorriso. — No meu trabalho se vê de tudo, e nunca julgo ninguém. Nunca julgo ninguém, meu caro — repetiu, como se quisesse deixar bem claro este ponto. — O senhor sabia que uma vez trabalhei com um rapaz que passou os primeiros cinco anos de vida preso dentro de uma vidraça? Tinha uma extraordinária aptidão para o cavalo e as barras paralelas, mas infelizmente ficou em último nas classificatórias de ginástica, de modo que foi um grande desapontamento. Ele ficou arrasado. E nas penúltimas Olimpíadas outro garoto, que esperávamos levaria o ouro na corrida de quadriga, esqueceu seu senso de humor no trem em que viajou para as finais e foi incapaz de se concentrar durante o evento. Ele nunca voltou, claro. Ainda está por lá, tentando encontrar seu senso de humor, mas não vai conseguir nunca. E ousa afirmar que você ouviu falar de Edward Bunson, da cidade vizinha, não ouviu?

— Não senhor — respondi, arregalando os olhos.

— Ele era a grande esperança da esgrima — recordou o senhor Quaker com um suspiro. — Mas no dia da prova foi acometido por uma tremenda tremedeira, de

tão assustado com o tamanho da multidão que viera vê-lo, e não pôde competir. Foi o maior vexame.

— Tem coisas bem piores na vida do que não ganhar uma medalha — disse Pápi. — A juventude já é, em si mesma, um prêmio. Eu sou um homem idoso e minhas pernas não funcionam como deviam. Tenho artrite nas costas. Estou cego de um ouvido e surdo de um olho.

— Você trocou as bolas, Pápi — falei, meneando a cabeça.

— Não troquei, não — insistiu Pápi. — Não troquei, não, filho! O que torna as coisas piores ainda.

— Muito interessante tudo isso — disse o senhor Quaker, consultando o relógio —, mas preciso pegar o trem e não posso perder tempo com conversa fiada. Espero voltar podendo dizer ao comitê que você concordou em participar. Seria uma grande honra para nós.

— Eu gostaria muito — falei, abrindo um vasto sorriso.

— Mas e a escola? — exclamou Pápi, desesperado. — A sua educação!

— Não precisa se preocupar com isso, meu caro — disse o senhor Quaker, batendo a bengala no chão três vezes numa rápida sucessão, de tal maneira que olhei para ele, achando que ia fazer uma mágica. — Temos como política que para cada cem menores na nossa equipe, há um professor altamente qualificado para dar aulas. Levamos muito a sério a educação dos nossos jovens atletas.

— E quantos garotos vão viajar para estas Olimpíadas? — perguntou Pápi, ceticamente. — Haverá outros da idade dele?

— Só o seu filho — respondeu o senhor Quaker orgulhosamente. — O que significa que não precisaremos de um professor, logo economizaremos essa despesa, não gastando assim um só centavo dos impostos que o senhor sua tanto para pagar, meu caro. — Ele se inclinou e deu um soco no tampo do balcão. — Todos saímos ganhando com isso, não é?

Pápi suspirou e olhou para o outro lado, sacudindo sua cabeça exaustivamente.

— Você quer mesmo ir? — ele me perguntou alguns instantes depois, olhando para mim, que fazia uma série de exercícios.

— Claro que quero! — respondi.

— E promete voltar?

— Eu voltei da última vez, não voltei?

— Promete? — insistiu Pápi.

— Prometo.

— Então, se é esse o seu maior desejo, não vou te impedir. Pode ir.

Para surpresa geral, eu me tornei a primeira pessoa a levar o ouro nos cem metros, nos duzentos metros, nos quatrocentos metros, nos oitocentos metros, nos mil e quinhentos metros, nos cinco mil metros e nos dez mil metros nas mesmas Olimpíadas. Fui prata nos quatrocentos metros com barreiras, mas fiquei tão chateado com esse fracasso relativo que resolvi nunca mais mencionar essa prova e tirei-a rapidamente da minha biografia oficial. Hoje é a primeira vez que volto a

falar nela. Também fui o único atleta olímpico a ganhar sozinho a prova de revezamento dos 4 x 400 metros, passando o bastão a mim mesmo, numa manobra complicada que se tornou lendária.

Ninguém corria mais rápido que eu, essa era a verdade.

Assim que as Olimpíadas terminaram, lembrei da promessa que tinha feito ao Pápi e achei que já estava mais que na hora de voltar para casa, mas foi então que começaram a chover propostas muito atraentes.

No Japão, o imperador pediu para ver o menino que havia privado a estrela do atletismo japonês, Hachiro Totori-Gifu, de tantas medalhas nos Jogos Olímpicos, e fui correndo através da Europa, atravessando a Rússia, passando pelo Cazaquistão, cruzando a China até chegar a Tóquio e participar ali de alguns circuitos da Cidade Imperial do Senhor dos Céus Acima das Nuvens. O filho dele em pessoa, o príncipe coroado, me desafiou para uma corrida, e embora tenha sido fragorosamente derrotado, fui generoso o bastante para não vencê-lo por uma margem grande demais. Afinal, os japoneses estavam pagando minha hospedagem e todas as minhas despesas.

— Muito obrigado — eu disse depois da corrida para a multidão de torcedores.

— Agora tenho de voltar para casa, porque fiz uma promessa.

Mas em vez disso fui para a América do Sul, onde um grupo de combatentes pela liberdade me convidou a participar do seu Dia de Deposição das Armas, que ocorre duas vezes por ano, uma comemoração em que todos os que estão em campos opostos em determinada disputa política se reúnem por vinte e quatro horas e realizam uma espécie de concurso de aptidões. Eles fazem questão de convidar uma personalidade internacional todos os anos, e naquele ano foi a minha vez.

— Você se acha muito veloz, não é? — perguntou um general, soltando uma baforada do seu charuto depois de me ver correr pelas florestas em tempo recorde.

— Você se acha um cara muito esperto.

O general parecia um pouco ofendido pela minha presença ali, apesar de ter sido ele que me convidou.

— Sim, senhor — respondi, experimentando um dos seus charutos e vomitando na mesma hora nas minhas botinas. — Mas agora tenho de voltar para casa, porque fiz uma promessa.

No entanto, no caminho de volta fui parar na Itália, onde o papa me desafiou a correr em torno da praça de São Pedro mil vezes numa tarde. Uma multidão se reuniu para me ver e me incentivar, percebi que estava adorando tanta atenção e não queria que aquilo terminasse nunca.

— Venha aos meus aposentos — convidou o papa quando por fim terminei, passando um braço por meus ombros. — Venha comer um tiramisù comigo.

— Não posso, Santidade — disse a ele, balançando a cabeça. — Tenho de ir pra casa. Fiz uma promessa.

A caminho, me encontrei na Espanha, correndo com os touros em Pamplona, depois correndo até Barcelona para La Diada de Sant Jordi, onde servi de atendente

em todas as bancas de livros e de flores da cidade, correndo de uma a outra cada vez que um freguês aparecia, e a cidade inteira parou enquanto eu disparava pelas ruas.

Mais perto de casa, senti-me pela primeira vez um pouco cansado e resolvi descansar uns dias em West Cork, na Irlanda, onde fiz uma rápida parada em Skibbereen, para servir de juiz na Corrida das Ilhas, um festival anual em que todos os irlandeses — homens, mulheres e crianças — baixam nessa cidade por vinte e quatro horas, para participar de corridas, cantar canções rebeldes e conversar sobre a recessão. Fui convidado a falar ao povo, mas falei que preferia mostrar como eu era veloz, e quando disse isso uma jovem mulher da multidão atirou no palanque um chaveiro.

— Acho que esqueci a torneira de casa aberta — ela disse, me dando um endereço em Donegal, a uns quinhentos quilômetros dali. — Você podia ir lá checar isso pra mim, garoto?

— Não esqueceu, não — respondi alguns instantes depois, jogando as chaves de volta, com um pesado casaco de lã. — Mas achei que a senhora ia precisar deste casaco mais tarde. Parece que vai chover.

— Você deve ser um motivo de orgulho para sua mãe e seu pai — a mulher gritou em resposta, e a multidão ovacionou de novo.

— Muito obrigado — falei. — Mas não tenho mãe. Só pai. E preciso voltar rapidinho pra junto dele. Fiz uma promessa.

De lá, fui de navio para Londres, parando uns dias num festival literário, onde corri de uma palestra a outra dos autores, em tal velocidade que o vento que eu gerava virava as páginas dos livros para eles, deixando-lhes as duas mãos livres para beber água e apontar o dedo para a plateia. Por mais que eu me esforçasse, parecia impossível voltar para casa. Sempre havia outra multidão querendo me ver, sempre outro convite para aceitar. Outra corrida para vencer. Apesar de tudo, eu nunca me esquecia do Pápi, mas, isso sim, tentava esquecer minha promessa de voltar para casa, embora soubesse que os anos estavam passando, que meu tempo de escola tinha ficado para trás e que meu pai não devia estar rejuvenescendo, muito pelo contrário.

Foi só quando fiz um desvio por São Petersburgo, onde corri como um hamster numa roda gigantesca para distrair o czar e sua esposa, a czarina de Todas as Rússias, sem parar um instante e sem me cansar, é que um fato dramático se produziu. Chegou uma carta para mim, parei de correr e desci da roda de hamster. Li a carta várias vezes, e senti as lágrimas começarem a jorrar dos meus olhos. Perguntei a um jovem segurança imperial o horário dos trens partindo de São Petersburgo e ele me disse que eram vagarosíssimos, raríssimos e geladíssimos.

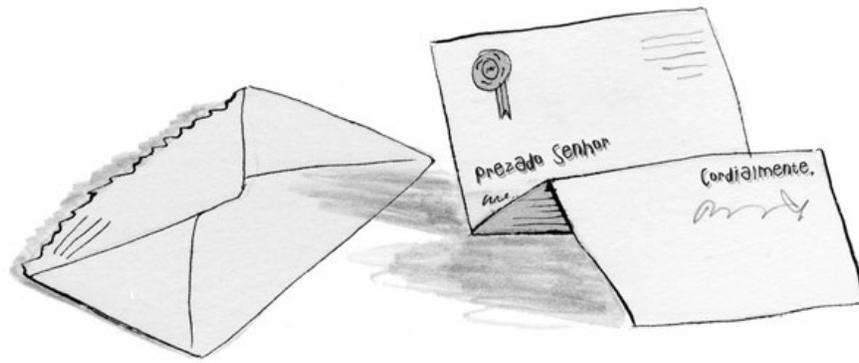


Fig. 10

A CARTA ABERTA

— Mas tenho de voltar pra casa — falei. — Meu pai está morrendo.

— Sinto muito — respondeu o jovem segurança, dando de ombros e parecendo sentir muito mesmo. — Mas não tem trem.

— Nesse caso, é melhor eu ir correndo — respondi. E prometi que dessa vez ninguém ia me desviar do meu caminho.

Afinal, essa promessa eu cumpri.

NOAH E O VELHO

— Você foi um sortudo por ter um pai como o Pápi — comentou Noah. — Se eu quisesse fazer algo do tipo, tenho certeza de que meus pais não deixariam.

— Isso você não pode saber — replicou o velho. — Por acaso perguntou para eles?

— Perguntar, não perguntei — admitiu Noah. — Mas ninguém nunca veio bater à minha porta pedindo para eu entrar na equipe olímpica. Afinal, só tenho oito anos.

— E só ganhou a medalha de bronze dos quinhentos metros na escola.

— Terceiro lugar é muito bom! — insistiu Noah. — Por que o senhor sempre diz isso?

— Bom, eu não era muito mais velho do que você quando o senhor Quaker veio me ver — disse o velho encolhendo os ombros. — Mas eram outros tempos, não é?

O garoto suspirou e pôs o títere do senhor Quaker na mesa, junto aos do príncipe, do senhor Wickle e da senhora Shields. Ficaram ali, olhando para ele, não parecendo nem um pouco à vontade com essa proximidade entre si. Noah pensou que haviam ficado tanto tempo juntos no baú que na certa gostariam de ter um momento de liberdade, mas eles não pareciam nada felizes com ela.

Inesperadamente, um cuco entrou voando pela janela, parou no ar entre Noah e o velho, olhou um instante para os dois, soltou um rápido piado e voou de volta para fora, desaparecendo numa nuvem.

— Minha nossa — disse o velho consultando seu relógio. — Será possível que já é aquela hora?

— O cuco! — exclamou Noah, pondo-se de pé num pulo e enfiando a cabeça para fora da janela, querendo ver para onde o cuco tinha voado. — Ele faz isso todas as horas? Quer dizer, anuncia as horas?

— Claro — disse o velho olhando para Noah como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo. — É um relógio cuco. Na sua cidade deve ter relógios assim, não tem?

— Tem sim — respondeu Noah. — Nós mesmos temos um na parede da nossa sala, junto do retrato da tia Joan, mas não é como este. Não sabia que eles davam a hora na vida real.

— Claro que dão, se forem treinados direito. Aliás, ele é o segundo relógio cuco que tive — disse o velho, aparentando certa tristeza. — O pai dele fez esse trabalho por muitos anos, mas sofreu um acidente infeliz certo dia em que esqueci de deixar

a janela aberta. — O velho hesitou por um momento e ergueu as palmas das mãos bem abertas. — Plaf! — fez ele, sacudindo a cabeça desconsolado. — Fiquei muito triste com o acontecido e achei que era o fim da relação entre mim e aquela família, mas felizmente o filho mais moço entendeu que foi um acidente e me desculpou. Desde então, vem sempre.

— Ele acorda o senhor de manhã?

— Bem, ele tenta — respondeu o velho. — Mas geralmente já estou acordado quando ele chega. Às vezes tomamos o café da manhã juntos, mas tem dias que ele está de péssimo humor. Eu sempre tenho de ver se dá para conversar com ele ou não. Levanto muito cedo, sabe? Sempre levantei. Quando era garoto, costumava correr de manhã bem cedinho. Hoje não posso mais fazer isso, claro. Minhas pernas não aguentariam. A culpa é toda minha, acho.

— Culpa sua, não — rebateu Noah. — O senhor não pode evitar o envelhecimento.

— Agora não posso mesmo, é verdade — disse o velho, concordando com a cabeça. — Mas eu não devia ter envelhecido. Envelhecer foi uma decisão que tomei.

— Como o senhor pôde... — começou a perguntar Noah, mas agora foi o velho que olhou pela janela.

— O sol já vai se pôr — ele disse. — Eu me lembro que uma vez vi o sol se pôr sobre a baía de Watson, em Sydney, e mais tarde, naquele mesmo dia, corri para o extremo sul da Espanha a fim de ver o sol nascer.

— Deve ter se cansado — comentou Noah espantado.

— E me cansei mesmo, afinal sou humano — replicou o velho, sorrindo.

— Até hoje só vi um nascer do sol — disse Noah com uma vozinha sumida. — Na minha casa, claro.

— Ah, então você também é madrugador?

— Normalmente não — admitiu o garoto. — Às vezes meu pai diz que vai jogar um balde d'água em mim se eu não acordar. É esquisito: eu sempre me queixo na hora de ir para a cama, depois me queixo mais ainda na hora de levantar. Não faz muito sentido, não é?

— Esse é um dos grandes paradoxos da vida — disse o velho, batendo com o dedo no tampo da mesa. — Quer dizer que seu nascer do sol foi memorável?

Noah engoliu em seco e olhou para o outro lado. Deixou passar um bom tempo antes de responder, e quando o fez sua voz saiu bem sumidinha.

— Foi — disse. — Acho que nunca vou esquecê-lo.

O NASCER DO SOL

Nas semanas que se seguiram à visita de Noah ao parque de diversões, sua mãe continuou a se sentir muito mal, e uma noite, quando seu pai voltou de um passeio de automóvel à cidade com ela, ela não voltou com ele.

— Sua mãe retorna amanhã — disse o pai de Noah, que parecia exausto e com cara de quem estivera pensando nas respostas que daria a Noah em vez de simplesmente lhe contar a verdade.

— Amanhã? — perguntou Noah surpreso. — Por quê? Onde ela vai passar esta noite?

— Na cidade — disse o pai. — Com uns amigos.

— Ué, ela não tem amigos lá — replicou Noah, que ouvira sua mãe dizer várias vezes que gostaria de conhecer mais gente na cidade, porque assim teriam uma boa razão para ir almoçar lá num sábado.

— Bem, não são exatamente amigos — disse o pai de Noah. — Olhe, é difícil explicar. O que importa é que amanhã ela vai estar de volta, e hoje à noite vamos ficar só nós dois. Se quiser, podemos jogar bola.

Noah fez que não com a cabeça e foi para o quarto. Não tinha a menor vontade de jogar bola. Queria, isso sim, que lhe contassem a verdade.

No dia seguinte, ela também não voltou para casa. Era a manhã do dia em que Noah havia planejado começar a ler seu décimo quinto livro. Pegou-o na estante e abriu-o na primeira página, mas não conseguia se concentrar no que lia. Tratava-se de alguém chamado Squire Trelawney e de outro homem chamado dr. Livesey e de um bar chamado Almirante Benbow, e todos eles começaram a se dissolver num só, não porque o livro não fosse bom, mas porque era impossível para Noah se concentrar. Pôs o livro de lado e desceu para perguntar ao pai por que sua mãe ainda não tinha voltado.

— Você disse que ela voltava hoje — falou.

O pai olhou para ele e abriu e fechou a boca várias vezes, como um peixinho de aquário.

— Eu disse que ela voltava amanhã — disse por fim seu pai.

— É, mas isso foi ontem. Logo, hoje é amanhã.

— Não seja bobo, Noah — disse o pai. — Como é que hoje pode ser amanhã?

Noah sentiu uma enorme raiva crescer dentro de si. Nunca havia sentido nada igual antes. Era como um furacão de cólera, começando na ponta do estômago, se contorcendo, virando, aspirando porções de fúria e pedaços de ira à medida que

girava, assolando todo o miolo do seu corpo e, finalmente, saindo impetuosamente da sua boca numa rajada de indignação.

— Tenho oito anos! — berrou, explodindo em lágrimas inesperadas. — Não tenho mais cinco ou seis ou sete! Quero saber o que está acontecendo!

Mas não esperou a resposta. Subiu correndo para o quarto, trancou a porta e se jogou na cama, recusando-se a abrir a porta alguns minutos depois, quando seu pai bateu e disse que não se preocupasse, que sua mãe logo, logo estaria de volta. Noah nem desceu para jantar naquela noite, escutando através da porta do quarto quando, mais tarde, ouviu seu pai falar no telefone.

— Está bem, eu espero — dizia para quem estava do outro lado da linha. — Ele vai dormir um pouco, eu acho, amanhã falamos com ele.

Noah tinha certeza de que não ia dormir nem um pouco aquela noite, mas o caso é que estava tão exausto quando deitou que mal sua cabeça encostou no travesseiro seus olhos se fecharam imediatamente e ele foi arrastado num sonho tenebroso, do qual ficou muito contente de acordar quando uma mão tocou seu ombro algumas horas depois.

O quarto ainda estava escuro, de modo que dava para saber que não havia amanhecido, mas podia sentir uma pessoa sentada na cama perto dele, respirando sem fazer barulho. Deu um pinote, assustado, e acendeu a luz da mesinha de cabeceira.

— Mãe! — gritou, achando difícil abrir os olhos que se ajustavam devagarinho à súbita claridade. — Você voltou!

— Eu disse que ia voltar, não disse? — ela replicou calmamente. — Eu não devia estar aqui, mas não aguentava mais ficar longe. Longe de você. Não sei o que seu pai vai dizer quando acordar e descobrir que eu... que eu voltei para casa.

— Senti sua falta — disse Noah, apertando-a em seus braços e, apesar de estar feliz em ver sua mãe de novo, ainda estava cansado demais e gostaria de cair de novo no sono e falar com ela de manhã, quando se levantasse e se vestisse. — Que horas são?

— Ainda está no meio da noite — ela respondeu, inclinando-se e beijando-o no alto da cabeça. — Eu só queria te mostrar uma coisa.

Noah olhou para o relógio na mesinha de cabeceira e fez uma careta.

— Eu sei, eu sei — disse sua mãe antes que ele pudesse abrir a boca. — Mas acredite em mim, vai valer a pena.

— Não podemos deixar pra depois? — perguntou.

— Não, tem de ser agora — ela insistiu. — Venha, Noah. Por favor. Levante-se. Garanto que não vai se arrepender.

Noah concordou com um gesto da cabeça, pulou da cama e os dois desceram, saíram pela porta da frente e foram até o canto do jardim, onde podiam enxergar o horizonte através das árvores. Noah sentia a grama úmida sob seus pés, mas até gostava dessa sensação: enfiava os dedos no chão para que a terra penetrasse no meio deles.

— Agora olhe — ela disse, segurando sua mão, e ele olhou para a distância escura, sem saber o que era para observar.

Noah engoliu a saliva e bocejou, bocejou de novo, se perguntando quando poderia voltar para a cama. Ouviu um farfalhar no mato à sua direita, e uma raposa castanho-escura com uma faixa branca no lombo apareceu, olhou para ele, sustentou seu olhar um tempão, depois desapareceu no capim alto que separava a casa deles da floresta.

— O que mais era para eu olhar? — perguntou Noah, virando-se para a mãe, que sacudiu a cabeça e apontou novamente para a distância, ao mesmo tempo que consultava o relógio.

— Apenas olhe — ela disse, apertando mais a mão do filho. — Vai ser de um minuto para o outro.

Noah apertou os olhos, perguntando-se o que ia acontecer.

— Lá vem — disse a mãe após um instante. — Não tire os olhos do horizonte. Continue olhando, Noah. Você vai adorar!

— Mas eu não estou nem de meias — disse Noah, olhando para os seus pés descalços, molhados e com as solas verdes.

Então, passado um minuto, aconteceu algo extraordinário. A escuridão que cobria o chão da floresta foi subitamente iluminada por um manto brilhante da luz dourada do sol, a se esparramar por entre as folhas do mato rasteiro encharcadas pelo orvalho e dos galhos das árvores, transformando tudo de noite em dia em poucos instantes.

— Quem nunca viu a alvorada romper sobre a floresta não sabe o que é viver — disse sua mãe, puxando-o para junto dela. — Meu pai me levou uma vez para vê-la pouco antes... pouco antes de nos deixar. Nunca mais me esqueci. É uma das lembranças mais felizes que guardo dele. Por isso, quis que víssemos juntos o sol raiar, Noah, só você e eu. O que acha? Não é maravilhoso?

— Foi legal — respondeu o garoto encolhendo os ombros. — Tenho de ficar aqui fora? — perguntou um instante depois. — Estou morrendo de frio.

A mãe de Noah olhou um pouco triste para o filho e sacudiu a cabeça.

— Não — disse. — Não, pode voltar para casa, se quiser. Eu só queria que víssemos juntos o nascer do dia. Quando no futuro você vir o sol raiar, talvez você pense em mim.

Noah fez que sim e voltou correndo para casa, subiu a escada e jogou seu robe no chão. Mas antes de entrar de volta na cama, deu uma olhada pela janela e ficou surpreso ao ver que sua mãe continuava onde ele a tinha deixado, na metade da cerca, mas tinha trepado nas duas travessas desta como se fossem degraus de uma escada e estava a alguns centímetros do chão. Era a única pessoa que ele podia ver na grande extensão de floresta à sua frente — a única pessoa acordada em todo o mundo, pensou —, os braços abertos na manhã ensolarada, a cabeça jogada para trás de modo a receber o calor do sol no rosto. Era uma visão extraordinária.

Um momento depois voltou para a cama, mas, apesar de muito cansado, não

conseguiu dormir de novo. Só quando ouviu sua mãe entrar pela porta da frente e subir lentamente a escada sentiu-se seguro.

E foi então que ouviu ela soltar um grito forte de dor. Sentou-se na cama, sem querer se levantar, e ouviu a porta do quarto dos pais abrir e seu pai correr escada abaixo, gritando o nome da sua mãe.

NOAH E O VELHO

— Acho que estou começando a entender — disse o velho. — Deve ser uma vida muito solitária, deixar todas as pessoas de que você gosta. A gente precisa ter muita convicção do que está fazendo. Porque chega uma hora em que é tarde demais para voltar pra casa.

— Mas o senhor voltou — disse Noah. — O senhor cumpriu a sua promessa. Quando recebeu a carta dizendo que seu pai estava doente, o senhor voltou.

— Não é tão simples assim — retrucou o velho tristemente, procurando outro pedaço de madeira e olhando demoradamente para ele antes de começar a entalhar um par de pernas em sua base. — Ainda não terminei minha história. Mas olhe que horas são! — acrescentou. — Não acha uma boa ideia desistir da sua fuga? Você ainda pode voltar para casa antes de escurecer, se quiser.

— Acho que eu ia ficar em maus lençóis se voltasse para casa agora — disse Noah, parecendo um pouco arrependido dos seus atos. — É melhor continuar com meu plano inicial.

— Tenho certeza de que seus pais vão perdoá-lo — disse o velho. — Vão ficar felizes em ter você de volta.

Noah pensou no que o velho disse. Embora só tivesse saído de casa por algumas horas, já estava sentindo um pouco de saudade. Mas toda vez que pensava nisso, também pensava no fato de que voltar era ter de encarar o que ia acontecer, e não sabia se estava pronto para isso.

— Por que não? — perguntou o velho para espanto de Noah, que tinha certeza de não ter pensado em voz alta. — O que vai acontecer?

— Coisas terríveis — respondeu.

— Que tipo de coisas terríveis?

— O senhor nunca teve mãe mesmo? — Noah perguntou ao velho.

— Não — este respondeu com tristeza. — Só pai. Desejei muitas vezes ter tido uma mãe, claro. Sempre acho que a maioria das mães são ótimas pessoas. Quer dizer, achava até hoje.

— Por quê? — indagou Noah. — O que há de tão diferente hoje?

— Bom — disse o velho dando uma risada —, você me contou todas aquelas histórias maravilhosas sobre a sua mãe, sobre como ela era legal com você, atenciosa, mas mesmo assim você teve de fugir dela. Só posso imaginar que talvez ela não seja tão bacana quanto você a apresenta.

— Não é isso — exclamou Noah contrariado, levantando-se e indo até a janela. —

Ei! — disse o garoto, ao notar uma grande confusão na rua. — Tem uma porção de gente se reunindo lá fora.

Olhou para onde a pequena multidão se aglomerava, observando a loja de brinquedos e tomando notas. O salsicha, que havia sido tão prestativo de manhã, estava no meio da gente, cada vez mais excitado à medida que discutia com um homem de meia-idade e cara vermelha, que parecia ser o líder, pois agitava o tempo todo os braços no ar e dizia para as pessoas se calarem para que ele pudesse pensar. O burro estava comendo uma banana que uma mulher havia descascado, mas, distraída, de olho na loja do outro lado da rua, se esquecera de comê-la.

— O que será que eles querem? — perguntou Noah.

— Ah, não ligue pra eles — disse o velho, recusando-se até mesmo a dar uma espiada. — Volta e meia eles se juntam ali e escrevem umas coisas. Depois redigem artigos me denunciando no informativo da cidade que todo mundo recebe mas ninguém lê. Não que eles tenham algum problema comigo. Ou com esta loja. É com aquela árvore que eles cismam — disse apontando para os galhos, que balançavam suavemente na brisa do fim de tarde e pararam ao perceber que estavam sendo observados. — Dizem que não é normal o que acontece aqui, mas estou me lixando. Aliás, quem foi que pediu a opinião deles? O salsicha deve estar me defendendo, não se preocupe. E o burro também. Eles vão neutralizar os encenqueiros. Olhe, o que acha disto?

Noah virou-se e pegou o títere que o velho havia acabado de entalhar. Parecia uma espécie de mangusto.

— Superlegal — disse Noah. — Como conseguiu fazer tão depressa?

— Tenho muita experiência — respondeu o velho.

Noah espiou mais um pouco a multidão, depois sentou-se na cadeira perto da janela.

— Meu pai diz que os médicos vão curar minha mãe — falou depois de um silêncio. — Em todo caso, é o que ele costumava dizer. Agora ele diz que tenho de ter muita coragem.

— E sua mãe? — perguntou o velho. — Está no hospital?

— Estava — disse Noah, virando o rosto para que o velho não visse as lágrimas se formando em seus olhos. — Agora já voltou para casa. Está de cama. Voltou ontem, sabe? Insistiu para voltar. Disse que era lá que queria estar quando... quando...

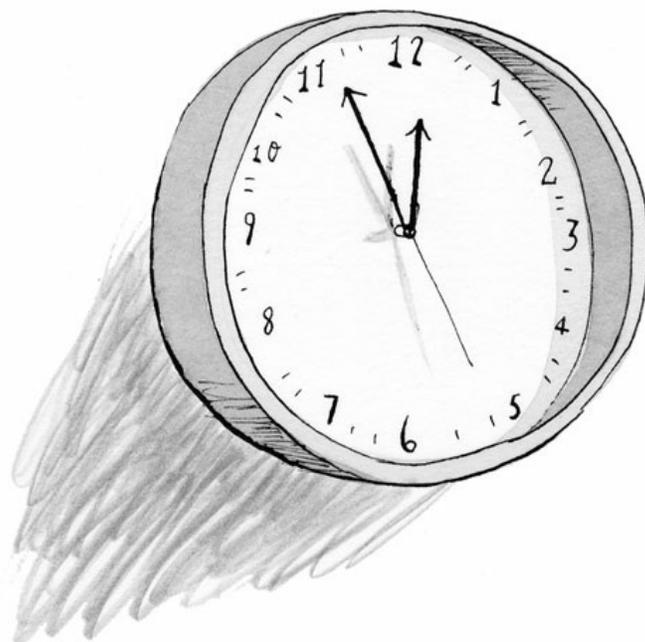


Fig. 11

Aparelho de parede para marcar tempo

Percebeu que não conseguiria dizer as palavras agora e crispou o rosto e as mãos para aguentar firme.

— Mas se ela está em casa e não está bem, você não devia estar com ela?

Noah se virou e encarou o velho.

— O senhor também fugiu de casa — falou.

— Mas voltei quando soube que meu pai estava doente — replicou o velho.

— Demorou muito para voltar? — perguntou Noah, levantando-se e ajudando o velho a tirar as últimas xícaras e copos da mesa.

Sua barriga por fim estava cheia, e apesar de haver uma bandeja de chocolates na bancada da cozinha perto dele, mal lançou um rápido olhar para eles, fez que não com a cabeça e olhou para outro lado, deixando seus olhos se voltar desanimados para um dos aparadores.

— O senhor chegou a tempo lá, quando recebeu a carta dizendo que seu pai estava doente? Chegou em casa antes que ele... antes que alguma coisa...

— Antes que ele morresse? — perguntou o velho. — Como é, garoto? Você não consegue dizer essa palavra? É só uma palavra, sabe? Só um grupo de letras reunidas numa ordem qualquer. A palavra não é nada comparada com o que significa.

— É — fez Noah, olhando para o chão e cerrando a mandíbula e os punhos com tanta força que parecia que seus dedos eram capazes de furar as palmas das mãos e sair do outro lado, se não tomasse cuidado. Notou a seguir que havia mais um títere no baú. Olhou para ele e o colocou junto dos outros. O títere parecia ser um coelho velho, cujos bigodes se contraíam quando se lhe puxava o cordão.

— O senhor chegou em casa antes que ele morresse?

O TÍTERE DO DR. WINGS

Quando cheguei à loja de brinquedos (disse o velho), tudo parecia estar exatamente como estava quando a deixei. As paredes ainda estavam cobertas de brinquedos, o chão ainda estava polvilhado de serragem e atrás do balcão haviam sido deixados alguns potes de tinta com suas tampas meio abertas, e um arco-íris líquido de cores deixava filetes ao longo da lata. Algumas teias de aranha se estendiam na caixa registradora.

— Alô! — sussurrei, olhando em volta, contando com que meu pai aparecesse nas sombras a qualquer momento. — Pápi?

Mas não houve resposta. Mordi meus lábios e me perguntei o que deveria fazer agora. O hospital ficava a apenas alguns quilômetros — eu poderia chegar lá em alguns segundos, se me concentrasse direito — mas algo me disse que Pápi jamais teria ido a um hospital. Afinal, ele havia construído esta loja de brinquedos sozinho. Havia criado a loja da estaca zero, não só os tijolos tortos e a argamassa malposta que mantinha tudo unido, mas tudo o que havia dentro também, todos os brinquedos expostos nos balcões e prateleiras. Ele nunca sairia dali, disso eu tinha certeza.

Um rangido vindo de trás do balcão me fez erguer a vista e vi que a porta tinha se colocado em posição e estava ligeiramente entreaberta.

— Henrietta — gritei. — Henrietta, velha amiga! Você ainda está aqui!

A porta olhou para mim com uma expressão de censura, não deixando transparecer nada do velho calor e amizade que antes existira entre nós. Em vez disso ficou ali calada, proporcionando-me a visão da escada fracamente iluminada atrás de si. Fui até ela, olhei para o alto da espiral de degraus de madeira acima da minha cabeça e comecei a subir. Sentindo a urgência do momento, Henrietta logo passou raspando por mim e encaixou-se em seu vão na parede, dessa vez ficando firmemente fechada mas deixando-me virar a maçaneta. A luz estava acesa na sala de estar. Dei um passo à frente e as tábuas do assoalho rangeram sob meus pés quando entrei.

Nada havia mudado. As cadeiras estavam em seus lugares costumeiros diante da lareira, e deram imediatamente as costas para mim quando viram quem tinha entrado. Os pratos e as xícaras estavam arrumados no aparador, mas estas viraram as alças, não querendo que eu as pegasse. O cabideiro continuava em seu canto, mas saiu na ponta dos seus quatro pés, desaparecendo no que em minha infância havia sido meu quarto e batendo a porta atrás de si.

Fiquei muito triste ao ver como todas as coisas de meu pai estavam desapontadas comigo.

— Ó Deus! — disse um velho coelho, saindo do quarto do meu pai e pulando de surpresa ao ver aquela visita inesperada, mas depois relaxou e abriu um sorriso. — Você veio! Não acredito! Não o reconheci por um instante. Você está bem mais adulto.

— Olá, doutor Wings — cumprimentei, dando um passo à frente e apertando a orelha do coelho. Sempre gostei muito do doutor, que tratou muitas das minhas doenças de criança. — Recebi sua carta e vim o mais rápido possível.

— Estou vendo — disse o dr. Wings, olhando um instante para o outro lado e mordendo o lábio. — Eu não tinha certeza de poder localizá-lo. Afinal, você está fora há tanto tempo.

— É, eu me desviei do caminho de volta — respondi a ele, incapaz de sustentar o olhar do coelho, tão envergonhado estava eu das minhas ações egoístas. Eu havia tentado ser um bom filho, mas a verdade era que os acontecimentos me impediram de sê-lo.

— Se desviou? — fez o dr. Wings, franzindo a testa. — Estes anos todos? Bem quando seu pai foi ficando mais velho e mais doente? Que coisa extraordinária!

— Sinto muito — repliquei, olhando para o chão. — Mas agora estou aqui. Como ele está? Melhorou? Quero ficar e cuidar dele agora, juro que quero. — Hesitei um instante, o pior veio à minha cabeça. — Ele não... ele não...

— Ó Deus! — fez o dr. Wings tristemente, sacudindo a cabeça enquanto mastigava uma cenoura. — Se você tivesse chegado uma hora antes.

— Eu tentei voltar! — expliquei, com uma culpa enorme começando a pesar sobre todo o meu corpo. — Como ele ficou tão doente? Ele estava bem quando eu parti. Envelhecendo, claro, mas com boa saúde.

O dr. Wings apertou os olhos e me fitou pensativo.

— Quanto tempo você acha que estive fora? — perguntou.

— Alguns meses, imagino — falei, minhas bochechas ficando vermelhas. — Perco a noção do tempo tão facilmente... Quando você corre o tempo todo, passa por tantos fusos horários, quase nunca sabe onde está. Ou quando está.

— Meu filho, isso é a coisa mais ridícula que já ouvi — disse o coelho, olhando para as folhas verdes que brotavam da ponta da cenoura antes de enfiá-la na boca e engoli-la de uma só vez. — A verdade é que você estive fora por pelo menos dez anos.

— Não! — gritei, olhando para o meu relógio como se isso pudesse confirmar as coisas de alguma maneira.

— Garanto. É a pura verdade.

— Quer dizer que perdi dez aniversários? — perguntei.

— Você perdeu dez aniversários do seu *pai* — corrigiu o coelho. — E esse tempo todo, você era a única coisa de que ele falava. Ele acompanhava suas façanhas pelos jornais toda semana.

— Eu nunca pretendi ficar tanto tempo longe, acredite — falei. — Afinal, tinha prometido a Pápi que voltaria depois das Olimpíadas.

— Mas não voltou — repetiu o dr. Wings.

— Não — admiti. — Não, não voltei. Como ele ficou doente?

O dr. Wings sorriu delicadamente e sacudiu a cabeça.

— Meu filho, ele ficou velho, só isso. Seu pai era um homem muito idoso. Deu duro a vida toda. Ainda estava trabalhando na loja até umas semanas atrás. Depois, começou a ter tonturas, vim atendê-lo, mas não havia mais nada que eu pudesse fazer. Dias depois, sofreu uma queda e não saiu mais da cama. Acho que começamos a perdê-lo desde então.

— Está aí uma coisa que nunca pensei que iria acontecer — falei, balançando a cabeça.

— Mas todos nós envelhecemos — disse o coelho. — Você mesmo está ficando mais velho. É assim a vida. Os meninos viram homens. E os homens viram velhos. Você sabia disso muito bem.

Concordei com a cabeça. Mas conhecia uma coisa que nunca envelhecia: um títere.

— Se você tivesse chegado uma hora antes — disse o dr. Wings tristemente, sacudindo a cabeça.

— Uma hora? Quer dizer que...

— É. Ele morreu pouco antes de você chegar. Ainda está na cama. Pode ir lá vê-lo, se quiser.

Soltei um suspiro e me dirigi lentamente para a porta do quarto, hesitando só um momento quando olhei para dentro, nervoso com o que poderia ver quando meus olhos se acostumassem à penumbra. As cortinas estavam fechadas e o quarto envolto nas sombras do anoitecer. Na mesinha de cabeceira, um pequeno abajur cochilava silenciosamente, mas sentiu minha presença, olhou para onde eu estava e sua lâmpada se acendeu imediatamente, de tão surpreso ficara com o que via.

Pápi estava deitado na cama, como se houvesse adormecido de repente. Estava mais velho do que eu me lembrava, mas parecia em paz. Senti-me feliz com isso.

— Sou eu, Pápi — sussurrei, indo em direção à cama. — Voltei pra casa.

Depois que Pápi foi enterrado, não demorei muito para chegar à conclusão de que tinha de fazer alguma coisa para honrar sua memória. Pendurei meu tênis de corrida e resolvi que em vez de correr iria tocar seu negócio. Afinal, Pápi tinha dedicado tantos anos para construir a loja de brinquedos, que seria uma vergonha abandoná-la só porque seu criador não estava mais entre os vivos. Fiz as pazes com tudo na loja, pois tudo ali havia ficado muito desapontado comigo por só ter voltado depois de tantos anos, e juramos ser amigos novamente.

Felizmente, eu tinha aprendido tanta coisa na escola depois que mudamos para a aldeia que tinha plena consciência do que estava fazendo.

Acordava todos os dias às quatro da manhã e corria cinco horas seguidas antes de abrir a loja, só para manter a forma. Quando não havia fregueses, quer dizer,

sempre, fazia novos brinquedos, todo tipo de brinquedos — trens e carros, bolas de futebol e barcos, *puzzle* de letras e alfabetos de cubos, mas nunca títeres, títeres nunca mais — e depois os pintava, punha um preço e os colocava na prateleira apropriada. Quando Alexandre dava as seis da tarde, eu enfiava de novo minha roupa de corrida e partia para cidades mais distantes por algumas horas. Voltava, fechava a loja e subia para jantar. Um macarrãozinho, por exemplo. Ou uma salada. Ia para a cama sempre por volta da meia-noite e tornava a me levantar às quatro, sete dias por semana.

De modo geral, era uma vida boa, eu me dizia. E todos os dias procurava não pensar em quanto me arrependia por ter deixado o Pápi sozinho quando ele mais precisava de mim.

NOAH E O VELHO

— Sinto muito por seu pai — disse Noah, olhando para o chão. — Ainda sente falta dele?

O velho fez que sim e correu os olhos pela sala.

— Penso nele quando venho para cá todas as manhãs — falou. — Quando tomo meu café, quando espero o dia que tenho pela frente. E de noite, quando sento junto da lareira, lendo um livro, eu imagino que ele está atrás de mim, me olhando. Sinto-o perto de mim e digo que é para mim uma grande tristeza não ter estado presente no fim.

Noah ficou um tempão sem dizer nada. Ouvia um montão de conversas dentro da sua cabeça, uma porção de argumentos, alguns dos quais ele queria ouvir, outros que preferia ignorar.

— Podemos descer? — perguntou, levantando e esfregando os braços. — Está um pouco frio aqui em cima e, também, daqui a pouco acho que vou embora.

— Claro, rapaz — disse o velho, dirigindo-se para Henrietta e abrindo-a.

— Siga-me, por favor.

Saíram em direção à escada, afastando-se um instante para que a porta pudesse descer primeiro, e assim que ela se instalou confortavelmente na parede do térreo viraram a maçaneta e entraram de novo na loja de brinquedos.

— O senhor às vezes não acha triste viver aqui tão sozinho? — perguntou Noah, olhando ao redor com a curiosa sensação de que alguns títeres estavam agora em lugares diferentes dos de antes.

— Às vezes — admitiu o velho. — Mas sou um homem de idade e não procuro companhias.

— Qual a sua idade, exatamente?

O velho pensou, coçou o queixo e respondeu:

— Para ser sincero, perdi a conta. Mas não sou nenhuma criança, disso tenho certeza.

— Fico espantado com que o senhor tenha decidido ficar aqui — disse Noah. — Quero dizer, depois que seu pai morreu. O senhor poderia ter vivido tantas aventuras o resto da vida... Poderia ter corrido o mundo.

— Mas todo dia foi uma aventura — replicou o velho, sorrindo. — Tanto faz estar aqui com meus títeres ou a dez mil quilômetros daqui. Sempre acontecem coisas interessantes, onde quer que a gente esteja. Não sei se faz sentido falar assim, mas...

— Claro que faz — disse Noah. — O senhor nunca vendeu nenhum desses

títeres?

— Nunca — respondeu o velho. — Eles não estão à venda.

— Não estão à venda? — espantou-se Noah, e deu uma risada. — Mas aqui não é uma loja?

— É um lugar em que as coisas são feitas, com certeza. E tem uma porta, claro. Quase sempre. E ali tem uma caixa registradora, mas não estou certo de que ainda funcione. É uma loja? Talvez. Não sei. E daí? É minha casa.

Noah pensou no que ouvira, virou-se, correu os olhos em redor, deu alguns passos pelos corredores entre as prateleiras, olhando para os títeres como se eles pudessem lhe revelar seus segredos, e finalmente escolheu dois deles, ambos títeres tradicionais de gente.

— Eles têm nome? — perguntou, segurando seus achados.

— Têm, sim — disse o velho, com um grande sorriso cruzando seu rosto. — O que está na sua mão esquerda é baseado no meu pai, o Pápi. É até bem parecido. E o que está na sua mão direita... era um vizinho do Pápi antes de eu nascer, mestre Cherry. Puxe os cordões deles e vai ver uma coisa de que vai gostar.

Noah puxou os cordões que pendiam dos pés dos brinquedos. Os braços e as pernas dos títeres se ergueram, como ele esperava, mas — que legal! — o cabelo deles também se ergueu na cabeça.

— Estão usando peruca! — exclamou, caindo na gargalhada.

— Sempre usaram — explicou o velho. — Uma vez, eles se atracaram numa briga feia e quase perderam as perucas.

— E por que brigaram?

— Se desentenderam, só isso.

— Ah! Depois ficaram amigos de novo?

— Grandes amigos — respondeu o velho num tom satisfeito. — E juraram que continuariam a sê-lo o resto da vida.

Noah fez um movimento com a cabeça, mostrando que gostara sim da história, e os pôs de volta na prateleira.

— E estes? — perguntou, selecionando mais dois e segurando-os diante de si. — A raposa e o gato.

— Criaturas danadas — comentou o velho, sacudindo a cabeça, franzindo a testa e explicando com uma voz que se tornava mais profunda ao olhar para aqueles bichos malignos. — Um par de bandidos infames. Eles me roubaram cinco moedas de ouro, e por causa disso fui parar na cadeia. Nunca confie numa raposa ou num gato. Pronto. Disse o que eu queria.

As sobrancelhas de Noah subiram e desceram, e ele olhou de novo para as prateleiras em busca de outro títere.

— E aquele? — perguntou, apontando para uma criatura chamativamente colorida.

— Ah, o grilo! — disse o velho, embevecido. — Um ótimo sujeito que eu maltratei muito.

— É mesmo? — espantou-se Noah. — O que foi que o senhor fez?

— Esmaguei-o contra a parede com um martelo de madeira, matando-o.

Noah abriu a boca horrorizado.

— Por quê? — quis saber. — Por que o senhor fez uma coisa dessas?

— Ele me acusou de ter cabeça de pau. Eu poderia — o velho olhou à sua volta, parecendo envergonhar-se —, eu poderia ter reagido serenamente... Não fique tão horrorizado assim, rapaz — acrescentou. — O grilo voltou numa forma diferente. Uma espécie de fantasma. E acabamos ficando amigos.

Noah balançou a cabeça mas não disse nada, apontou simplesmente para o títere seguinte pendurado na parede.

— Aquele é um sujeito que chamei de Engole-Fogo. Um sujeito nem um pouco legal. Tentou me queimar vivo uma vez. E ao lado dele, dois assassinos que tentaram me matar.

— O que é aquilo na mão deles? — perguntou Noah, inclinando-se para enxergar melhor.

— Uma faca e uma corda. Eles hesitavam entre me esfaquear e me enforcar.

— O senhor tinha uma coleção de inimigos quando era moço — comentou Noah, assombrado.

— Tinha mesmo — disse o velho. — Não sei por quê. As pessoas parecem cismar comigo por alguma razão.

— E o senhor fez sozinho todos esses títeres?

— Todos eles.

— Fantástico!

— Eles ficam iguaizinhos a vida toda — disse o velho, sorrindo ligeiramente. — Um títere pode viajar e viver muitas aventuras, que não fica um só dia mais velho. Um garoto... um garoto de carne e osso... envelhece até só ter à sua frente a morte.

Ficou calado por um tempo. Quando ergueu novamente os olhos, o menino o observava com uma expressão preocupada.

— Nunca queira ser o que você não é — disse o velho mansamente. — Lembre-se disso. Nunca deseje mais do que lhe deram. Seria o maior erro da sua vida.

Noah não tinha plena certeza do que aquelas palavras significavam, mas armazenou-as no fundo da cabeça, logo em cima da orelha direita, convencido de que uma parte dele poderia querer desenterrá-las um dia e pensar nelas, e quando aquele dia chegasse queria tê-las à sua disposição.

— Posso contar um segredo? — perguntou Noah.

— Claro que sim — respondeu o velho.

— O senhor não vai contar pra ninguém?

O velho hesitou.

— Para ninguém — afirmou.

Noah arregalou os olhos. O que era aquilo? Seria possível? O nariz do velho estaria... *aumentando de tamanho!*

— Uma pessoa! Uma pessoa! — gritou o velho rapidamente, apertando

embaraçadíssimo com a palma da mão a ponta do nariz. — Talvez eu conte para uma pessoa, uma só.

A essas palavras o nariz pareceu voltar para a sua posição normal, e Noah piscou várias vezes, não tendo certeza se tinha mesmo visto o que vira ou se havia sido uma espécie de ilusão.

— Tenho um amigo — explicou o velho, sorrindo ligeiramente. — Um porco já idoso que mora numa fazenda perto daqui, a quem eu visito regularmente e trocamos nossos segredos um com o outro. Você não vai se incomodar se eu contar para o porco, vai? Ele é muito discreto.

Noah pensou um instante e finalmente assentiu.

— Acho que tudo bem — ele disse. — Mas só para o porco.

— Só para o porco — concordou o velho.

— Então está bem — disse Noah. — É que eu acho que posso ter cometido um erro, fugindo de casa. Acho que não entendi direito o que isso significava.

Noah suspirou e olhou à sua volta, sacudindo a cabeça de repente, como se tentasse jogar todos aqueles pensamentos fora, e voltando a olhar fixamente para os títeres.

— Eu acho que devia voltar para casa. Será que posso pegar um? — perguntou. — Para levar comigo?

O velho pensou um tempão naquele pedido, mas finalmente negou com a cabeça.

— Acho que não — disse. — Desculpe, mas eles são parte de uma família, como você está vendo. Eles me fazem lembrar da minha vida.

— Mas o senhor não pode fazer outro?

— Não, não posso — respondeu o velho, balançando a cabeça. — É uma coisa curiosa. Quando tenho um bloco de madeira na minha frente e me sento para criar um títere, sempre tento entalhar algo diferente, mas por alguma razão a coisa nunca sai do jeito que eu pretendo. Começo com uma ideia, mas sai algo totalmente diferente da madeira. Olhe isto, por exemplo — ele disse, pegando um pedaço de pau que havia sido transformado num babuíno. — Eu não estava tentando fazer um babuíno.

— E o que estava tentando fazer?

O velho desviou o olhar um instante e encolheu os ombros. Estava na hora de contar a verdade.

— Eu, é claro! — respondeu com um sorriso.

O ARTESÃO

A verdade (disse o velho) é que por muitos anos evitei entalhar títeres. Em vez deles eu fazia trens, barcos, blocos de letras e porta-lápis, e tudo mais que eu pensasse que podia ser feito com madeira e pregos. Mantive as tradições que começaram com Pápi, e em certos casos até as melhorei.

E embora eu não corresse mais o mundo nem vivesse grandes aventuras, mantive minha rotina costumeira depois da morte dele, correndo de manhã e no fim do dia, mas normalmente incluindo em meu circuito apenas alguns milhares de cidades, porque eu tinha a mais absoluta certeza de que se fosse mais longe terminaria em algum palácio ou festival, nas pirâmides do Egito ou no Grand Canyon dos Estados Unidos, e eu tinha um negócio para tomar conta, que devia pôr acima de tudo o mais.

Mas então aconteceu uma coisa estranha. Um dia, bem quando eu ia iniciar minha corrida do fim do dia, percebi que estava me sentindo um pouco cansado. Estava abaixado para amarrar meus cadarços, e quando me endireitei soltei um suspiro inesperado de exaustão e minha mão se dirigiu na mesma hora para a parte de baixo das minhas costas, que estava doendo muito. Mesmo assim fui correr naquela noite, mas voltei um pouco mais ofegante que de costume e caí direto na cama, sem nem sequer jantar. Não pensei mais no assunto até alguns meses depois, ao perceber que gemia todas as manhãs quando o alarme do Alexandre tocava e que queria mesmo era ficar debaixo do cobertor, sem a menor vontade de correr.

À medida que os anos passavam, percebi que havia reduzido meu exercício. Meu corpo tinha se tornado um pouco menos elástico, minhas pernas respondiam um pouco menos rápido aos meus comandos. Já não era tão veloz quanto antes. As veias azuis nas minhas mãos começaram a ficar mais pronunciadas. Uma vez até voltei para casa resfriado!

E então, um belo dia, quando estava arrumando uma das vitrines da loja, vi meu pai, o Pápi, parado a um metro de mim, com a mesma idade que tinha no dia em que eu havia partido para minhas triunfais Olimpíadas tanto tempo atrás. "Pápi!", gritei, todo feliz por tornar a vê-lo, me esquecendo por um momento que ele havia morrido anos antes. Corri para ele, de braços estendidos, e Pápi também corria para mim, os braços também estendidos.

Trombamos. Caí de cara no chão. Pápi também.

Ergui os olhos e percebi que não era meu pai. O que eu tinha visto era meu reflexo no comprido espelho com moldura de madeira que estava havia tantos anos

no canto da loja.

“Sou um velho agora”, pensei.

Foi naquele momento que percebi que havia tomado a decisão errada muitos anos atrás, quando meu desejo de me tornar um garoto de carne e osso foi satisfeito. Eu devia ter continuado a ser um títere.

Quando aquela ideia se firmou na minha cabeça, senti uma curiosa vontade se espalhando por meus braços e minhas mãos, uma vontade que só podia ser satisfeita empunhando um martelo e um formão e sentando para trabalhar. Desci ao porão, onde sempre guardei um estoque de madeira, e para minha surpresa, pela primeira vez na vida, descobri que não sobrava nenhum pedacinho. Claro, normalmente eu comprava todo o meu material para os brinquedos numa madeireira do lugar, mas era quase meia-noite e o depósito estaria fechado até a manhã seguinte. No entanto, eu precisava entalhar um títere. Não tive escolha. Não conseguiria dormir se não entalhasse. Não seria capaz de *respirar*.

Saí da loja, espiei as ruas vazias, deixando o ar noturno penetrar em meus pulmões, e me perguntei se alguém perceberia se eu pulasse o muro da madeireira e roubasse o suficiente para minhas necessidades. Bom, não seria propriamente *roubar*, porque no dia seguinte eu voltaria e pagaria o que havia pegado, mas mal a ideia surgiu na minha cabeça percebi que era impossível. Afinal, minhas pernas já não eram como antes. Eu não conseguiria mais pular o muro, nem mesmo trepar nele. (Mesmo quando era jovem, só tinha sido capaz de ganhar nos quatrocentos metros com barreiras uma medalha de prata, logo, estava inteiramente fora de cogitação agora que eu era velho.) A coisa parecia mesmo impossível.

Muito frustrado, voltei minha atenção para a árvore que estava na minha frente e um galho grosso atraiu meu olhar. Seria tão simples assim? Era quase como se o galho estivesse me chamando: “me pegue!”, ele dizia; “o que está esperando? Me arranque!”

Foi o que fiz.

Agarrei firme o galho e, surpreendendo a mim mesmo com a força que subitamente descobria ter, arranquei-o do tronco e fiquei olhando paralisado para aquele pedaço de pau limpo e sólido que eu tinha nas mãos. Voltei imediatamente para a loja, tranquei a porta, desci ao porão e comecei a trabalhar.



Fig. 12

uma bengala.
Não mais usada.

Eu sabia exatamente que títere queria criar. Podia ver na minha mente as pernas retas, bem-feitas, articuladas no joelho, o segundo par de pés que Pápi havia criado depois que eu, tonto, permiti que o primeiro par se queimasse enquanto eu dormia. Era fácil me lembrar do corpo cilíndrico e liso, e também dos braços magros e das mãos feitas de uma só peça que saíam deles. O rosto alegre, entusiasmado; o nariz incômodo que crescia, crescia, sempre que eu mentia. Estava tudo ali, guardado a sete chaves na minha memória. Eu tinha certeza de ser capaz de fazê-lo, afinal, eu era um artesão e nunca havia iniciado uma peça que não tivesse conseguido produzir.

“Se fizer esta direito...”, disse comigo mesmo começando a lascar e entalhar. “Se o fizer perfeito, então pode ser que, pode ser...”

Por um bom tempo parecia que ia dar certo. As pernas *pareciam* ser as pernas dele; o corpo *parecia* ser o corpo dele; o rosto *parecia* ser o rosto dele. Mas quando terminei aquele primeiro títere e me afastei dele, fiquei atônito com o que vi. Porque ele tinha se transformado misteriosamente numa raposa — uma raposa que eu conhecia muito bem, uma raposa que tinha me convencido, muitos anos antes, a enterrar minhas cinco moedas de ouro no campo dos milagres, a regá-las e sair dali por algumas horas, que quando eu voltasse elas teriam se transformado em cinco

mil moedas de ouro. A raposa que tinha me roubado por causa da minha inocência.

“Como é que isso aconteceu?”, eu me perguntei, balançando a cabeça surpreso e decidindo que na noite seguinte iria me concentrar melhor no meu trabalho, e então com toda certeza produziria o títere perfeito.

Daí em diante, noite após noite, tentei criar uma versão de madeira do meu ser original, mas sempre que terminava e via o que tinha produzido, o títere havia se tornado algo totalmente diferente. Um títere de chefe de estação de trem, por exemplo. Ou uma viúva de luto. Uma mulher sentada a uma mesa compondo um soneto ao amado desaparecido no mar. Uma pluma flutuando na brisa. Um piano precisando ser afinado. A estátua de Zeus em Olímpia. Charles Lindbergh, decolando no *Spirit of St. Louis*. Não importava a forma inicial que eu conferia ao títere, bem como as sucessivas transformações operadas, minha criação sempre virava algo totalmente diferente e completamente inesperado.

Todas as noites eu quebrava outro galho da árvore e recomeçava. E poucas manhãs depois, o galho tinha crescido de novo.

Faz anos que isso vem acontecendo. Decorei a loja com os títeres que minhas mãos entalharam na madeira da árvore do Pápi, e durante todo esse tempo eu fui envelhecendo, até finalmente entender que meu projeto nunca seria realizado.

Fiz uma escolha: tornei-me um garoto de verdade e não posso mais voltar a ser um títere.

E como o dr. Wings salientou, um menino de verdade se torna um homem de verdade, e um homem de verdade um velho de verdade, e depois...

NOAH E O VELHO

— Sei o que vem depois — disse Noah, olhando para o outro lado e sentindo o coração bater um pouco mais depressa dentro do peito.

— Espero que saiba mesmo — disse o velho, sentando e sorrindo para o garoto, seus olhos bondosos fazendo Noah sentir-se querido e protegido. — Não acha que está na hora de voltar para casa? Para ficar com sua mãe enquanto ainda é possível?

Noah se levantou. Estava se sentindo cansado e confuso. Fora um dia cheio de surpresas e aventuras com todo tipo de gente e incidentes inesperados, e a verdade era que ele queria muito contar a alguém todas as coisas que tinham acontecido com ele. Contar a alguém que ele amasse.

— Acho que eu poderia cuidar de uma loja de brinquedos — ele disse passados uns minutos, erguendo a cabeça com uma expressão excitada no rosto. — Acho que deve ser maravilhoso trabalhar num lugar como este.

— Pensei que você queria ser astrônomo — replicou o velho.

— Era só uma das profissões em que estou pensando — disse Noah, corrigindo-o. — Pode não ser a profissão certa pra mim. O caso é que adoro brinquedos. E trabalho madeira muito bem. Então talvez possa ter um trabalho como o seu um dia.

— É possível — disse o velho, virando-se para dar uma olhada em Alexandre, o relógio. — Caramba, tudo isso? Está ficando tarde. Daqui a pouco é hora de jantar.

— Ué, a gente acabou de almoçar — espantou-se Noah, sabendo que não poderia comer mais nada tão cedo, senão explodiria.

— E o sol está se pondo — disse o velho, olhando pela janela e vendo que o céu ficava azul-escuro com umas poucas nuvens sombrias persistindo no horizonte. — Acho que vou ter de sair logo para o meu exercício.

— O senhor ainda corre? — perguntou Noah surpreso, porque ao olhar para aquele homem idoso era difícil imaginar que ele ainda conseguisse alcançar alguma velocidade: primeiro porque era um pouco curvado para a frente, depois porque até para subir e descer a escada ele se movimentava a passos lentos.

— Imagine! — respondeu o velho, meneando a cabeça. — Não seria mais capaz de correr. Mas gosto de sair para dar uma caminhada no fim da tarde. Uma voltinha em torno da aldeia, e só. Para encher meus pulmões com um pouco de ar fresco e manter o sangue circulando. Gostaria de me acompanhar hoje?

Noah consultou seu relógio. Ele só tinha planejado sair de casa em busca de uma cidade de que gostasse, mas agora que tinha encontrado uma não sabia o que fazer

em seguida.

— Bom, está bem — disse, pegando o blusão no cabideiro que vinha correndo em sua direção no momento certo. — Acho que uma caminhada vai me fazer bem depois de tanta comida, mas depois tenho de ir embora.

— Claro — disse o velho, pegando seu casaco e seu cachecol no cabideiro também. — Obrigado, William — disse ao móvel, que inclinou a cabeça para onde estavam os chapéus e correu de volta para o canto da loja. — Um menino que foge de casa tem de estar sempre andando. Não pode parar em lugar nenhum, para não ser encontrado. E pode correr o risco de fazer amigos, se ficar muito tempo em algum lugar.

— Tenho certeza de que posso parar em *algum* lugar — retrucou Noah rapidamente. — Eles vão acabar desistindo de me procurar.

— Ora, meu filho — replicou o velho rindo um pouco. — Se você acha mesmo isso, é que não conhece seus pais. Eles nunca vão desistir de procurar você. Vão sempre querer você de volta. Bom, está levando todas as suas coisas?

Noah deu uma derradeira olhada na loja e fez que sim. Na verdade, não queria ir caminhar mas sabia que também não podia ficar ali sozinho. A loja de brinquedos era um lugar estranho e desconcertante, mas ele se sentia bem nela.

— Muito bem — disse o velho. — Então vamos.

Eles saíram ao ar da tardinha, que estava um pouco frio. A rua, no entanto, estava calma e não havia sinal do prestativo salsicha, do burro esfaimado ou da multidão que tinha se juntado mais cedo do lado de fora.

— Não vai trancar a porta para que nenhum assaltante entre? — indagou Noah.

— Quando um assaltante resolve entrar, ele arromba a porta, e a melhor maneira de evitar um arrombamento é deixar a porta destrancada — explicou o velho, virando à direita. — É a coisa mais óbvia do mundo, mas ninguém pensa nela. Bom, vamos por aqui.

Passaram pela árvore do Pápi e Noah contemplou-a mais uma vez. Parecia uma árvore perfeitamente normal, mas não havia dúvida de que sua madeira brilhava mais que a das árvores da floresta de perto da sua casa.

— Eu gostaria de tentar entalhar alguma coisa com a madeira daquela árvore — disse Noah.

— Infelizmente não seria possível — disse o velho, balançando a cabeça. — Aquela árvore é propriedade exclusiva da loja de brinquedos. E para fazer brinquedos ou títeres não basta você sentar e começar a entalhar, precisa ter antes praticado muitos anos e aprendido o ofício — prosseguiu. — Tem de trabalhar muito para isso. E também precisa ter acesso a muita madeira boa.

— Mas que coincidência! — exclamou Noah, abrindo um sorriso. — Meu pai é lenhador e nossa casa fica na beira da floresta, de modo que poderia conseguir toda madeira de que precisasse. Quer dizer, se eu resolver tentar.

— Também precisa de boas ferramentas — continuou o velho. — Um formão resistente, uma plaina forte, facas afiadas. E tinta, claro. Tintas de qualidade.

— Tio Teddy! — gritou Noah.

— Tio o quê?

— Tio Teddy! Ele tem uma loja de tintas. Tem mais de três mil variedades diferentes de tintas. “Se não temos, é que não existe”, é o lema da loja.

— Tem mais — disse o velho depois de pensar melhor no assunto. — Para tocar um negócio, é preciso ser bom nas contas. Senão elas nunca vão dar certo.

— É, não sou muito bom nisso — admitiu Noah. — Mas estava começando a ir melhor na escola. Minha professora disse que eu estava começando a entender matemática. Frações e decimais, em todo caso. Mas acho que o que nunca vou conseguir mesmo entender é a trigonometria.

— Ah, bom, trigonometria é tão útil para um garoto quanto uma bicicleta para um peixe — replicou o velho. — Por isso, se eu fosse você, não me preocuparia muito com ela. Já escrever bem é importante — acrescentou. — Para redigir cartas a seus fornecedores.

A cabeça de Noah estava fervilhante de ideias e ele olhava para o chão, dando soquinhos nos próprios joelhos cada vez que considerava suas opções.

— Eu acho... — começou. — Se eu voltasse... a-hã, se eu por acaso voltasse pra casa por um tempinho. Quer dizer, até eu ser um ou dois anos mais velho. Até eu fazer contas melhor, por exemplo.

— E escrever — lembrou o velho.

— E escrever — repetiu Noah. — Então quem sabe eu me tornaria um artesão tão bom quanto o senhor. E poderia abrir minha própria loja um dia!

— É possível — disse o velho, parando num cruzamento e respirando com dificuldade. — Coisas estranhas aconteceram. Eu, por exemplo, uma vez vi uma lagarta discutindo com uma baleia. E vencendo a discussão. Você se incomoda se a gente parar um instantinho aqui? — ele perguntou. — Estou me sentindo um pouco cansado.

— Claro — respondeu Noah, dando uma olhada ao redor e avistando um banco a apenas alguns passos. — Vamos nos sentar ali?

O velho concordou e eles foram sentar no banco.

— Assim é bem melhor — ele disse com um suspiro. — Envelhecer é terrível. A ideia de que eu, o maior corredor da história, sou incapaz de andar até o limite da minha aldeia sem parar para descansar é uma coisa que eu nunca havia imaginado pudesse acontecer comigo.

Noah virou-se para encarar o velho e hesitou, querendo formular a sua pergunta da melhor forma possível.

— O senhor acha...?

— Às vezes acho sim, meu filho — admitiu o velho. — Penso muito nisso, quando não consigo evitar.

— Não é isso — replicou Noah, sacudindo a cabeça. — O que eu queria perguntar era se o senhor acha que posso ficar aqui com o senhor.

— Aqui? — fez o velho olhando em torno. — Neste banco, num cruzamento?

Não me parece uma ideia muito sensata.

— Aqui, aqui, não — respondeu Noah. — Na loja de brinquedos. Eu poderia ir morar com o senhor, e o senhor me treinaria. Eu poderia aprender tudo sobre o trabalho em madeira e a arte de entalhar, e poderia atender na loja se o senhor quisesse sair de férias.

— Não pretendo tirar mais férias — replicou o velho, sorrindo e dando uns tapinhas na mão do menino. — Meu tempo de viagens ficou para trás.

— Bom, eu podia atender na loja de noite. Quando o senhor estivesse dormindo. Ela podia ficar aberta vinte e quatro horas.

— Não acho que teria clientela para justificar isso — retrucou o velho, franzindo as sobrancelhas. — Não, não acho, filho. Não me parece uma ideia muito sensata.

— Então eu talvez possa ser apenas seu aprendiz — sugeriu Noah. — O senhor poderia me ensinar tudo o que sabe. Eu poderia ajudá-lo e...

— Noah — disse o velho com uma voz meiga, sorrindo para o garoto —, você se esqueceu que já tem casa.

— Tenho? — replicou o menino, pensando se tinha mesmo ou não.

— Claro que tem.

— Não sei se vou tornar a me sentir em casa lá — disse Noah, apertando os olhos e olhando para a estrada, para onde ela ziguezagueava, virava e levava de volta para a segunda cidade, depois para a primeira e daí em direção à floresta e para a sua casa de paredes de pedra, onde sua mãe estava de cama.

— Pode ser que ela lhe cause uma sensação diferente — disse o velho. — Mas isso não quer dizer que você não deva voltar para lá. Eu deixei o coitado do meu pai sozinho tanto tempo que, quando voltei, era tarde demais para nós. Eu queria correr o mundo e só pensava em satisfazer os meus desejos. Não acho que você queira ver o mundo, quer?

— Quero sim! — gritou Noah entusiasmado. — Em todo caso, um dia — acrescentou em voz mais baixa.

— Se quer mesmo, se você seguir seu caminho, não acha que vai chegar um dia em que você vai ficar tão arrependido quanto eu?

Noah fez que sim com a cabeça. A verdade era que ele estava começando a ter saudade da sua casa e da sua cama. E embora ainda não soubesse como a história da sua mãe ia acabar, ela ainda estava lá agora, não tinha ido para lugar nenhum e tivera toda razão de querer passar o maior tempo possível com ele enquanto ainda pudesse. Já estava mais que na hora de ele fazer a mesma coisa. Não sabia quanto tempo mais iam poder estar juntos, mas mesmo que fosse só um dia ou dois, ainda assim podia ser tempo bastante para construir um montão de lembranças.

Noah bateu no chão várias vezes com o pé esquerdo, abriu a boca, fechou-a de novo, abriu-a, hesitou, depois chegou a uma decisão.

— Decidi voltar para casa — anunciou, levantando-se.

— Muito sensato — disse o velho.

— Mas o senhor acha...? — perguntou Noah fitando cheio de esperança seu novo

amigo. — O senhor acha que posso voltar aqui um dia? Só para uma visita? E ver o senhor trabalhar? Tenho certeza de que posso aprender muito com o senhor.

— Claro — respondeu o velho. — Mas você vai ter de me perdoar se passar a maior parte do tempo tirando lascas de velhos pedaços de pau. Acho que nunca conseguirei me emendar.

Noah sorriu e se virou, olhando para fora, na direção de onde havia vindo. Estava escuro agora, mas por alguma razão não tinha medo. Ele sabia que não aconteceria nada de ruim consigo.

— O senhor gostaria que eu o acompanhasse de volta à loja de brinquedos? — perguntou. — Eu posso, se o senhor quiser.

— Não, não, filho — disse o velho, meneando a cabeça. — É muita gentileza sua, mas acho que vou ficar sentado aqui mais um pouco, desfrutando o ar noturno. Meu amigo, o burro, passa quase toda noite por aqui. Tenho certeza de que daqui a pouco vai aparecer para a gente bater um papinho, antes de eu voltar para casa.

— Então está bem — disse Noah, trocando um aperto de mãos com o velho. — Muito obrigado pelo dia de hoje. Pelo almoço, digo. E por me mostrar sua loja.

— Será sempre bem-vindo — disse o velho.

— Bom, acho melhor eu ir indo — disse Noah, dando meia-volta; então, disparando rua afora na escuridão, correndo o mais depressa que podia, desapareceu na noite.

Noah Barleywater chegou em casa tarde da noite, depois do sol se pôr, depois dos cachorros adormecerem, depois do resto do mundo já ter ido para a cama.

Correu pela trilha do jardim que levava à sua casa, não ouvindo nada além do cri-cri dos grilos e do pio das corujas. Olhou para o andar de cima, para a única luz que estava acesa, a do quarto de seus pais. Parou um instante e ficou olhando para ela, engolindo nervosamente em seco e pensando na briga que ia ter de enfrentar por ter fugido de casa, mas não se preocupou com isso: a única coisa que importava era que não tivesse chegado tarde demais. Agora com medo de entrar, vai que o pior havia acontecido, poderia ter ficado horas e horas no frio se a porta da frente não tivesse se aberto um instante depois e seu pai não tivesse espiado da soleira, descobrindo seu filho ali, sozinho no escuro.

— Noah! — exclamou, olhando para ele, e Noah mordeu o beijo sem saber o que responder.

— Desculpe — sussurrou um instante depois. — Eu estava com medo. Por isso fugi.

— Estava preocupado com você — disse o pai de Noah, não parecendo nem um pouco furioso, mas sim aliviado. — Já ia sair à sua procura, mas alguma coisa me dizia que você estava são e salvo.

— Não cheguei tarde demais, não é? — perguntou Noah, fazendo a indagação cuja resposta ele mais temia. — Ainda vai dar tempo para...

— Você não chegou tarde demais — disse o pai, sorrindo um pouco. — Ela ainda está com a gente.

Noah suspirou aliviado e entrou. Mas assim que ele o fez, seu pai pôs as duas mãos nos ombros do menino e olhou fundo em seus olhos.

— Mas Noah, não vai demorar muito. Você sabe, não é? Não lhe resta muito tempo.

— Eu sei — disse Noah, assentindo com a cabeça.

— Então suba — disse seu pai, passando um braço por seu ombro. — Ela vai gostar de nos ver agora. Logo, logo vai chegar a hora de ela dizer adeus.

Subiram a escada juntos, e Noah parou na entrada do quarto dos pais, os olhos cravados na mãe.

— Ah, você está aí — ela disse, virando o rosto para o filho e sorrindo. — Eu sabia que você ia voltar para mim.

O ÚLTIMO TÍTERE

O velho ficou sentado mais um pouco no banco, pensando nos acontecimentos do dia, e só quando seus amigos, o salsicha e o burro, passaram por lá foi que ele se sentiu preparado para voltar à loja de brinquedos.

— Quer dizer que o garoto voltou pra casa? — indagou o salsicha, olhando ao redor para confirmar que estavam a sós. — Eu achava que ele ia acabar indo mesmo.

— É — fez o velho, erguendo a mão para cumprimentar o relógio cuco, que pairava acima da sua cabeça avisando que mais uma hora tinha passado.

— Eu nunca confiei muito nas pessoas que moram à beira da floresta — observou o burro. — Elas me parecem muito desagradáveis. Estive por lá algumas vezes, só para ver como era, e percebi que elas faziam as coisas mais incríveis. Sabe, uma vez vi uma mulher ainda jovem caminhando com um labrador na coleira, como se ela fosse dona dele ou algo assim.

— É verdade, essa gente tem uns comportamentos bizarros — concordou o velho. — Mas nem todos são ruins. Lembre-se, eu também vivia lá. Pápi e eu tínhamos uma casinha e da janela do meu quarto eu podia ver a floresta estender-se à minha frente. Não foram dias ruins, garanto.

— É, mas você veio viver aqui na aldeia — disse o salsicha. — Você tem bom senso.

— Foi mais uma decisão do meu pai do que minha — retrucou o velho. — Mas estou contente por ele ter nos trazido para cá.

— Hi-han! Hi-han! — zurrou o burro, agitadíssimo com o que ouvira.

— Não — disse o velho meneando a cabeça. — Não posso concordar com vocês nesse ponto. As coisas teriam sido diferentes, é claro, se não tivesse vindo. Mas por mim mesmo eu não teria desejado viver em outro lugar. Mesmo assim gostei da vida na loja de brinquedos. Fui feliz aqui.

Ele hesitou na porta da loja e contemplou a casinha toda desengonçada, construída com tanto amor pelo Pápi, e sentiu aquela velha saudade atormentá-lo.

— Você acha que ele vai voltar um dia? — perguntou o salsicha, virando-se um instante quando já se ia. — Estou falando do menino. Ele vai voltar para nos visitar?

— É possível — respondeu o velho com um sorriso. — Um dia ele encontrou o caminho para chegar aqui. Quem disse que não vai encontrar o caminho para voltar? Boa noite, amigos. Tenho certeza de que vou ver vocês todos amanhã.

Já era quase meia-noite agora e, depois de um dia tão exaustivo como aquele, ele

se sentia cansadíssimo. Até então nunca tivera companhia por tanto tempo num só dia e aquilo quase acabou com ele. Mesmo assim, não passava uma só noite em que não entalhasse um pouco antes de ir para a cama, por isso arrancou um galho da árvore do Pápi, que se soltou facilmente, como sempre, e fechou a porta da loja antes de subir para o ateliê. Sentou-se, pegou um formão e um martelo nas mãos envelhecidas e começou a trabalhar, tirando a casca e alisando a madeira antes de iniciar seu último títere.

Não demorou muito para a madeira começar a tomar a forma de um títere representando um menino — como sempre acontecia nessa etapa inicial. Só mais tarde, ao estar quase terminando, é que ele se transformou em outra coisa.

O velho continuou trabalhando.

Que títere idiota ele foi, concluiu, enquanto as lembranças de sua vida passavam por sua mente e ele entalhava a madeira. Optar por existir como menino e, depois, como homem, desistindo das aventuras maravilhosas que viveria como títere por toda a eternidade, desistindo de conhecer uma porção de lugares e fazer um montão de amigos... Por que diabos ele pensou que era melhor ser de carne e osso? Não dava para entender. Uma tristeza profunda se abateu sobre ele e ele tentou dissipar essas emoções continuando seu trabalho.

“Que coisa!”, pensou quando estava perto de terminar. “O títere me parece familiar. Mas de uma hora para outra ele certamente vai mudar.”

Pôs o formão e as facas na mesa e ergueu o títere na altura dos olhos. Um garotinho de pernas retas, bem-feitas, articuladas no joelho, com um corpo cilíndrico e liso, um par de braços magros e as mãos de uma só peça na ponta deles. Um rosto alegre, entusiasmado. Um nariz incômodo. E agora, um sorriso radiante. Finalmente tinha conseguido.

— Pinóquio — exclamou.



Fig. 13

~~putta~~

pinóquio, o títere

DEZ ANOS DEPOIS

A carta chegou na manhã do aniversário de dezoito anos de Noah. Ele estava deitado na cama se lembrando de como costumava acordar cedinho naquele dia quando era criança e descer correndo a escada para ver que presentes estariam à sua espera, mas resolveu que nesse ano não faria isso. Afinal de contas, agora já era um homem e seria meio bobo disparar escada abaixo. Sorriu ao lembrar que sua mãe sempre fazia para ele um café da manhã especial de aniversário, mas essa era uma das lembranças que não o faziam mais sentir-se triste. Ao contrário, o sorriso em seu rosto ficava mais largo quando recordava essas lembranças felizes dos seus primeiros oito anos de vida, que o ajudaram a moldar a pessoa que ele se tornou.

Era um rapaz sortudo, estimou. Algumas pessoas não têm nenhuma lembrança feliz. Ele viveu oito anos com sua mãe e dezoito com seu pai. Nada mau, pensando bem.

Pulou da cama e dirigiu-se à mesa que ficava do outro lado do quarto. “Ué, que gozado”, pensou ao ver seu formão no canto da mesa, porque tinha certeza de que o havia deixado lá embaixo, em sua oficina, na noite anterior. “Será que papai o trouxe para cá no meio da noite?”

Uma batida na porta o fez virar-se, e logo em seguida seu pai entrou para lhe desejar feliz aniversário. Trazia presentes da tia Joan, do primo Mark, do tio Teddy e também um envelope que o surpreendeu.

— De quem é? — perguntou Noah, pegando-o e olhando para ele como se fosse uma bomba-relógio capaz de explodir a qualquer momento.

— Não sei — respondeu seu pai. — Chegou pela entrega rápida. Só abrindo você vai saber.

Noah correu o dedo sob a aba do envelope e tirou um documento longo, que ele leu rapidamente, arregalando os olhos e tornando a ler cuidadosamente desde o início.

— Que é isso? — perguntou seu pai, e Noah limitou-se a balançar a cabeça e lhe estender o documento.

— Acho melhor você mesmo ler — falou.

No dia seguinte, Noah Barleywater pegou as chaves da Loja de Brinquedos Pinóquio e rumou para a aldeia. Seu pai quis acompanhá-lo, mas ele disse que não, aquele dia não, ele queria ir sozinho. Fazia dez longos anos desde quando lá estivera, e ficou espantado por se lembrar do dia em que, ainda criança, chegou à aldeia onde conheceu o artesão e dos fatos estranhos que haviam ocorrido. Tinha

prometido voltar para visitar o velho, mas por alguma razão, assim que voltou para casa a lembrança daquele dia pareceu ter se desfeito em sua mente até desaparecer por completo. Na verdade, quase nunca pensou nela de novo em todos aqueles anos, nem mesmo quando disse a seu pai que queria aprender a trabalhar direito a madeira e a entalhar, e havia arrumado um espaço no porão onde aprendeu por conta própria todos os segredos rudimentares de desbastar e aplinar, lascas e cortar, pintar e decorar — tudo o que tivesse relação com fazer brinquedos. Ele também se tornou muito bom nisso e os vendia nas festas da primavera e nas várias feiras que havia nas cercanias.

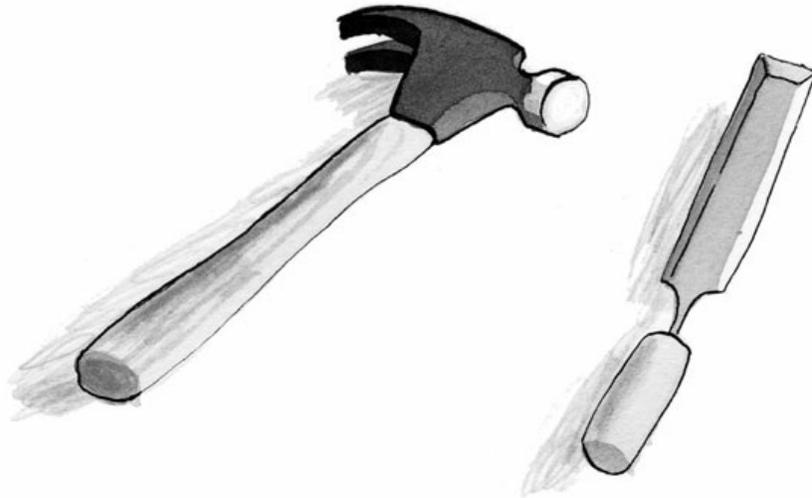


Fig. 14

Ferramentas
NECESSÁRIAS para
a MARCENARIA

Na verdade, foi só quando chegou aquela carta na manhã do seu aniversário de dezoito anos, dizendo que ele ia herdar a loja inteira, com tudo o que tinha dentro, que todas aquelas lembranças voltaram numa torrente. Mas havia uma condição para a herança: que ele reabrisse a loja e continuasse a trabalhar com brinquedos e títeres de madeira. Nada de plástico, nem metal, só madeira.

— Bom, isso eu sou capaz de fazer — disse, emocionado com aquele presente

inesperado, tanto mais que sua intenção era mesmo seguir a carreira de fazedor de brinquedos, e aquele era o lugar perfeito para começar.

A loja estava trancada quando ele chegou e enfiou a chave na fechadura, abrindo vagarosamente, pensando que era melhor pôr óleo para acabar com o rangido. Olhou para o alto da porta, a campainha deu um suspiro profundamente entediante, mas depois soou bem forte e sorriu para o rapaz, achando que ele ia querer ter uma conversinha com ela sobre aquele seu suspiro. Noah não se espantou ao encontrar o chão e o balcão cobertos de poeira.

“Bom, nada que uma boa limpeza não resolva”, disse consigo mesmo, e tratou de tirar os antigos brinquedos e títeres das prateleiras e guardá-los com cuidado no quarto dos fundos, enquanto começava o processo de devolver a loja à sua glória passada e iniciar sua nova vida como fazedor de brinquedos.

Passou o resto de seus dias lá, é claro, contente e feliz, trabalhando com madeira, formão e plaina. Uma vida cheia de alegria, como todas as vidas deveriam ser. E ao contrário do seu antecessor, ele nunca fez um brinquedo que não vendesse, porque logo a Loja de Brinquedos Pinóquio — ele manteve o nome — se tornou uma das mais bem-sucedidas num raio de oitenta e cinco quilômetros. De fato, os únicos títeres que nunca saíram das prateleiras ao longo dos anos foi o curioso elenco de personagens que o Pápi do velho, Geppetto, havia entalhado e que o velho lhe apresentara no dia em que se conheceram: a senhora Shields, o senhor Wickle, o príncipe, o senhor Quaker, dr. Wings... todos eles continuaram sossegados onde estavam. Nenhum cliente jamais lançou um olhar em direção a eles. Era como se não os enxergassem. Mas Noah conservou-os lá como uma lembrança, porque eles pertenciam ao dia que ele nunca mais iria esquecer.

Na verdade, tudo o que o velho havia deixado ainda estava presente na loja na manhã em que Noah chegou, e ele cuidou de cada peça como se fosse feita de ouro. Isto é, menos *uma*, que Noah nem reparou ao entrar na loja.

Um títere de madeira que havia estado no balcão juntando pó durante aqueles dez longos anos antes de ele herdar a loja.

O títere de um menino, de pernas retas, bem-feitas, articuladas no joelho, e um corpo cilíndrico e liso.

Ele estava sentado ali quando Noah entrou na loja deixando a porta escancarada enquanto inspecionava sua nova casa, para que qualquer um pudesse entrar — ou sair.

E quando ele se virou de novo...

Como que por mágica...

O títere do Pinóquio...

Tinha desaparecido.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a David Fickling, Bella Pearson, Simon Trewin, Jane Willis, e à equipe da Random House Children's Books e da United Agents por todos os seus conselhos e incentivos.

E a Con, por seu amor e apoio constantes.

